

Afonso da Rocha Aguiar



EVOLUÇÃO DA IMPRENSA
DESPORTIVA PORTUGUESA
(1946- 2006)

Estudo do caso: O Jornal a Bola e a Volta a Portugal
em Bicicleta.

Universidade Fernando Pessoa

Porto - 2015

Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006) - Estudo do Caso: o Jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006) - Estudo do Caso: o Jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Afonso da Rocha Aguiar

Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006)
Estudo do Caso: O jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2015

Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006) - Estudo do Caso: o Jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Autor: Afonso da Rocha Aguiar

Título: Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006). Estudo do Caso: O Jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Assinatura:

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação – Ramo Jornalismo

Resumo

Este estudo é sobre a imprensa desportiva portuguesa. Apesar de se cingir à Volta a Portugal em Bicicleta e de pormenorizar unicamente o jornal *A Bola*, esta tese debruçou-se sobre a evolução da imprensa desportiva portuguesa entre 1946 e 2006, analisando a ausência ou presença de discurso político e político-desportivo e as mudanças no doutrinário, a fomentação de regionalismos, rivalidades clubísticas e nacionalismo por parte dos jornalistas, bem como as fotos, as infografias e o preço do jornal. Com o intuito de contextualizar o período desportivo em análise, mais concretamente a Volta a Portugal, também se desenvolveu a história da mesma, sobre o prisma desportivo, político e cultural.

Após o estudo do caso, conclui-se que, efetivamente, havia um discurso político-desportivo antes do 25 de abril sendo que, nos anos vindouros à revolução dos cravos, esse discurso passou também a abranger o caráter social. No discurso doutrinário, já nos anos 70 se assistiu a uma transformação do paradigma de apologia ao desporto em louvor do atleta-herói, transcendental, que nos anos 90 deu origem a um herói mais humano.

Durante a ditadura do Estado Novo, com a participação dos chamados “três grandes” (Benfica, Sporting e Porto) na Volta, as rivalidades clubísticas era bastante fomentadas pelos jornalistas, fazendo com que a Volta fosse a continuação da época de defeso do futebol. Inicialmente, o nacionalismo desportivo não era muito fomentado, visto que consideravam a presença de estrangeiros no nosso “Tour” bastante prestigiante. No entanto, sempre que um forasteiro ameaçava vencer a Volta, tal não era visto com bons olhos, sendo considerado “estranho”. Por outro lado, apesar da irregularidade derivada do contexto de cada ano, a rivalidade Norte-Sul esteve sempre, de uma forma ou de outra, presente.

Em relação às fotos e infografias, verificou-se uma evolução natural, provocada pelo desenvolvimento gráfico e tecnológico.

This study is about the portuguese sportive press. Although it's directed to the Volta a Portugal on bike, and it's directed essentially to the newspaper *A Bola*, this thesis addresses the portuguese sportive press evolution from 1946 to 2006, by analysing the

absence or presence of political speech and the doctrinaire changes, the creation of regionalisms, club rivalries and nationalisms from the journalists, as well as the pictures, the infographics and the newspaper cost. With the intention of contextualizing the sportive period in study, essentially the Volta a Portugal, it was also developed its history, under the sportive, political and cultural prism.

After the case study, it was concluded that there was, indeed, a sportive-political speech before 25th of April and, in the years after the Carnation's Revolution, that speech went from an apology of the sports to a praise of the sportive and transcendental hero-athlete. In the 90's that hero became more human.

During the Estado Novo, with the participation of the three biggest Portuguese clubs (Benfica, Sporting and Porto), it was noticed some clubistic rivalries promotions, by the journalists, which led to Volta a Portugal being connoted as the continuation of the football season. In the beginning, the sportive nationalism wasn't very developed, because foreigners were seen as prestigious for the Portuguese "Tour". However, every time an outlandish threatened to win it, it was badly seen, as it was strange. Nevertheless its irregularities caused by the temporal context of the period, the North and South rivalry was always present.

In what concerns to the pictures and infographics, it was noticed a natural evolution, caused by some graphic and technological development.

Dedicatória

- Excerto retirado da música “Nights in white satin” dos Moody Blues e dedicado a António José Lemos da Rocha (1955-2014), mais que um tio, mais que um amigo, mais que um confidente, uma parte de mim:

“Nights in white satin never reaching the end. Letters I've written never meaning to send. Beauty I've always missed, with these eyes before, just what the truth is, I can't say any more:

Because I love you”

- Poema para o meu avô, Francisco António Aguiar, um exemplo de dedicação que pretendo seguir, e que tudo o que pôde, fez para me ajudar a conseguir os meus objetivos.

“Acorda cedo, sai às pressas
para chegar na hora certa,
ele é o professor.

Na escola ele ensina:
Geografia, Português,
Matemática, História, Inglês
e espera o resultado
em ver todos aprovados.

Ele é o professor.

Se dedica com amor
à profissão que abraçou,
pois desde cedo queria
ter um espaço na vida
e ser um grande professor.

Aqui fica o meu recado,
por tudo, muito obrigado,
pelo que foi ensinado
por você, meu professor.”

Agradecimentos

Dada a objetividade necessária para o cumprimento de uma tese, decidi, nos meus agradecimentos, introduzir um tom mais subjetivo, engraçado e ligeiro, para criar uma espécie de introdução que anime o espírito de quem leia o produto final. Afinal, esta parte da minha tese foi criada com o intuito de reconhecer quem me ajudou, durante os dois anos em que eu estive no Mestrado de Ciências da Comunicação – Ramo Jornalismo, na Universidade Fernando Pessoa.

Portanto, acho próprio e respeitoso para com todos, que eu fale do fundo do coração e sabe-se que eu nunca perco uma oportunidade para brincar, porque a vida é séria e grisalha todos os dias, pelo que temos, sempre que possível, de lhe atribuir algum humor e alguma cor.

Assim sendo, primeiramente gostaria de agradecer a todos os membros pertencentes ao meu ambiente familiar, desde: aos meus pais, Maria Inês Lemos da Rocha Aguiar e Carlos Alberto de Moreira Aguiar, que, apesar de toda a sua insanidade, me criaram o melhor que puderam e me mostraram que o mundo não é só preto e branco – espero deixar-vos orgulhosos; à minha irmã, Francisca da Rocha Aguiar, que me incentivou com o seus berros metódicos a ultrapassar as adversidades – obrigado kika, apesar de seres uma chata ajudaste-me muito e não te trocava por ninguém; ao meu avô, Francisco António Aguiar, que muito me auxiliou durante toda a minha educação, desde a primária até agora, sendo uma espécie de tutor; à minha avó, Arlete da Conceição Lemos da Rocha, e à minha tia, Maria da Conceição Rocha, pela força e carinho que me transmitiram; à minha namorada, Mafalda de Amaral Resende Rocha Pereira, por me ter redescoberto – tu sabes o que eu quero dizer. Todos eles, com resultados distintos e de diferentes formas, me auxiliaram neste novo desafio que enfrentei.

Também gostaria de agradecer ao meu orientador, Jorge Pedro Sousa, por me ter guiado, através da sua experiência e conhecimento, durante as várias fases da tese.

A minha gratidão também se estende a amigos e colegas que me acompanharam durante este período, dos quais destaco os seguintes:

- Ana Catarina da Silva Rocha, umas das minhas mais velhas amigas, com a qual, em toda a nossa excentricidade, juntos acabamos por criar uma rivalidade saudável, produtiva e ternurenta;

- Cláudio Miguel Santos Correia, que conheço desde os meus 12 anos e que, de uma forma bastante ortodoxa, sempre me mostrou ser meu verdadeiro amigo – És o maior morcão que conheço, a seguir a mim.
- Gonçalo Emanuel Jesus Ferreira, um feioso tal como eu, meu antigo colega durante a licenciatura em História, com quem partilhei inúmeras estórias e momentos e cuja opinião prezo bastante;
- Inês Filipe Cerqueira Basto Carvalho, minha antiga colega durante a licenciatura em História – uma amiga que estimo muito, ao ponto de a ver como uma segunda irmã, e com quem sei poder contar, visto que os dois somos uns “doidos varridos”;
- Paulo Amorim, outro antigo colega do curso de História, possuidor do nariz mais sexy de sempre, a seguir ao do Cyrano de Bergerac (mas felizmente com mais sucesso entre as mulheres do que este) tendo sempre me encantado com a sua voz da experiência e a sua visão compreensiva do mundo;
- Ricardo (amigo tens um nome imensamente comprido e o da Inês já me custou a escrever) Seabra – obrigado por, da tua forma sempre educada e gentil, me teres aconselhado, através das tuas experiências conquistadas na efetuação da tua tese;
- Sandro Rafael Queirós Monteiro, o “Ted” português, o maior apaixonado platónico que conheci até hoje, resumidamente um sonhador, que sempre me animou com a sua alegria, a sua energia inesgotável e a sua força de lutar;
- Tiago Silva, o mítico “Jobim”, uma das pessoas mais genuínas que conheci e com que privei muitos momentos cómicos, às vezes embaraçosos, mas sem nunca deixar de me fazer rir.

Também gostaria de agradecer às minhas três colegas de mestrado: Bruna Valente, Ana Silva e Rita Morais por terem criado um ambiente divertido, interessante e em nada enfadonho, durante as aulas.

Durante este período de dois anos, muita coisa aconteceu na minha vida, o que me ajudou a tornar uma pessoa mais forte e capaz. Sofri, fui feliz, concretizei sonhos, vi outros serem arruinados, em suma, vivi; e gostaria de agradecer a todos as outras pessoas que estiveram presentes durante este período. Quer me prejudicassem, quer me beneficiassem, um muito obrigado a todos vocês, por me terem ajudado a crescer.

Índice Geral

Pág. 14 – Introdução

Pág. 17 – Capítulo I – História da Volta a Portugal em Bicicleta

Pág. 19 – 1.1. Surgimento da Volta a Portugal em Bicicleta

Pág. 20 – 1.2. Edição de 1946

Pág. 21 – 1.3. Anos 50

Pág. 23 – 1.4. Anos 60

Pág. 25 – 1.5. Antes da Revolução

Pág. 27 – 1.6. Pós-Revolução

Pág. 28 – 1.7. Anos 80

Pág. 30 – 1.8. Anos 90 – Internacionalização do Ciclismo Português

Pág. 32 – 1.9. Séc. XXI

Pág. 33 – 1.10. Patrocinadores da Volta a Portugal

Pág. 34 – Capítulo II – *A Bola* e o Ciclismo no jornalismo desportivo português

Pág. 34 – 2.1. Síntese do surgimento do jornalismo desportivo

Pág. 36 – 2.2. Aparecimento do jornal *A Bola*

Pág. 38 – 2.3. Primeira década do jornal *A Bola*

Pág. 41 – 2.4. Período do Estado Novo

Pág. 44 – 2.5. Período Revolucionário em Curso (PREC)

Pág. 46 – 2.6. Primeiros anos de liberdade de expressão na Imprensa

Pág. 49 – 2.7. *Novo Jornalismo*

Pág. 50 – 2.8. Últimos anos

Pág. 54 – **Capítulo III – Estudo do Caso “Cobertura Mediática do jornal A Bola sobre a Volta a Portugal em Bicicleta (1946 – 2006)”**

Pág. 54 – 3.1. Metodologia

Pág. 55 – 3.2. Antes do 25 de abril

Pág. 56 – 3.2.1. A ausência ou presença do discurso político

Pág. 65 – 3.2.2. Preço

Pág. 65 – 3.2.3. Fotos, Infografias e Cartoons

Pág. 71 – 3.2.4. Publicidade

Pág. 72 – 3.2.5. Discurso Doutrinário

Pág. 75 – 3.2.6. Exame geral da abordagem da Volta a Portugal

Pág. 82 – 3.2.7. Clubismos – Regionalismos – Nacionalismos – Popularidade da Volta

Pág. 89 – 3.3 Pós-25 de abril

Pág. 89 – 3.3.1. Ausência ou presença do discurso político

Pág. 98 – 3.3.2. Preço

Pág. 100 – 3.3.3. Clubismos – Regionalismos – Nacionalismos – Popularidade da Volta

Pág. 109 – 3.3.4. Publicidade

Pág. 110 – 3.3.5. Fotos, Infografias e Cartoons

Pág. 118 – 3.3.6. Exame geral da abordagem da Volta a Portugal

Pág. 123 – 3.3.7- Discurso Doutrinário

Pág. 126 – **Conclusão**

Pág. 129 – **Bibliografia**

Pág. 132 – **Anexos**

Índice de Figuras

Pág. 18 – Figura 1. A Volta – A Festa do Povo

Pág. 26 – Figura 2. Doping de Agostinho – *A Bola*

Pág. 39 – Figura 3. *Seleção – Semanário Gráfico de Todos os Desportos*

Pág. 48 – Figura 4. Jornal *Duas Rodas*

Pág. 69 – Figura 5 e 6. Fotos inovadoras de 1973

Pág. 70 – Figuras 7 a 10. Infografias de 1946, 1956, 1966 e 1973, respetivamente

Pág. 71 – Figura 11. Infografia da altimetria da subida à Torre

Pág. 79 – Figura 12. Vitória de Joaquim Agostinho – Volta-73

Pág. 80 – Figuras 13 e 14. Abordagem da Cobertura da Volta de 1946

Pág. 81 – Figuras 15 e 16. Abordagem da Cobertura da Volta de 1956

Pág. 81 – Figuras 17 e 18. Abordagem da Cobertura da Volta de 1966

Pág. 81 – Figuras 19 e 20. Abordagem da Cobertura da Volta de 1973

Pág. 93 – Figura 21. Favoritos na capa de *A Bola*, na Volta-2006

Pág. 106 – Figura 22. Crónica “Lendas, Pessoas e Paisagens”

Pág. 107 – Figura 23. Antevisão da etapa seguinte em 2006

Pág. 110 – Figuras 24 e 25. Publicidade à Citroen e BMW

Pág. 111 – Figuras 26 e 27. Fotos de 1976

Pág. 112 – Figuras 28 e 29. Fotos de 1986

Pág. 112 – Figura 30. Plano Americano de 1996

Pág. 113 – Figura 31. Plano Americano de 2006

Pág. 117 – Figura 32 e 33. Infografias de 1976 e 1973, respetivamente

Pág. 118 – Figuras 34 e 35. Infografias de 1996 e 2006

Pág. 119 – Figura 36. Antevisão da etapa seguinte, em 2006

Pág. 120 – Figuras 37, 38 e 39 – “Filmes/Fichas de etapa” de 1966, 1996 e 2006

Índice de Gráficos

Pág. 65 – Gráfico 1. Preços antes do 25 de abril

Pág. 66 – Gráfico 2. Alvos das fotos antes do 25 de abril

Pág. 66 e 67 – Gráfico 3. Alvos das fotos dos ciclistas antes do 25 de abril

Pág. 99 – Gráfico 4. Preços depois do 25 de abril

Pág. 114 – Gráfico 5. Alvos das fotos pós-25 de abril

Pág. 114 – Gráfico 6. Alvos das fotos dos ciclistas pós-25 de abril

Prefácio

Uma tese de mestrado serve muitas vezes para preparar o futuro. Poderá ser o início de um tema para um doutoramento, ou um aprofundamento de uma temática numa determinada área, neste caso do ciclismo no jornalismo desportivo, ou mesmo constituir um trabalho isolado, pelo que deveremos escolher um tema ao nosso gosto.

Assim, na ilusão de um dia se conseguir algo de mais concreto com esta tese, optou-se por escolher uma área ligada à história, ao desporto e ao jornalismo, áreas onde o mestrado (Licenciado em História, a concluir o Mestrado em Ciências da Comunicação – Ramo Jornalismo e ex-praticante federado de diversos desportos) se defende relativamente bem.

No entanto, antes de desenvolver esta temática, é forçoso explicar a escolha do tema. Para além das referidas vantagens do mestrando, dado o seu currículo, desde criança que ele foi habituado a assistir à Volta a Portugal e, posteriormente, à Volta a Itália e à Volta a França com o seu pai, adepto estudioso do ciclismo. Assim, o próprio mestrando desenvolveu um gosto especial por este desporto, deveras enraizado no nosso país e com tradição histórica, como veremos mais à frente.

Introdução

A Volta a Portugal sempre teve uma grande importância no panorama desportivo nacional. Apesar de a zona centro do país não ser uma acérrima fã do ciclismo, tem de se lembrar que, tanto o Norte como o Sul, desde o início da volta, são adeptos fervorosos deste desporto.

A Volta a Portugal, enquanto participavam os três grandes (Sporting, Benfica e FC Porto), era vista como uma continuação da época do futebol, havendo, inclusive, até à década de 50, torneios de futebol na festa final da Volta, onde participavam os melhores clubes do país.

Além disso, é incontornável considerar-se Joaquim Agostinho como uma das maiores figuras do desporto nacional. Embora Rui Costa tenha um palmarés impressionante, graças a vitórias inéditas no desporto português, aquele conseguiu dois terceiros lugares no “Tour de France”, a maior prova velocipédica do mundo, e um segundo lugar polémico (visto que há quem diga que o mesmo foi o verdadeiro vencedor) na “Vuelta a España”, que é uma espécie de lugar tenente da Volta à França.

Este tema – Análise da evolução da cobertura do jornal *A Bola* à Volta a Portugal em bicicleta – tem algo de original, dado que ele aborda uma modalidade diferente, no âmbito do jornalismo, sendo que através desta análise conseguirão constatar-se as mudanças realizadas no jornalismo desportivo do nosso país, ao nível do discurso doutrinário, da presença do discurso político, da evolução do aspeto gráfico e ainda da criação de nacionalismos, bairrismos e clubismos.

Derivado disso, é importante analisar as possibilidades desta tese, ou seja, mencionar os objetivos que nela são propostos:

- Analisar a ausência ou presença do discurso político e politico-desportivo no jornalismo desportivo;
- Definir a ideologia doutrinária;
- Estudar a eventual influência dos jornalistas na criação de clubismo, regionalismo e nacionalismo;
- Determinar a importância da Volta a Portugal no jornalismo desportivo português;
- Discutir os aspetos gráficos e monetários de *A Bola*.

Em suma, nesta tese é pretendido analisar-se a evolução do jornalismo desportivo português através dos exemplos de *A Bola* e da Volta a Portugal em bicicleta.

Para isso, admitiram-se várias hipóteses, nomeadamente:

- A Volta a Portugal antes do 25 de abril seria a continuação do período do futebol, havendo para isso realce para a rivalidade dos três grandes (Benfica, Sporting e Porto), sendo que, após o 25 de abril, com a mudança do panorama nacional do ciclismo e com a passagem do patrocínio às equipas por empresas, a Volta terá estagnado na rivalidade clubística, passando a basear-se mais na sua popularidade, ou no fator nacionalismo;
- Eventualmente, terá havido uma mudança no discurso doutrinário, passando da missão em nome da causa desportiva para a apologia do herói, ou seja, mudou-se da ênfase ao desporto e às equipas para o realce da figura do ciclista, isto baseando-nos nos pressuposto de Pinheiro (2001);
- De acordo com Coelho (2004), terá havido um certo nacionalismo presente no discurso do jornalista, principalmente durante o Estado Novo (1930- 1974), após o PREC (pós-1976) (Período Revolucionário em Curso) e quando participam equipas estrangeiras na Volta.

Para a elaboração desta tese optou-se por constituir uma amostra de oito anos distintos desde a criação do jornal *A Bola*, tendo como método uma recolha de dados de década em década – 1946, 1956, 1966, 1976, 1986, 1996 e 2006 - com a exceção de 1973, que foi escolhida de forma a melhor se compararem as mudanças verificadas após a Revolução dos Cravos.

Assim, optou-se por dividi-la em três capítulos principais, sendo um destinado à evolução da imprensa desportiva (mais concretamente do periódico *A Bola* e do jornalismo ciclístico), outro dirigido à história da Volta a Portugal em Bicicleta, ambos originários e com os dados basilares necessários para a elaboração de um terceiro capítulo, ligado ao levantamento e discussão de dados, cada um deles com os respetivos subcapítulos.

Para a análise da evolução da imprensa desportiva portuguesa, utilizou-se como base o livro de Francisco Pinheiro (2001), *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, tendo-se acrescentado algumas informações colhidas noutras origens, com destaque para alguns

capítulos do artigo “Vestir a Camisola – Jornalismo Desportivo e a Seleção Nacional de Futebol”, de João Coelho (2004), publicado na revista *Media e Jornalismo*,

Procedeu-se desta forma, porque o livro de Francisco Pinheiro contém informações desde os finais do século XIX até ao final do século XX e o segundo abordava algumas partes do jornal *A Bola*, que reuniam informações adicionais importantes.

No capítulo A Volta a Portugal, usou-se como referência o artigo *Memorial do Ciclismo em Portugal*, da Federação Portuguesa de Ciclismo (2013) e ainda alguns extratos do livro *História do Ciclismo em Portugal*, de Miguel Barroso (2001)

Estes dois livros foram escolhidos, porque, no primeiro caso, puderam recolher-se dados diretamente da Federação Portuguesa de Ciclismo (UVP-FCP), dando-lhe um ar mais oficioso e no segundo, embora se pudessem ter usado outros dados, ou outros livros, este era o único que abordava a história do ciclismo em Portugal e não somente da Volta a Portugal – num livro inteiro – o que permitia uma visão mais ampla dos aspetos exteriores à mesma Volta.

No 3º capítulo, apelidado de “Estudo do Caso «Cobertura mediática do jornal *A Bola* sobre a Volta a Portugal em Bicicleta (1946-2006)»” fez-se uma exposição discussão dos dados recolhidos no periódico *A Bola*.

Capítulo I. História da Volta a Portugal em Bicicleta

Devido ao período escolhido para a análise desta tese, iremos dar maior atenção aos anos que irão ser alvo de estudo. São eles: 1946, 1956, 1966, 1973, 1976, 1986, 1996 e 2006.

As primeiras corridas de que há notícia em Portugal datam de 1885, em competições organizadas pelo Ginásio Clube Português no Hipódromo de Belém, onde triunfou entre outros, Herbert Dagge, que muitos historiadores consideram ser o “pai do ciclismo em Portugal”. Desde esta época até à criação da União Velocipédica Portuguesa, a maior parte das corridas eram organizadas pelo União Velocipédica Espanhola e por alguns clubes portugueses.

Em 1901, foi reconhecida oficialmente a União Velocipédica Portuguesa (UVC), que mais tarde se transformará na Federação Portuguesa de Ciclismo, embora esta tivesse sido criada originalmente em 1899, na sede do jornal Tiro Civil. A UVC era presidida pelo segundo Conde de Caria e faziam parte da Comissão, entre outros, Anselmo de Sousa, Luís Magalhães Fonseca, Augusto de Sousa Magalhães e Carlos Calixto.

A 1 de Janeiro de 1944 a UVP adotou a designação de Federação Portuguesa de Ciclismo, ficando as siglas da seguinte forma: UVP-FPC.

Durante os primeiros anos, a UVP desenvolveu uma intensa atividade com os diversos clubes da altura: Real Ginásio Clube, Real clube Velocipédico Português, Velo Clube de Lisboa, entre outros. Posteriormente, antes da 1ª Guerra Mundial, juntaram-se vários outros clubes, dos quais realçou-se o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal e o Belenenses F.C.

Entretanto, o ciclismo, que era visto como uma modalidade de elites (como a maioria dos desportos nessa altura), popularizou-se após a 1ª guerra mundial, aumentando o número de praticantes e abrangendo todas as classes sociais. Assim, a partir de 1919 filiaram-se o Sport Lisboa e Faro, o F.C. do Porto, o Académico F.C, o Sangalhos Sport Club e o Salgueiros F.C.

O impulso provocado pelo Porto-Lisboa, criado em 1911, depois da 1ª Grande Guerra, proporcionou o surgimento de muitas novas competições.

1.1 Surgimento da Volta a Portugal em Bicicleta

No panorama internacional europeu, desde 1903 havia uma corrida de vários dias a ligar várias cidades francesas: o Tour de France. Em 1909 os italianos imitaram a ideia gaulesa e criaram a sua própria competição: o Giro d'Italia.

Em Portugal, desde 1917, o jornalista de Raul Oliveira começou a reclamar nas páginas do *Sport Lisboa* a realização de uma competição portuguesa semelhante ao Tour de France e ao Giro d'Itália.

No final da 1ª Guerra Mundial, Raul de Oliveira viajou para França integrado no regimento de Transmissões. Em 1919, quando o conflito terminou, este jornalista, que se manteve em França durante algum tempo, foi convidado a integrar a caravana do “Tour”.

Quando regressou a Portugal, Raul de Oliveira tornou-se chefe de redação do jornal *Sports*, que pertencia à mesma empresa do *Diário de Notícias*. De imediato, este jornalista procurou convencer o administrador Beirão de Veja a seguir o exemplo do jornal francês *L'Auto*, promotor do Tour de France. (Barroso, 2001, p. 34)

Inicialmente, testou-se a possibilidade da realização de uma grande volta com a criação da 1ª Volta a Lisboa, em 1923, e o sucesso da corrida foi tanto que a administração do *Diário de Notícias* começou a entusiasmar-se com a ideia, visto que a popularidade da competição poderia ser um veículo de promoção do jornal fora de Lisboa, num mercado que era então dominado pelo jornal *O Século*.

A primeira edição da Volta a Portugal, organizada pelos jornais *Diário de Notícias* e *Sports*, disputou-se em 1927, tendo os ciclistas percorrido 1965 km, repartidos por 18 etapas. Entretanto, a Volta a Portugal em Bicicleta sofreu um interregno e só voltou a realizar-se em 1931.

Nos anos 30, a Volta a Portugal marcou-se pela rivalidade entre Nicolau e Trindade, tendo o primeiro vencido em 1931 e 1934 e o segundo em 1932 e 1933. De 1935 a 1937 houve um interregno provocado pela guerra civil espanhola (S/A, 2014), tendo regressado em 1938 e 1939, pelas mãos do *Diário de Notícias* e pelo *Sports* e em 1940 e 1941, durante a 2ª Guerra Mundial, a organização do evento pertenceu ao C.A.C.O. (Clube Atlético de

Campo de Ourique), antes de haver um nova interrupção devido à 2ª Grande Guerra. (Barroso) Esta época também se caracterizou pela primeira edição da Volta a Portugal que ultrapassava os limites da fronteira de Portugal, tendo visitado a cidade galega de Vigo.

1.2 Edição de 1946

Em 1946, a Volta a Portugal em Bicicleta foi retomada e patrocinada pelo *Diário de Notícias* e pelo *Mundo Desportivo*, substituto do jornal *Sports*.

Os 2.306 quilómetros distribuídos por 29 etapas foram disputados em 23 dias e a vitória coube a José Martins, da equipa Iluminante, que já se havia destacado pelo segundo posto da Volta a Portugal em 1941, com a conquista dos 100 km de contrarrelógio em 1944 e com uma vitória no circuito 1º de Maio, em Espanha, no ano seguinte. José Martins voltaria a vencer a Volta em 1947, mas com a camisola do Benfica.

O estreante do FC Porto, Fernando Moreira (que haveria de ganhar a competição em 1948, sendo o primeiro vencedor do Norte de Portugal) ficou em segundo lugar a 3 minutos e 21 segundos, enquanto João Rebelo do Sporting, que logrou um 6º lugar na Volta a Espanha de 1945, coincidente com duas vitórias em etapas, e ainda, no mesmo ano, venceu o Circuito da Mealhada, ficou-se pelo 3º lugar a mais de 13 minutos do vencedor.

Esta edição marcou-se por um número máximo de participantes até então, tendo atingido, entre Independentes e Amadores, 67 ciclistas, 30 dos quais ficaram pelo caminho.

O primeiro líder desta edição foi o sprinter portista Onofre Tavares, tendo, poucas etapas depois, João Rebelo envergado a camisola amarela, que havia de perder para José Martins no contrarrelógio. (S/A 2014).

A cobertura da Volta a Portugal em Bicicleta, pelo jornal *A Bola*, coube a Lança Moreira.

1.3 Anos 50

Após a vitória de Fernando Moreira em 1948, o FC Porto venceu as duas edições seguintes através de Dias do Santos.

No entanto, os anos 50 ficaram marcados por uma espécie de reedição de um duelo de campeões (Barroso, 2001, p. 61), fazendo lembrar os tempos de Nicolau e Trindade. Os dois nomes que sobressaíam nesta altura foram os de Alves Barbosa e Ribeiro da Silva.

Alves Barbosa, nascido a 1931, era filho de um antigo ciclista, José Alves Barbosa. Na realidade este corredor chamava-se António Silva Barbosa, mas com a ânsia de participar em grandes competições, obrigatoriamente para maiores de 18 anos, inscreveu-se com outro nome: António Alves Barbosa. (Barroso, 2001, p. 62)

Em 1950 entrou pela primeira vez na Volta a Portugal pelo Sangalhos, tendo ficado em 19º lugar, mas no ano seguinte, com apenas 19 anos, venceu a prova, tendo conservado a camisola amarela, símbolo de líder da prova, do primeiro ao último dia.

Na edição de 1952, Alves Barbosa não pode competir, por força do serviço militar e entre 1953 e 1955 a prova não se realizou devido a dificuldades financeiras do jornal *Diário do Norte*, que havia financiado a prova entre 1950 e 1952.

No ano de 1955, sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Ciclismo em conjunto, nesse ano, com o Mundo Desportivo, assistiu-se a um dos momentos mais traumáticos da história da Volta a Portugal.

Nesse ano, Alves Barbosa regressava a esta competição, mas teve de enfrentar um jovem, nascido em 1935, em Lordelo e que representava as cores do Académico. O seu nome era Ribeiro da Silva.

À partida para a última etapa havia 28 segundos a separa-los, com Barbosa na liderança, mas o portista Sousa Santos, terceiro na geral, atacou em Oliveira de Azeméis. Com o pelotão na perseguição, a multidão invadiu a estrada na zona de Carvalhos, tendo derrubado e agredido Alves Barbosa. Para Barroso (2001), este ato deveu-se ao facto de “os adeptos portuenses, ansiosos por um novo triunfo do Futebol Clube do Porto, já consideram de somenos uma vitória do concorrente academista. Alguns não admitem sequer a vitória de um concorrente nascido a Sul do Douro”.

Assim, com Alves Barbosa no grupo de trás, Ribeiro da Silva acabaria por alcançar Sousa Santos, terminando no mesmo grupo deste e à frente do corredor do Sangalhos. Em primeiro lugar nessa edição ficou Ribeiro da Silva, em segundo Sousa Santos e em terceiro Alves Barbosa.

No ano seguinte, Alves Barbosa chegou à Volta a Portugal moralizado por um 10º lugar no Tour de France (primeira participação de um português na prova gaulesa), que motivou uma série de capas durante o mês do julho (ver anexo 27) e acabou por se vingar da derrota averbada no ano anterior.

Com o final em Lisboa e não na cidade do Porto, Alves Barbosa não foi vítima de ataques e acabou mesmo por vencer pela segunda vez a Volta a Portugal, tendo inclusive ganho dez das 23 etapas, duas das quais no último dia, triunfado no prémio da montanha e relegando Ribeiro da Silva para o segundo posto a sete minutos e 46 segundos.

Neste ano, Carlos Pinhão fez a “reportagem” da Volta, no jornal *A Bola*.

Ribeiro da Silva voltaria a vencer a Volta a Portugal em 1957, no mesmo ano que termina no 4º posto na Volta a Espanha, mas acabaria por falecer em 1958, vítima de um acidente de motorizada, ano em que Alves Barbosa venceu uma edição pela última vez.

1.4 Anos 60

À semelhança do futebol, a velocipedia portuguesa viveu a década de sessenta à sombra dos “três grandes” (FC Porto, SC Portugal e SL Benfica). O Ginásio Tavira representava o papel do Belenenses no desporto-rei, sendo o quarto clube com maiores pretensões. (Barroso, 2001, p. 72)

De 1959 a 1962, por quatro vezes consecutivas, o FC Porto conseguiu vencer a prova rainha do ciclismo português através de Carlos Carvalho em 1959, Sousa Cardoso em 1960, Mário Silva em 1961, e José Pacheco em 1962.

Ao fim de 15 anos sem vencer, o Sporting através de João Roque, conseguiu interromper o ciclo vitorioso do FC Porto. Nesse ano, Jorge Corvo ficou no pódio pela segunda das três vezes, sendo equiparado ao francês Polidor, conhecido por ser o eterno segundo.

Em 1963, Joaquim Leão venceu a Volta a Portugal, relegando novamente Jorge Corvo para segundo classificado e, em 1964, Jorge Peixoto venceu a Volta a Portugal, dando assim a primeira vitória do Benfica nesta prova desde o triunfo de José Martins em 1947.

A edição de 1966 coincidiu com a primeira participação portuguesa num Mundial de Futebol. A Flândria apresentou uma formação forte, mas não conseguiu a proeza de levar um estrangeiro a vencer a volta pela primeira vez – algo que aconteceria no ano seguinte com Houbrechts.

Contra todas as expectativas, foi o benfiquista Francisco Valada (o melhor que havia conseguido até então fora um 5º lugar na edição de 1962, ano em que inclusive terminou a Volta a Espanha em último lugar). Com isso, ele imitou Peixoto Alves, vencedor da edição anterior, e arrecadou a liderança a meio da prova para nunca mais a perder.

Na etapa que fez a primeira passagem pela capital, o Benfica venceu através de Pedro Moreira e Francisco Valada vestiu a amarela. Com Peixoto a servir de resguarda, caso Valada claudicasse, o Benfica conseguiu o primeiro e segundo posto da geral, relegando Sérgio Páscoa para o terceiro lugar, a 40 segundos do vencedor e a oito do segundo classificado.

João Roque, que havia vencido a Volta em 1963 e que dera boa conta de si em provas como a Volta a Espanha, foi uma sombra de si mesmo, tendo-se apresentado abaixo das expectativas.

Em 1966, já com a denominação de “enviados especiais”, Carlos Miranda e Vítor Santos foram os jornalistas responsáveis pela cobertura da Volta do jornal *A Bola*.

Os anos 60 também se caracterizaram pelo surgimento de um jovem prodígio: Joaquim Agostinho, que se estreou com um segundo lugar em 1968. No ano seguinte, ao serviço da Fritanic, Joaquim Agostinho iniciou-se nas competições internacionais, tendo inclusive vencido duas etapas da volta a França. Após este sucesso, Joaquim Agostinho regressou a Portugal e foi aclamado como herói. Nesta edição da Volta a Portugal, apesar de desgastado pelo Tour de France, ainda conseguiu vencer a geral e uma etapa – o contrarrelógio que terminou no Estádio de Alvalade – conseguindo suplantar os ciclistas Joaquim Andrade, Fernando Mendes e Mário Silva. No entanto, face a um controlo anti doping positivo foi relegado para a sétima posição, pelo que a vitória foi atribuída a Joaquim Andrade.

Joaquim Agostinho ainda é considerado hoje por muitos como o melhor ciclista português de sempre, tendo-se destacado essencialmente nos anos 70. (S/A, 2014)

1.5 Antes da Revolução

Depois de perder a Volta a Portugal no ano de 1969, Joaquim Agostinho que reclamava inocência, respondeu nos anos seguintes (1970, 1971 e 1972) com três vitórias consecutivas na Volta a Portugal, tendo obtido na edição de 1971 o primeiro lugar nas três principais classificações: Montanha, Pontos e Combinado, perfazendo seis títulos consecutivos de campeão nacional entre 1968 e 1973.

No ano de 1973, Joaquim Agostinho preparava-se para atacar a quarta volta consecutiva a Portugal, a fim de bater o recorde de Alves Barbosa.

De início tudo correu de feição, começando por conquistar a camisola amarela logo no prólogo, melhorando de seguida em mais de 15 minutos a sua vantagem sobre o segundo classificado – etapa entre Abrantes e Figueira da Foz, que ficaria para a história.

Assim, à partida do contrarrelógio final tinha já a Volta ganha, porém quando saiu para a estrada já se sabia que Joaquim Agostinho fora novamente desclassificado com o controlo anti doping positivo, pelo que perdeu o título para o espanhol Jesus Manzaneque, o segundo estrangeiro a vencer uma edição da prova rainha portuguesa.



Figura 2. Segundo caso de doping de Agostinho, na imprensa portuguesa.

Este caso gerou grande polémica em que se envolveram autoridades governamentais, Polícia Judiciária e dirigentes desportivos, após o que Joaquim Agostinho virou as costas à Volta a Portugal.

Nesta volta de 1973, Joaquim Agostinho voltou a ser derrotado pela “Ritalina”, produto proibido em Portugal, mas que era aceite na Volta a França sem qualquer problema.

Neste ano que antecedeu o 25 de abril, o “enviado especial” de *A Bola* foi Homero Serpa, que à última da hora substituiu Carlos Miranda, que havia tido um acidente.

O ciclista Fernando Mendes, que havia disputado o Tour desse ano na mesma equipa de Joaquim Agostinho, destacou-se com a conquista do terceiro lugar na geral, triunfando no prémio de regularidade da Volta, conseguindo vencer por equipas e o prémio da Montanha.

1.6 Pós Revolução

A 25 de Abril de 1974 deu-se em Portugal a revolução dos cravos que acabou com o domínio do Estado Novo.

Em 1974 venceu Fernando Mendes, numa edição que esteve para ser adiada devido aos efeitos do 25 de Abril. No entanto, no ano seguinte não houve mesmo Volta a Portugal e o ciclismo entrou num período conturbado por falta de uma definição entre amadorismo e profissionalismo entre os vários clubes.

Esta definição continuou e devido a esta situação confusa, o ciclista português José Martins transferiu-se para Espanha assinando contrato com a equipa Kas.

E foi neste clima que o ciclismo em Portugal se começou a desenvolver-se a partir de 1975, mas convertido ao amadorismo: o Sporting desistiu do ciclismo, o Benfica só aguentou mais dois anos, surgindo por outro lado uma dezena de representações coletivas, sem grande peso na modalidade.

Em 1976 foi reatada a Volta a Portugal com ciclistas de desigual valor (Barroso, 2001, p. 95), verificando-se o regresso do Sangalhos, tendo o Benfica conseguido o triunfo através de Firmino Bernardino e em que os ciclistas profissionais foram colocados como monitores remunerados - “amadores seniores” – ideia que não foi bem acolhida pelos ciclistas.

Nessa edição, Joaquim Andrade ganhou quatro etapas e o estreante Marco Chagas três, tendo ambos tentado opor-se a Firmino Bernardino, que resistiu a todos os ataques e deixou-os a ambos a mais de oito minutos de diferença.

Joaquim Andrade, depois de envergar a camisola amarela nas primeiras etapas, foi suplantado por Firmino, que esperou pela etapa de montanha na Covilhã para se apoderar do primeiro lugar que não mais largou.

O enviado-especial de *A Bola* foi, novamente, Homero Serpa.

As novas formações do ciclismo amador destacaram-se nas edições seguintes: O Lousa venceu em 1977 com Adelino Teixeira e em 1980 com Francisco Miranda; o Coimbrões distinguiu-se com Belmiro Silva, vencedor da edição de 1978. Ainda em 1977, Marco

Chagas repetiu o quinto lugar da Volta, pelo Águias de Alpiarça e venceu duas provas de prestígio – o grande prémio Clock e a Volta ao Minho.

No ano seguinte, após ganhar três etapas, Chagas chegou ao fim com a camisola amarela, mas foi desclassificado uma semana depois devido ao resultado positivo num controlo anti *doping*, pelo que Joaquim Sousa Santos foi consagrado o vencedor.

Já Joaquim Agostinho no Tour de France de 1978 terminou em terceiro lugar, conquistando pela primeira vez um lugar no pódio dos Campos Elísios. Essa proeza foi repetida no ano seguinte. Em 1979 venceu a décima etapa do tour na mítica subida ao Alpe d'Huez.

1.7 Anos 80

No final da temporada do ano de 1980, o Futebol Clube do Porto pretendeu relançar a secção de ciclismo, pelo que contratou, entre outros, Marco Chagas. Este regressou assim ao amadorismo e acabou por auxiliar Manuel Zeferino na conquista da Volta a Portugal de 1981.

No ano seguinte, Marco Chagas finalmente conquistou a primeira das quatro Voltas a Portugal e em 1983 mudou-se para a equipa Mako Jeans, tendo repetido o triunfo na Volta a Portugal.

Na época de 1984, deu-se uma revolução no ciclismo nacional. Houve uma readmissão do profissionalismo na Volta e, como consequência disso, o Futebol Clube do Porto encerrou esta modalidade e o Sporting Clube de Portugal reabriu-a com o regresso de Joaquim Agostinho e Marco Chagas.

Com um passado clínico de muitas lesões na zona da cabeça, em 1984 Joaquim Agostinho preparava-se para regressar à prova rainha portuguesa, treinando na Volta ao Algarve onde ganhou a camisola amarela na etapa de Quarteira.

A 300 metros do final de uma das etapas, um cão atravessou-se na frente da bicicleta de Joaquim Agostinho que o fez cair e bater no chão com a cabeça desprotegida, que o deixou atordoado.

Foi auxiliado a remontar a bicicleta e a atravessar a meta. Depois do término da etapa, Joaquim Agostinho ficou inconsciente e foi transportado para o hotel. Horas depois, o seu estado de saúde agravou-se e foi transportado ao hospital. Como em alguns deles não funcionavam os serviços de neurocirurgia e as condições climatéricas não permitiram a descolagem de um helicóptero da força área, o seu derrame cerebral pô-lo em coma. Quando, finalmente foi operado no hospital da CUF em Lisboa, era já tarde, pelo que “Portugal inteiro, silencioso, lavado em lágrimas de raiva, despediu-se do seu campeão. O maior expoente do desporto português depois de Eusébio” (Barroso, 2001, p. 92)

Numa época muito marcada por casos de *doping* na Volta a Portugal, o vencedor foi Venceslau Fernandes, sendo que o bicampeão Marco Chagas foi um dos envolvidos nessa polémica, tendo sido desclassificado.

Em 1985, Marco Chagas conquistou a terceira vitória na prova rainha portuguesa de ciclismo, pelo que igualou o recorde de Alves Barbosa e Joaquim Agostinho. Assim, na época de 1986 Marco Chagas arriscava-se a bater o recorde de vitórias na Volta a Portugal.

Na penúltima etapa, num contrarrelógio na Praia da Amorosa (Viana do castelo) Marco Chagas travou um renhido duelo com Benedito Ferreira do Bombarralense, tendo ganho por uma diferença de 15 segundos. Outro corredor que se destacou nesta edição da Volta a Portugal foi Theakston Cayn, tendo, segundo a Federação Portuguesa de Ciclismo (2014), demonstrado “a sua fibra de estradista e espírito combativo”. No entanto, o azar bateu à porta deste ciclista inglês no contrarrelógio da Praia da Amorosa, pelo que o vencedor foi o já citado Marco Chagas que arrebatou a camisola amarela a Benedito Ferreira.

Nesta edição, a equipa do Lousa venceu a competição por equipas, Fernando Carvalho venceu a Montanha, Carlos Santos ganhou a classificação por pontos e Marco Chagas o combinado.

Há a realçar ainda que, na etapa Évora- Monfortinho, a etapa mais longa da prova com 260 quilómetros, o francês Jean-Jacques Philip foi o vencedor após uma fuga de 255 quilómetros.

Neste ano, Homero Serpa, J.A. da Costa e Simão Freitas ficaram responsáveis pela cobertura da Volta.

Em 1987, Marco Chagas procurava o quinto triunfo na Volta, mas foi eliminado pelo *doping* pela terceira vez. No final dessa época, o Sporting, o último dos três grandes ainda presentes no ciclismo, cessou esta modalidade.

Entretanto, neste período havia um português a conseguir grandes feitos no panorama internacional do ciclismo. Era ele Acácio da Silva que ganhou etapas no Tour de France e no Giro d'Itália, tendo vestido a camisola amarela e rosa nessa provas.

Enquanto Acácio da Silva brilhava nas competições internacionais, o ciclismo português entrou, definitivamente, na era dos patrocínios e da associação entre clubes e sociedades comerciais, seguindo o exemplo dos anos 30 e 40 com a CUF e a Iluminante.

A partir de 1984, com o regresso do profissionalismo, foi nas sociedades comerciais que a maior parte dos clubes encontrou a fonte de financiamento para a manutenção da modalidade, bastante dispendiosa, sendo prova disso mesmo as vitórias de 1987 a 1993 de clubes patrocinados por várias empresas comerciais. (Barroso, 2001, p. 108 e 110)

Com a saída dos três grandes, a Volta começou lentamente a perder o seu mediatismo, tendo tido um grande decréscimo quando o Sporting, o último dos três, desistiu da modalidade.

1.8 Anos 90 – Internacionalização do Ciclismo Português

Foi na década de 90 que o ciclismo português mais se internacionalizou com o aumento do número de corridas integradas no calendário da União Ciclista Internacional, em que as equipas portuguesas foram submetidas a um confronto direto com as melhores formações mundiais e em que as estradas de Portugal foram percorridos por ilustres campeões, como o espanhol Miguel Indurain (vencedor da Volta ao Alentejo'1996), o russo Eugeni Berzin (ganhador do Grande Prémio Jornal de Notícias'1997) e o alemão Jan Ullrich (desistente do Grande Prémio Portugal Telecom'1999).

Simultaneamente, os melhores ciclistas portugueses foram assim aliciados por melhores contratos, oferecidos por equipas estrangeiras, sendo dessa forma que o português Orlando Rodrigues venceu a Volta a Portugal por duas vezes consecutivas (1994, 1995) ao serviço da Artiach.

Desta forma, as equipas lusas enfrentaram dificuldades em apresentar equipas competitivas na Volta a Portugal que, desde 1996 a 2000, apenas foi ganha por ciclistas estrangeiros.

Assim, a edição de 1996 foi um marco. O vencedor foi o italiano Massimiliano Lelli, da Saeco tendo a sua vitória sido incontestável, segundo a FPC. Perante a oposição dos portugueses, Joaquim Gomes, vencedor das edições de 1989 e 1993, Manuel Abreu e Vítor Gamito, segundo classificado em 1993 e 1994, Maximiliano Lelli destacou-se ao vencer sete etapas e ao conseguir o segundo lugar na classificação da Montanha, onde se impôs perante Gamito e Gomes.

Na memória ficou o “irresistível *sprint* na chegada a Vila Nova de Gaia, o avassalador contra-relógio de Vagos, o 2º lugar na Torre, a bem controlada subida para as Penhas da Saúde, a cavalgada para o Alto de Abrantes e o *sprint* arrasador na meta em Lisboa” de Massimiliano Lelli. (S/A, 2014)

Nesta edição, também merece realce a morte do antigo ciclista José Santiago, de 30 anos, em consequência de um acidente de viação ocorrido, no último dia da prova, quando circulava na Estrada Nacional 125, entre Loulé e Faro. José Santiago fazia parte da equipa de reportagem do jornal *O Jogo* e conduzia o carro em que seguiam dois outros jornalistas daquele diário desportivo, quando foi abalroado por um táxi que seguia em sentido contrário e saiu da sua faixa de rodagem.

No jornal *A Bola*, Carlos Teixeira foi o repórter responsável pela cobertura da Volta.

Nos anos seguintes, os vencedores foram Zemon Jaskula da Mapei (1997), Marco Serpillini da Bescialat (1998) e David Plaza do Benfica (1999).

Em 1999, o Benfica regressou ao ciclismo, o que serviu de polo dinamizador de outra estratégia para as equipas portuguesas: a contratação de cotados ciclistas estrangeiros. Isto veio proporcionar um embate mais equilibrado entre as formações estrangeiras e as formações portuguesas.

Em 2000, o feito do ano pertenceu à equipa portuguesa da LA-Pecol, ao vencer uma etapa da Volta a Espanha através do russo Andrei Zintchenko.

É também neste ano que os ciclistas portugueses conseguem recuperar o triunfo da Volta a Portugal, através de Vítor Gamito, que finalmente conquistou a prova máxima portuguesa depois de quatro segundos lugares em edições anteriores (1993, 1994, 1996, 1999).

1.9 Séc. XXI

Seguindo o exemplo do Benfica, vários outros clubes patrocinados por empresas comerciais, começaram a reforçar o plantel com corredores de gabarito internacional, pelo que, foi sem surpresas que, entre 2001 e 2010, só um português (Nuno Ribeiro em 2001) ganhou a Volta a Portugal, apesar de oito desses dez vencedores representarem formações lusas.

Durante o novo século e até 2006, ano em que finalizamos o nosso estudo do caso em análise, destacou-se a equipa da Milanese, que ganhou por três ocasiões (2002, 2003 e 2005), tendo como principal rival a nível nacional a LA Pecol, vencedora em 2001 através de Nuno Ribeiro.

No ano de 2006, David Blanco venceu a 68ª edição da Volta a Portugal pela equipa Comunitat Valenciana, tendo ganho o contrarrelógio final em Castelo Branco, ficando a ser o quarto espanhol a inscrever o seu nome na lista de vencedores desta prova.

O eterno candidato Cândido Barbosa, que havia ficado em segundo no ano anterior, venceu a primeira etapa Portimão-Beja, envergando a camisola amarela, que perdeu no dia seguinte. A partir de então, almejou manter o terceiro lugar e a vitória nos pontos e ajudar o seu líder de equipa Hector Guerra a segurar o segundo posto.

Depois de cortar a meta em Castelo Branco, Blanco vibrava de alegria por conseguir, aos 31 anos, o maior feito da sua carreira desportiva.

Neste ano, os enviados-especiais de *A Bola* foram: Fernando Emílio, Pedro Figueiredo, Rui Amorim e, nas fotos, António Pedro Santos.

Mais tarde, em 2012, este corredor galego inscreveria o seu nome na história da Volta a Portugal, ao vencer esta prova pela quarta vez, detendo o recorde máximo de vitórias.

1.10 Patrocinadores da Volta a Portugal

A organização da Volta a Portugal em bicicleta é um assunto de relativa importância. Para além de, nos anos de 1953 e 1954, não se ter realizado pela falta de entidades patrocinadoras, o *Jornal de Notícias* foi alvo de críticas por parte do jornal *Ciclismo*, por unicamente cobrir a Volta a Portugal em Bicicleta, evento que o próprio jornal organizava.

Assim, decidiu-se fazer um subcapítulo que enumerasse os diversos organizadores das Voltas. As primeiras foram patrocinadas pelo *Diário de Notícias* em colaboração com o *Jornal o Sports* de 1927 a 1939, sendo que nos de 1940 e 1941, a organização coube ao Clube Atlético de Campo de Ourique (C.A.C.O), tendo regressado às mãos do *Diário de Notícias* no ano de 1946, em conjunto com o substituto de *Sports*, o *Mundo Desportivo*.

No ano de 1947 coube ao Sport Lisboa e Benfica a organização da Volta e nos dois anos seguintes (1948 e 1949) a responsabilidade da prova máxima de Portugal coube à recém fundada Federação Portuguesa de Ciclismo.

Entre 1950 e 1952, a organização coube ao *Diário do Norte*, sendo que, no último ano, teve a parceria do *Norte Desportivo*.

De 1955 a 1981, a UVP-FPC foi a responsável pela organização da Volta a Portugal, com exceção de 1958, 1959 e 1960 – *Diário Ilustrado* – 1965 – *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias* e *Mundo Desportivo* – e 1971 a 1973 – Sonarte/Punlimarama G.P. Robialac.

O *Jornal de Notícias* voltou a patrocinar a Volta entre 1982 e 2000, enquanto a PAD (Produção de Atividades Desportivas) organizou entre 2001 e 2010, com o auxílio da Unipublic nos dois primeiros anos e da João Lagos Sport, nos restantes.

Capítulo II. A Bola e o Ciclismo no âmbito do Jornalismo desportivo português

2.1 Síntese do surgimento do Jornalismo Desportivo

Inicialmente, a imprensa desportiva, desenvolvida a partir de meados do século XIX na Europa, foi tendencialmente especializada em desportos como a caça, a velocipedia e a ginástica.

Apesar de, anteriormente, haver jornais com títulos ligados ao desporto, foi em Londres, em 1852, que surgiu o primeiro diário verdadeiramente desportivo de que há memória, o *Sportman*, sendo seguido pelo periódico parisiense *Le Sportman*, em 1854. Na década de 1860 surgiram mais três publicações em França, ligadas ao desporto: *Le Moniteur de la Gymnastique*, *Le Vélocipède* e *Le Vélocipède Illustré*.

Em Portugal, o primeiro periódico desportivo foi o *Jornal dos Caçadores*, ligado à caça, que então era vista como um desporto e, no ano seguinte, em 1876, surgiu o *Toureiro*, especializado em tauromaquia.

Entretanto, ao longo da segunda metade do século XIX, o ciclismo foi ganhando adeptos por toda a Europa, especialmente em França, onde surgiram mais de uma dezena de periódicos associados a esta modalidade durante o último quarto do século. Este fenómeno alastrou-se a Espanha, onde se publicaram, entre 1891 e 1895, quatro periódicos: *Le Velocipedia*, *La Bicycleta*, *El Veloz-Sport* e *El Deporte Velocipédico*.

A popularidade do ciclismo motivou também o surgimento de publicações especializadas em ciclismo em Portugal, como *O Velocipedista*, com sede no Porto. O seu primeiro número foi lançado em 1 de Março de 1893, apresentando-se como uma revista quinzenal e ligada ao Club Velocipedista do Porto.

Assim, com um noticiário centrado no ciclismo portuense, *O Velocipedista* começou gradualmente a expandir a sua rede de notícias. Primeiro começou a alastrar o conteúdo para outras regiões do país e depois para o estrangeiro. Em maio do mesmo ano, passou a contar com correspondentes em Lisboa e Londres e, posteriormente, com o aumento do número dos correspondentes, *O Velocipedista* começou a redigir notícias sobre outros desportos, o que fez com que a linha editorial se fosse modificando. Em Outubro de 1894, quando Alberto Bessa sucedeu a Oudinot na direção do periódico, o cabeçalho de *O Velocipedista* mudou de “Órgão de Velocipedistas em Portugal”, para “Revista

Internacional de Sport, Literatura e Noticiosa”, pelo que se pode considerar que este alargamento do campo noticioso faz desta revista a primeira publicação desportiva generalista em Portugal, de que há conhecimento. (Pinheiro, 2010, p. 29)

O Velocipedista não conseguiu ultrapassar as dificuldades financeiras provocadas pela falta de apoios e leituras e, a 15 de Dezembro de 1895, publicou o último número. É que nesta altura, o desporto era visto como uma prática de elites e, no campo do jornalismo, ainda não se tinha consolidado.

No entanto, muitos jornais generalistas, como o *Diário Ilustrado*, o *Diário Popular* e o *Século*, começaram a publicar regularmente notícias de índole desportiva. (Pinheiro, 2010, p. 30)

A partir de 1894, surgiu uma nova fase do jornalismo ligado ao desporto, marcada pelo surgimento do género periódico: o jornal generalista desportivo, que deixaria de ser especializado num só desporto.

Durante a primeira década do séc. XX, assistiu-se (principalmente no Porto e em Lisboa) a uma difusão do desporto, como um passatempo e como lazer. Algo que foi reforçado com o advento da República, a partir de 10 de janeiro de 1912, com a aplicação do decreto que determinou o domingo como dia de descanso semanal (Pinheiro e Coelho, 2012, p. 13)

Neste princípio do jornalismo desportivo, o jornalista assumiu três funções: a de participante no ato desportivo, a de fazedor de notícias e a de patrocinador do periódico, adotando a dualidade de jornalista e doutrinário (Pinheiro, 2010: 437) mas, a partir de 1920, com a expansão dos jornais desportivos generalistas, de que iremos tratar já à frente, o jornalista desportivo passou a ter um maior número de possíveis notícias, o que lhe acarretou mais o papel de repórter além das questões doutrinárias.

No entanto, apesar dos vários periódicos lançados neste tempo, só em finais da década de 1910 e durante a década de 1920 é que as publicações desportivas generalistas começariam a contrariar a falta de leitores e os problemas financeiros e a perpetuar-se pelo tempo, como são os casos de *O Sport de Lisboa* (1915-1934), *Os Sports* (1919-1945), estes em Lisboa. No Porto, no segundo centro jornalístico do país, há a realçar o surgimento de o *Sporting* (1921-1953), enquanto em Coimbra publicou-se *A Voz*

Desportiva, entre 1926 e 1975, e no Funchal apareceria o *Correio Desportivo*, criado em 1926 e que só cessou no Século XXI.

Assim, conclui-se que, a partir desta altura, embora a situação profissional do jornalista desportista estivesse por se concretizar, os periódicos desportivos começaram a conseguir impor-se gradualmente no meio cultural português.

Já neste período, que antecedeu à criação do jornal *A Bola*, “Portugal era uma decrepita potência, atrasada no caminho do progresso, que ia de braço dado, mas sempre desconfiada, com o seu parceiro de Península, a Espanha”. (Pinheiro, 2006: 196). No entanto, o discurso sobre o desporto em Portugal viveu sempre marcado pela recusa da decadência portuguesa. (Pinheiro e Coelho, 2012, p. 15)

2.2 Aparecimento do Jornal *A Bola*

Apesar de, nos anos 30, os periódicos desportivos se terem imposto, é de realçar que durante a segunda guerra mundial (1939-1945), numa altura em que os países nela envolvidos estavam num clima de guerra, muitos periódicos desportivos fecharam. No entanto, Portugal foi um país que tomou uma posição isenta durante este período, tendo consolidado a sua economia, essencialmente através de exportações de metal e de matérias-primas para os países em guerra.

Entre 1939 e 1945, o jornalismo generalista desportivo nacional foi dominado por quatro publicações: *Os Sports* e o *Stadium* (criado em 1932 em Lisboa), e o *Sporting* e o *Norte Desportivo* (fundado em 1934 no Porto). Em termos regionais há a destacar os já citados *A Voz Desportiva* e *O Correio Desportivo* e, ainda, o *Angola Desportiva*, publicado a partir de 1930, em Luanda.

Em 1944, em tertúlias em Lisboa no *Café O Restauração*, dedicadas ao desporto, especialmente ao futebol, que se impôs como vertente desportiva central na década de 1930, encontravam-se Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis. Aproveitando não só a consolidação do jornalismo desportivo dentro do panorama periódico português, mas também o bom estado económico português, este dois em conjunto com Vicente de Melo e Artur Rebelo fundaram a empresa Riviarco (nome conseguido através da junção das iniciais dos quatro nomes). (Pinheiro, 2010, p. 268)

Visto que Cândido de Oliveira tinha estado preso no Tarrafal, acusado de espionagem, e Ribeiro dos Reis era oficial do exército e, por isso, prejudicariam a aceitação do projeto jornalístico *A Bola* da empresa Riviarco, foi escolhido para o cargo de diretor Álvaro Andrade, antigo chefe de Redação do Diário de Lisboa, que tinha o perfil indicado para ser aceite pela Comissão de Censura.

Aprovado o projeto, o primeiro número de *A Bola*, que apresentava o subtítulo “Jornal de Todos os Desportos”, foi lançado a 29 de Janeiro de 1945, apresentando na altura uma estrutura de oito páginas no formato 40x57, ao preço de um escudo.

Na capa do primeiro número surgiu o editorial “Bola de Saída”, onde se traçavam as linhas mestras do periódico: “Jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer do mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportiva”. (Pinheiro, 2010, p. 268)

O novo jornal deu a indicação que ia publicar-se duas vezes por semana, sendo a edição de segunda-feira destinada “à reportagem dos acontecimentos” e a de sexta-feira “à apreciação crítica, à vulgarização, ao exame dos problemas desportivos portugueses.” Deste modo, *A Bola* apostava forte em roubar leitores ao trissemanário *Os Sports*, publicado às segundas, quartas e sextas-feiras.

Com um cariz mais conservador, *os Sports* não conseguiu fidelizar os seus leitores, que procuravam uma mudança para um jornalismo mais ativo e mais centrado no futebol e que passaram a rever-se no novo jornal lisboeta.

Assim, a 7 de Março de 1945, o jornal *Sports* anunciava a suspensão e a transformação numa nova publicação, *O Mundo desportivo*. Este periódico continuaria a sair aos mesmos dias, lutando com *A Bola* pela supremacia das vendas dos jornais desportivos portugueses.

Face a esta situação, em março, *A Bola* decidiu antecipar a edição de sexta-feira para o dia anterior, para combater *o Mundo Desportivo*. Para além de motivado por algumas dificuldades técnicas na impressão de dois números à segunda-feira e à sexta-feira, a publicação às quintas-feiras apresentava a vantagem de, nesse dia, haver “comboio rápido entre Porto e Lisboa” (Pinheiro, 2010, p. 270), permitindo uma melhor distribuição do jornal pelo país.

A criação do jornal *a Bola*, nos anos 40, coincidiu também com um novo estilo de jornalismo português, ligado ao espírito da missão pela causa desportiva. (Pinheiro, 2010, p. 437). Desde a sua fundação, este periódico insistiu na importância da representação nacional (Coelho, 2004, p. 31)

2.3 Primeira década do jornal *A Bola*

Enquanto em Portugal se vivia um período de grande censura aos jornais generalistas, derivado do regime do Estado Novo, os jornais desportivos procuravam não misturar política com desporto. Este afastamento dos periódicos de índole desportiva levou mesmo “a Censura Prévia a divulgar, em 11 de Outubro de 1945, a Circular nº238, onde se informava (no ponto 9) quais os jornais desportivos que estavam «dispensadas de censura prévia as notícias e relatos desportivos».” (Pinheiro, 2010, p. 271)

No entanto, em algumas ocasiões, os serviços de Censura portuguesa multaram jornais desportivos. Aliás, em meados da década de 1940, o jornal *A Bola* e o *Norte Desportivo* foram as duas principais publicações desportivas mais alvo de multas.

No caso de *A Bola*, em Setembro de 1945, o jornal teve de pagar uma multa de 500 escudos por não acatar um corte feito pelos serviços de Censura. Na origem dessa multa estiveram dois artigos, um de Carlos Correia e outro de Cândido de Oliveira, sobre um jogo de futebol entre um grupo de marinheiros e um misto de jogadores portugueses, formado por vários jogadores da Seleção Nacional. Os dois artigos acusavam a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) de incompetência, visto que a equipa inglesa não tinha o nível adequado para o elevado preço dos bilhetes, nem para a paragem do campeonato para a realização do jogo. No seguimento, Mário Batista Coelho, subdiretor dos Serviços de Censura, enviou uma carta à direção de *A Bola*, pedindo com urgência o envio dos artigos originais e lamentando o “tom irónico, injustificado e deselegante com que haviam sido tratados estrangeiros, em Portugal, que se encontravam em missão diplomática” (Pinheiro, 2010, p. 272). Por este caso, o trissemanário seria punido com 30 dias de suspensão.

Entretanto, com a consolidação de *A Bola* e do *Mundo Desportivo*, entre 1946 e 1957, foram criados 27 novos periódicos desportivos generalistas, dos quais merece destaque o diário *Baliza* (até então era raríssimo um jornal desportivo ser publicado diariamente – o primeiro caso só surgiu em 1924, pelas mãos do *Diário de Sport*, que só lançou 53

números). O jornal *Baliza* tinha como subtítulo “Diário Gráfico de Todos os Desportos”, o que subentendia uma preocupação gráfica e durou de 11 de Maio de 1946 a 8 de Setembro de 1946. O futebol e o ciclismo foram as principais modalidades alvo de notícia deste diário que, segundo Pinheiro (2010, p. 276), “conseguiu provar que existiam no País atividades desportivas em quantidade e qualidade suficiente para fornecer assunto de interesse diário”.

Também de realçar a criação de a *Seleção – Semanário Gráfico de Todos os Desportos* que apostou num grafismo diferente para a época, tendo andado em circulação entre Setembro de 1948 e Outubro de 1949 e o *Semanário Ilustrado*, que com enormes preocupações gráficas, teve um êxito inicial, destacando-se a cobertura da Volta a Portugal em Bicicleta, em Agosto de 1957, durante a qual, a suas páginas “foram ainda mais ecléticas.” (Pinheiro, 2010, p. 301) Assim, com tanta rivalidade e com algumas das novas publicações a terem preocupações gráficas, nos restantes periódicos começou a dar-se maior relevância ao grafismo e à edição.



Figura 3. *Seleção – Semanário Gráfico de Todos os Desportos*, que apostava num grafismo inovador, através do entrosamento de fotos diferenciadas e, mesmo, de textos.

Outro dos periódicos lançados nesta altura foi o semanário *Record*, que a par de *A Bola*, foram os únicos periódicos criados na primeira metade do século XX, que resistiram até à segunda década do século XX. Na primeira edição deste semanário, saíram cerca de 15 mil exemplares, a 26 de Novembro de 1949, ao preço de um escudo e com o formato 29 x42 nas suas oito páginas. Para além do destaque dado ao futebol, o *Record* procurou dar notoriedade a outras modalidades.

Em resposta ao surgimento do *Record*, publicado aos sábados, em Junho de 1950, *A Bola*, que agora custava um escudo e meio, tornou-se trissemanal, saindo às segundas, quintas-feiras e, a partir de então, aos sábados. Corria na altura o boato que Cândido de Oliveira, fundador de *A Bola*, havia dito que “em três semanas acabava com o *Record*” (Pinheiro, 2010, p. 278), pelo que a relação entre os dois periódicos azedou, principalmente devido ao facto de o *Record* ter conseguido impor-se no panorama jornalístico desportivo nacional.

Quem não aguentou com o surgimento de *A Bola* e do *Record* foram a revista ilustrada *Stadium* e a revista *Sporting*, que anunciaram o seu fim em 1952, sendo que, a partir de então, *A Bola*, com uma tiragem média de 21 mil exemplares, o *Record*, foram lançados 15 mil exemplares na edição inaugural, e o *Mundo Desportivo*, com cerca de 24 mil exemplares publicados diariamente, destacar-se-iam dos restantes periódicos desportivos generalistas, no panorama nacional, apesar da continuação, a nível regional, do *Norte Desportivo*, no Porto, de *A Voz Desportiva*, em Coimbra, de *o Correio Desportivo no Funchal* e de *Angola Desportiva*, em Luanda.

No campo deontológico, neste período, também se debateu, embora em pequeno plano, a ideia da imparcialidade jornalística, tendo o jornalista Rodrigo Teles, afirmado na segunda edição do jornal *O Porto*, do Futebol Clube do Porto que, quando estava no “papel crítico, tentava esquecer-se o mais possível da agremiação a quem sempre fora devotado, acreditando mesmo que era o «o pior apreciador público das suas façanhas desportivas»” (Pinheiro, 2010, p. 286).

Na década de 1950, o *Mundo Desportivo*, da Empresa Nacional de Publicidade, estrutura organizadora da Volta a Portugal em Bicicleta e com um cariz mais tradicional, fruto da sua herança de *O Sports*, lançou fortes críticas aos rivais *A Bola* e o *Record*, tendo ganho especial dimensão quando, em Fevereiro de 1956, Cândido de Oliveira criticou a visão

conservadora do *Mundo Desportivo*, que replicou de forma agressiva. Assim, o clima hostil consolidou-me entre os três principais periódicos lisboetas (*A Bola* e o *Record* estavam de relações cortadas já desde 1950), tendo *A Bola*, em meados de Abril de 1956 ironizado com uma caricatura, na sua secção humorística, a empresa Nacional de Publicidade.

Entre 1954 e 1957 a distribuição dos periódicos melhorou a nível nacional, devido a empresas como a Agência Portuguesa de Revistas e à própria melhoria dos transportes).

No entanto, nos finais da década de 1950, haveria um novo fator a mudar o panorama jornalístico desportivo em Portugal. Para além de a rádio começar a relatar vários encontros de futebol e de ciclismo, com a Volta a Portugal a ganhar imensa popularidade graças ao programa “Os companheiro da Alegria” de Igrejas Caeiro, que transmitia os finais das etapas, sendo retransmitido pela Rádio Clube português, surgiu também a televisão. Esta, desde início com os dois canais nacionais (RTP1 e RTP2) apostou forte no Desporto, com vários programas desportivos como: “Revista Desportiva”, que no primeiro episódio entrevistou, inclusive, Alves Barbosa, vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta, “Imagens do Domingo Desportivo”, “Revistas Desportiva”, “Vida desportiva”.

Porém, só anos mais tarde é que, segundo as palavras de Alves dos Santos, redator desportivo, o jornalismo de imprensa “acabou por considerar a TV como uma aliada”, (Pinheiro, 2010, p. 318) uma vez que esta mostrava as imagens dos acontecimentos que, no entanto, requeriam uma maior explicação e debate no dia seguinte, formando-se a seguinte trilogia informativa: “A rádio anuncia, a TV mostra e a Imprensa explica e nenhuma delas dispensa as outras” (Pinheiro, 2010, p. 218).

2.4 Período do Estado Novo

A partir de 1957, o crescimento do número de novos periódicos desportivos atenuou, sendo nessa altura e até ao fim do Estado Novo, sempre inferior a dez novos por ano. Este fator deveu-se à hegemonia conquistada pelos jornais *A Bola*, *Record*, *Mundo Desportivo* a nível nacional e o *Norte Desportivo* (Porto), *A Voz de Coimbra* (Coimbra) e *Angola Desportiva* (Luanda) a nível regional, que haviam acalmado as suas posições de litígio entre eles, devido à morte de Cândido de Oliveira, fundador de *A Bola*, no ano de 1958.

Aproveitando esta situação, estes jornais procuraram consolidar a sua posição. O *Record* em Dezembro de 1964 passaria a 20 páginas. Recordemos que, quando da sua inauguração em 1949, este jornal tinha apenas oito. No verão seguinte, a Volta a Portugal em Bicicleta ganhou especial atenção, tendo-se publicado a primeira infografia com a descrição das etapas – um aspeto inovador para a imprensa portuguesa de então.

Durante esta altura, e com a conquista de duas Taças de Campeões Europeus pelo Benfica, em 1961 e 1962, e da Taça dos Campeões das Taças pelo Sporting, em 1964, houve uma grande exaltação dos intervenientes que conquistaram esses títulos, ao ponto de os media os distinguirem quase como heróis e, figuras essenciais na edificação das identidades desportivas ao nível da identidade nacional. (Pinheiro, 2010, p. 327 e 328)

Esse efeito alastrava aos praticantes de outras modalidades, embora não com tanto peso ou notoriedade como o futebol que, desde os anos 20, se destacava como a modalidade principal aos olhos dos adeptos.

Assim, notava-se um certo sentido patriótico no discurso dos jornalistas, principalmente depois de iniciada a Guerra Colonial. Por exemplo, *A Bola* revelou sempre uma “preocupação constante com os valores nacionalistas ligados ao futebol, nomeadamente nas páginas de *A Bola*” (Coelho, 2001, p. 110) pelo que surgiram na generalidade dos periódicos desportivos “formas mais ou menos óbvias de legitimação da manutenção das colónias portuguesas” (Coelho, 2001, p. 111).

Outro fator que marcou este período foi o aparecimento de alguma conturbação entre os periódicos lisboetas e portuenses. Alguns jornalistas da cidade nortenha acusavam os jornais da capital de favorecimento claro ao Sporting, Benfica e até ao Belenenses. (Pinheiro, 2010, p. 359) É de salientar que este período ficou marcado por um número baixo de conquistas por parte do FC Porto, ao nível do futebol que, apesar disso, era o único clube que rivalizava com os clubes lisboetas.

Em relação aos Serviços de Censura, nesta altura, obrigavam o jornal a avisá-los se queriam mudar de diretor, inovar o grafismo, modificar a periodicidade, ou os dias da semana a que saíam, o que provocou problemas com o *Mundo Desportivo*, visto que a resposta dos serviços do Estado Novo demorava e, por isso, este jornal fez alguns incumprimentos das leis. Já o jornal *A Bola*, durante a década de 1960, esteve afastado de problemas com a Censura.

Por outro lado, já em finais de 1959, se discutia a possibilidade de se alargar a carta profissional aos jornalistas desportivos de periódicos não generalistas, que nesta altura eram vistos como uma classe inferior e “uma autêntica escola de jornalismo” (Pinheiro, 2010, p. 334). A situação agravava-se, quando era necessário creditação, para assistir aos eventos desportivos, visto que não lhes era concedida a carta profissional, pelo que, muitas vezes, os jornalistas dos jornais ou revistas desportivas não conseguiam assistir a esses eventos.

No ano de 1965, quando já se adivinhava a possibilidade de Portugal participar na fase final do Campeonato do Mundo, essa preocupação voltou, tendo Fernando Soromenho sido convidado a participar num congresso em Budapeste, na Hungria, onde se insistiu na criação de um órgão associativo em Portugal. (Pinheiro, 2010, p. 335)

Esse debate permitiu e originou que, em Maio de 1955, na Casa de Imprensa em Lisboa, se realizasse uma reunião com vista à criação de um órgão de classe dos jornalistas desportivos. Nesse evento participaram Fernando Soromenho, do *Diário de Lisboa*, Artur Agostinho, diretor do *Record*, Vítor Santos, chefe de redação de *A Bola*, Vasco Resende, do *Norte Desportivo* e Couto dos Santos do *Mundo Desportivo*. No entanto, só após o 25 de Abril se daria a carteira profissional aos jornalistas. Nesta altura, só era merecedor de uma carteira profissional quem trabalhasse num jornal publicado diariamente, visto que, só através do labor diário, se podia receber um estatuto oficial perante o Estado. (Sousa, 2008, p. 117)

Em 1966, devido ao Campeonato do Mundo de Futebol, onde participava Portugal pela primeira vez na história, os media direcionaram os seus esforços para o acompanhamento do Mundial de Inglaterra pelo que, todos os principais periódicos desportivos enviaram fotógrafos, jornalistas e redatores.

Já em 1970, a situação política do país agravava-se, enquanto a guerra colonial continuava. Por causa disso, no 25º aniversário de *A Bola*, em 1970, o jornal apresentava uma posição firme com “rigor, objetividade e isenção”, em relação à instabilidade política vivida no país.

Nos finais da década de 1960 e principalmente na década de 1970, surgiram os primeiros sinais de mudança do discurso jornalístico, já não assente na missão da causa desportiva, mas sim preocupado com as vendas, o lucro e a publicidade, visto que foi nesse período

que as sociedades comerciais começaram a ser proprietárias das publicações periódicas desportivas. (Pinheiro, 2010, p. 337)

Em 1972, o *Record* passou a trissemanário e a publicar também às quintas-feiras, dia em que saía também *A Bola*. Não obstante, nesse ano, *A Bola* era claramente o periódico com maiores tiragens e, em Julho, foi distribuída pelas suas 14 edições uma tiragem de 1 841 721 (Pinheiro, 2010, p. 339).

No ano seguinte, com o aumento de 50% do preço do papel, os jornais passaram por algumas dificuldades e, no jornal *A Bola*, o preço de venda do jornal passou a dois escudos e meio e no *Record* a três escudos e meio.

Na rádio e televisão, as constantes transmissões de jogos que ocorreram já desde os inícios da década de 1960, provocaram críticas a estas duas plataformas, acusadas de negligenciar os outros desportos devido ao futebol, que elevavam a desporto-rei.

Porém, com as transmissões dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, dos Campeonatos do Mundo de Futebol de 1966 e 1970 e dos Campeonatos Europeus de 1968 e 1972, o desporto constituía um agregar de audiências e adeptos, pelo que os media desportivos começaram a ganhar maior audiência, o que viria a ter repercussões também no aumento das tiragens médias diárias e anuais dos periódicos, principalmente na altura destes eventos de grande relevância e de aglomeração popular.

2.5 Período Revolucionário em Curso (PREC)

Em 1974, acabou o Estado Novo e deu-se a Revolução do 25 de Abril. Este acontecimento alterou um pouco o panorama do jornalismo desportivo em Portugal.

Entre 1975 e 1978, surgiu um total de 60 novas publicações com índole desportiva, tendo atingido um máximo de 18 em 1976, 1977 e 1978, enquanto *A Bola*, *O Mundo Desportivo*, o *Record*, o *Norte Desportivo* continuavam a monopolizar os leitores, apesar do decréscimo em termos de vendas, provocado pelo facto de, nesta altura, as pessoas se preocuparem mais com o estado social e político do país do que com questões desportivas. Por isso mesmo, neste período, o desporto foi posto um pouco de lado, devido aos assuntos políticos portugueses, principalmente porque o desporto era visto como uma tentativa de manipulação das massas, durante o período do fascismo. (Pinheiro, 2010, p. 357)

No entanto, algumas alterações foram feitas. Para além de ter acabado a censura, o que permitiu uma escrita mais crítica ao próprio Estado do país, alguns jornais tiveram de se reformular, visto que eram acusados de apoio ao regime. Foi o caso do jornal *A Bola*, acusado de ser um desses instrumentos de manipulação das massas, que acabou mesmo por mudar de diretor e de alguns jornalistas. (Pinheiro, 2010, p. 358) O novo diretor, Silva Resende, que substituiu Carlos Miranda, era um homem confesso de esquerda, vertente política mais popular após a Revolução. Durante os anos seguintes, neste jornal foram comuns as análises ideológicas ao papel do desporto, à imprensa e ao futebol, durante o período do Estado Novo.

“Esta assunção de culpa de «A Bola» por ter contribuído durante o Estado Novo para um país que o que «queria era futebol», essa «má experiência» que foi «estar dentro do mal durante tantos anos», parece apontar para uma conivência com os interesses do regime totalitário na defesa de um «certo» Portugal. Interessante também é a defesa clara da ideia de que a representação do país é demasiado importante para poder estar a cargo de uma equipa de futebol, numa variação das habituais retóricas do discurso nacionalista” (Coelho, 2004, p. 33)

Em resposta às acusações que lhe eram feitas, em janeiro de 1975, quando da comemoração do 30º aniversário, *A Bola* realçava na capa: “30 anos! 1º aniversário em liberdade” (Pinheiro, 2010: 358), defendendo no artigo que o periódico foi capaz de resistir “até 30 anos de uma política orientada no sentido da manipulação do desporto como meio de alienação das grandes massas” (Pinheiro, 2010, p. 358).

Foi em Janeiro também que, finalmente, foi garantida aos jornalistas de jornais desportivos o direito à carteira profissional e ao estatuto de jornalistas.

Entretanto, de forma a cativar mais leitores, o *Record* decidiu no seu 25º aniversário, em finais de 1974, mudar drasticamente o seu logotipo e alterar os dias de saída (deixou de sair às quintas-feiras e aos sábados, para sair às sextas-feiras e aos domingos), a fim de evitar a concorrência de *A Bola*.

Instáveis continuaram as imprensas lisboeta e portuense. Na base deste conflito estava o futebol e os principais clubes de Lisboa (Benfica e Sporting) e o principal clube do Porto (FC Porto), o que se agravaria devido à chegada de Pinto da Costa em 1976, como diretor do futebol e, em 1982, como presidente do clube, coincidente com o início dos ataques

aos jornalistas por parte de adeptos e membros ligados a clubes. No entanto, visto que nessa altura, nos anos 80, a modalidade de ciclismo dos três grandes clubes de futebol português tinha cessado (embora com alguns retornos pontuais do Benfica), nesta tese não se irá refletir mais sobre a rivalidade clubística futeboleira.

2.6 Primeiros anos de liberdade de expressão na imprensa

Após o PREC, período onde foram lançados 60 novos periódicos desportivos, houve uma fase de pequena acalmia a partir de 1979, tendo surgido 41 novos periódicos, menos 19 do que o intervalo anterior, no espaço de seis anos. (Pinheiro, 2010, p. 273)

Durante este período, finais dos anos 70 e grande parte dos anos 80, *A Bola* e o *Record* tiveram um período ascendente, enquanto o *Mundo Desportivo* e o *Norte Desportivo* entraram numa fase decadente que iria culminar com o fim desses dois jornais.

Depois de uma fase conturbada durante o PREC, *a Bola* inverteu o seu discurso nacionalista. Porém, esta inversão durou pouco tempo e rapidamente se regressou à identificação seleção-nação, não só neste jornal como nos restantes periódicos desportivos portugueses. (Coelho, 2004, p. 34)

O *Norte Desportivo* cessaria em 1983, ao fim de quase 50 anos de atividade, e o *Mundo Desportivo*, sucessor de *Os Sports*, fecharia em 1980.

A 15 de fevereiro, *A Bola*, que já custava sete escudos e meio, publicou o seu número 5000, onde incluiu um suplemento dedicado à sua história e a várias modalidades. Também realçou o facto de continuar um jornal independente “do poder económico” e “do poder clubista” (Pinheiro, 2010, p. 374).

Através de um reforço a nível das infraestruturas, o *Record*, habitualmente o terceiro jornal generalista de referência (atrás de *A Bola* e do *Mundo Desportivo*) iria ocupar o segundo lugar no primeiro estudo de audiência do jornal, a 7 de junho de 1981. Assim, nessa altura, o *Record* possuía cerca de dois milhões de leitores por mês, sendo o sexto jornal em termos de tiragem entre toda a imprensa portuguesa.

Em novembro de 1979, surgiu um jornal de relevância para o nosso estudo. Ao preço de dez escudos, o mensário *Ciclismo* propunha-se preencher um lugar em Portugal, desprovido de um jornal sobre ciclismo. Publicou-se de forma irregular nos anos

seguintes e terminou em 1989. Pelo meio, já em 1988, fez duras críticas ao *Jornal de Notícias* (organizador da Volta a Portugal), por unicamente cobrir essa competição nacional. (ver anexo 1)

Por outro lado, em outubro de 1982, apareceu a *Revista Portuguesa de Medicina Desportiva*, apoiada a nível publicitário pela indústria farmacêutica. Esta publicação procurava alertar para o papel importante que a medicina desportiva podia desempenhar no desenvolvimento do desporto em Portugal e procurava conciliar artigos técnicos e de análise geral com um conselho científico.

Na imprensa generalista desportiva surgiu em 1981 a *Gazeta dos Desportos*, em Lisboa, que perduraria até 1995 e que conseguiria impor-se no meio.

Nos anos anteriores, era o desporto a ganhar preponderância no espaço de antena da rádio e televisão em Portugal. A partir de finais da década de 70 e durante a década de 80, o jornalismo desportivo ganhou maior visibilidade nestas duas plataformas. A Rádio Clube Português (RCP) criou o seu próprio departamento desportivo, com emissões desportivas ao domingo, como o “Golo” e o “Jornal Desportivo”. A Radiodifusão Portuguesa, sucessora da Emissora Nacional, em 1976, deu também importância ao desporto e a Rádio Renascença também criou o seu departamento desportivo, apresentando quatro distintos programas desportivos ao longo da semana.

Este fenómeno acabaria por se estender a emissoras locais e à própria televisão. Para além do “Grande encontro” de Mário Zambujal, aos sábados à tarde, a RTP2 passou a transmitir em direto várias modalidades e criou o programa “Jogo Falado”, analisando o panorama desportivo da altura.

Desta forma, as audiências desportivas aumentaram, ocupando 30 por cento das mais de quatro mil horas emitidas pelo Canal 1 e das mais de duas mil do Canal 2.

A imprensa periódica viria a beneficiar desta situação, visto que a observação dos acontecimentos exigia uma análise, um rescaldo final e a fomentação dos próximos episódios.

Apesar de, nesse período, na Europa e no Estados Unidos da América já se assistir a canais de especialização – o primeiro foi em 1980, nos EUA, chamava-se ESPN (Entertainment and Sport Programing Network) – em Portugal, essa especialização, tal

como em Espanha, seria ao nível das modalidades: desde o ciclismo, o automobilismo, o basquetebol, o judo e as artes marciais. Nessa altura, surgiu também o periódico *Duas Rodas – Jornal de /para Especialistas*, que originalmente era todo a cores – uma novidade para o período em questão.



Figura 4. Jornal *Duas Rodas*

No final da década, o panorama da imprensa atingia o seu apogeu, com tiragens muito elevadas, fruto da massificação do futebol e da prática desportiva.

Entretanto, no campo doutrinal do jornalismo, o conceito de “desporto espetáculo” foi substituída pela ideia de herói desportivo. Em Portugal, o heroísmo dos atletas ficou muito associada ao futebol e ao atletismo, fruto das conquistas olímpicas de Carlos Lopes e Rosa Mota (Pinheiro, 2010, p. 393) e, em segundo plano, ao ciclismo (através de Joaquim Agostinho, nos finais da década de 70) e do hóquei patins (modalidade que Portugal detinha o maior número de títulos internacionais).

No nosso país, mais precisamente na cidade do Porto, surgiu em Fevereiro de 1985 o jornal *O Jogo*. De forma inovadora, procurava apostar numa imprensa diária. Este periódico desportivo, em formato 41x58, pretendia não só relatar os factos, mas também, comentá-los e criticá-los sempre com rigor jornalístico.

No entanto, derivado à forte concorrência dos jornais desportivos lisboetas, *O Jogo* viu-se obrigado a deixar de sair aos domingos, tendo continuado a publicar-se até aos dias de hoje.

Pertencente à mesma empresa que detinha o *Jornal de Notícias*, o *Jogo* caracterizava-se por ser um dos coorganizadores da Volta a Portugal e foi também alvo de críticas por parte do jornal *Ciclismo*.

2.7 Novo Jornalismo

Nos finais do século XIX e no início do XX, surgiu aquilo que muitos especialistas apelidaram de um *Novo Jornalismo*, quando houve uma tendência para a profissionalização da classe jornalística.

Segundo Tom Wolf (1973), um fenómeno semelhante ocorreu na década de 60. Este movimento marcou a transição para o jornalismo especializado, para uma maior análise do texto informativo e, essencialmente, uma postura mais subjetiva e criativa na escrita, sendo sem surpresas que se assistiu ao reforço do paradigma de especialização no meio jornalístico desportivo e à retoma do jornalismo de investigação.

Em Portugal isso ficou comprovado com a criação do jornal *Independente* em 1988 (Quintero, 1994, p. 378). Com a criação de faculdades de jornalismo, iniciada a 1979 na Universidade Nova de Lisboa mas desenvolvida principalmente nos finais dos anos 80, os jovens que acabavam o curso aspiravam ganhar uma maior dimensão.

Também é verdade que nesta altura, com a criação do jornal *Correio da Manhã* que, na década de 80, tornar-se-ia sensacionalista, o jornalismo social teve um grande desenvolvimento. (Correia, 2008, p. 126)

O crescimento da imprensa especializada também foi repercussão da diversificação de modalidades a que se começava a assistir no meio desportivo, tendo surgido, entre 1988 e 1995, 57 novas publicações desportivas especializadas, num total de 106 novos periódicos de índole desportiva. (Pinheiro, 2010, p. 401)

No campo dos periódicos desportivos generalistas, havia um controlo de quatro jornais: *Record*, *A Bola*, *o Jogo* e *Gazeta dos Desportos*, pelo que houve poucas novas publicações deste tipo, quando comparadas com o número de novos jornais na imprensa desportiva especializada.

Após alguma instabilidade, vivida no período pós-25 de Abril, *a Bola* conseguiu impor-se e tornar-se no líder de vendas no campo dos periódicos desportivos portugueses. Nesta altura, este jornal apresentava uma periodicidade quadrissemanal, passando a sair (para além das segundas, quintas e sábados) ao domingo.

Entretanto, devido às rivalidades clubísticas (Porto vs Benfica) e regionais (Norte vs Sul), assistiu-se a uma maior agressividade perante a figura do jornalista desportivo, pelo que estes consideravam-se o “bode expiatório” e explicando que a imprensa funcionava como o “inimigo externo” mais fácil de hostilizar. (Pinheiro, 2010, p. 413)

Neste período, com a abertura da televisão a canais privados (como a SIC, fundada em 1992, e a TVI em 1993) o desporto tornou-se um dos meios de captação de audiências dos quatro canais portugueses, criando-se diversas secções de análise ao desporto, assinadas por especialistas da área. Por exemplo, no verão era comum destacar-se a nível nacional a Volta a Portugal em bicicleta e a nível internacional o Tour de France e a Vuelta a España.

2.8 Últimos anos

Pouco depois de comemorar o 50º aniversário da sua existência (1995), *a Bola* passou a diário, de forma a cumprir com aquilo que há muito era desejado pelos seus leitores (Pinheiro, 2010, p. 412).

Assim, a partir de 10 de fevereiro de 1995, *a Bola* deixou de se publicar em formato grande (42x60), surgindo no formato 28 x 40, diariamente. O principal rival, o *Record*, que já havia adotado este formato em agosto de 1991, também se tornou diário, a partir de março de 1995.

Por outro lado, *o Jogo* continuava com vendas reduzidas, a rondar os 15 mil exemplares vendidos. Perante esta situação, passou a trissemanário em junho de 1992 mas, em 1994, enveredou por um novo caminho editorial e mudou de proprietário, deixando de pertencer à empresa do *Jornal de Notícias*, de sede, de projeto e de dias de publicação - tudo num só mês.

A intenção de *o Jogo* era transformar este jornal num periódico de dimensão nacional, deixando de ser uma publicação de cunho regionalista (Pinheiro, 2010, p. 411) e, para isso, ajudou a criação de um novo logotipo, de uma nova linha gráfica e de duas edições diferentes – uma destinada ao Norte do país e outra ao Sul.

Face a um crescimento da circulação, provocado pelas razões acima escritas, *o Jogo* acabaria por passar a diário em setembro de 1995 pelo que, até à segunda década do séc. XX, *a Bola*, o *Record* e *o Jogo* dominaram o panorama português, em termos de periódicos desportivos generalistas. Em 1996, *A Bola* e o *Record* tinham uma tiragem superior a 100 mil exemplares. (Pinheiro, 2010, p. 419 e 420)

No mesmo ano, as receitas publicitárias encontravam-se ainda reduzidas, quando comparadas com os jornais generalistas portugueses. No jornal *a Bola*, a publicidade ocupava 16 por cento do lucro e no *Record* 17 %. Estes indicadores demonstram que o mercado publicitário ainda olhava com algum descrédito para o jornalismo desportivo. (Pinheiro, 2010, p. 420)

Entretanto, em setembro do mesmo ano, as direções de *A Bola* e de *O Jogo* incompatibilizaram-se, na sequência da proibição de acesso imposta pela direção do FC Porto a jornalistas de *a Bola* e do *Record*. O diretor de *A Bola*, Vítor Serpa, acusou a direção do clube nortenho de “privilegiar o jornal *O Jogo*”. (Pinheiro, 2010, p. 422)

Após passarem a diário e com a escassez de notícias para publicar, os jornais desportivos passaram a dar um redobrado interesse ao contexto exterior do jogo, ou seja, viraram-se para os bastidores. Para Pinheiro (2010, p. 419), “embora muito fosse dito e escrito em

nome da verdade desportiva, o que parecia importar eram as audiências, assentando o jornalismo desportivo no paradigma de «quanto maior o escândalo maiores as tiragens»”.

Em 1997, não surgiu nenhuma nova publicação generalistas. No entanto, nos três anos seguintes, apareceram nove novos periódicos desportivos generalistas, todos fora dos dois maiores polos – Porto e Lisboa. No entanto, estas novas publicações apresentavam linhas editoriais regionalistas, centradas essencialmente no futebol.

Uma outra área que esteve particularmente ativa foi a modalidade do ciclismo. No final do século, entre 1999 e 2000, apareceram em Portugal quatro novas publicações associadas a este desporto. Foram elas: *Mundo do Ciclismo*, *Superciclismo*, *Mountain Bike* e *Sport Cycle Magazine*.

No século XXI, tornou-se visível a influência do futebol no campo do jornalismo desportivo. Para Gomes e Freitas (2002, p. 03) “O desporto, e especialmente o futebol nos últimos anos, desempenha o papel de compensação simbólica, na medida em que proporcione e satisfaça os desejos imediatos da desperiferização do país. Também, por isso, se compreende a substituição dos investimentos nas prioridades sociais pelas obras de prestígio nacional e internacional, na construção de estádios e na realização de provas internacionais”.

Referente à doutrina aplicada pelos jornalistas, hoje em dia a imparcialidade é um ato muito elogiado a um jornalista desportivo. No entanto, quando estão em causa representações nacionais, o patriotismo e a parcialidade são vistos quase como obrigações morais, sendo que palavras como “nós”, “eles”, “nossos” e “vossos” são muito usadas no discurso jornalístico desportivo. (Coelho, 2004, p. 29)

Atualmente, a linguagem usada no discurso jornalístico desportivo baseia-se no *vox populi*, um estilo conversacional que contribui para uma ilusão de informalidade, de cumplicidade e de aproximação afetiva com o auditório (Gomes e Freitas 2002, p. 05). Houve no século XXI, e até hoje, uma enorme obsessão pelo *record*, que se associa a uma sociedade capitalista, onde os lucros obtidos são visto como uma progressão, à semelhança do que acontece com o *record* (Calvo, 2001, p. 26)

Resumidamente, os meios de comunicação nem sempre espelham a realidade mas, de certa maneira, formam-na. (Calvo, 2001, p. 22). Para Constantino (1990 *in* Calvo, 2001,

p. 28) “o espetáculo desportivo aperfeiçoou as técnicas de mercado, aplicou o marketing, projetou a imagem, alimentou o seu consumo mediático e serviu-se para fins publicitários, nascendo assim o «desporto-indústria» e o «desporto-comércio»” (Calvo, 2001, p. 29).

III. Estudo do caso “Cobertura mediática do jornal *A BOLA* sobre a Volta a Portugal em bicicleta (1946-2006)

Para melhor se compreender a análise da evolução jornalística ao longo deste período, convém considerar dois tempos distintos: antes e depois do 25 de abril.

Acontece que, em Portugal, o 25 de abril foi um marco importantíssimo, não só a nível político, como também a nível cultural. E, para um mero exemplo disso, podemos mencionar o fim da censura após a revolução dos cravos, bem como uma mudança, no discurso doutrinário, dos jornais e, mesmo a nível de publicidade, no uso das fotos e infografias e mesmo dos cartoons.

3.1 Metodologia

Nesta análise, procurar-se-á desenvolver o conhecimento científico através das relações de causalidade (causa-efeito) respondendo, sempre que possível, ao “porquê” (Sousa, p. 320).

Para isso, utilizou-se uma pesquisa descritiva, através do recurso à indução e à observação da realidade (não apenas uma observação metódica, mas também o acompanhamento dos estudos científicos na área).

No que concerne à análise, optou-se pelo tipo qualitativo, com a exceção do subcapítulo “Fotos, Infografias e Cartoons”, onde se analisou quantitativamente, porque esse tema envolve uma grande quantidade de números (de fotos relativas a determinado assunto, entre outros) o que originou que se dividisse essa análise em vários pequenos temas, devidamente justificados, quando necessário.

Respetivamente à análise qualitativa, procurou-se localizar, identificar, selecionar, recolher, descrever e analisar elementos de interesse para a pesquisa. É que, por exemplo, para avaliar a comunicação escrita num jornal, o pesquisador deve recolher e analisar uma amostra de textos (Sousa, p. 352 e 353)

Assim, nesta análise decidiu-se esmiuçar os dados recolhidos da seguinte forma:

1. Verificação de, haver ou não, um discurso político e político desportivo e, caso isso se constate, se tal é muito ou pouco frequente e sobre que assuntos incide o debate;
2. Análise da ideologia doutrinária presente no discurso usado. Como se viu nos capítulos, houve a preocupação de, numa primeira fase, defender a causa desportiva e, posteriormente, o cuidado de enaltecer o herói desportivo como símbolo a seguir;
3. Estudo da eventual influência do jornalista na criação de clubismos, regionalismos e nacionalismos, dado que, sendo o nosso país de tão pequena dimensão, é de espantar que nele possam existir tantos regionalismos diferentes, quando nele apenas existem três clubes de grande dimensão. Também vai referir-se o discurso relativo à popularidade da Volta, em Portugal;
4. Observação da evolução dos preços dos periódicos desportivos ao longo dos tempos, com a preocupação de estabelecer o paralelismo da mudança do valor monetário do dinheiro;
5. Exame das notícias referentes à volta a Portugal em Bicicleta, com incidência sobre o número de páginas do jornal, o título das notícias e conteúdo das mesmas, não esquecendo as declarações dos vários elementos englobados no acontecimento;
6. Estudo das fotos, das infografias, dos cartoons e da sua evolução, aumento ou diminuição dos seus números, ao longo do período em análise;
7. Determinação do uso da publicidade relacionada com a Volta a Portugal em Bicicleta e análise da dimensão dessa mesma publicidade.

3.2 Antes do 25 de abril

Esta primeira fase, antes do 25 de Abril, será mais direcionada para o levantamento das fontes/casos do que para a discussão das mesmas. Isso ficou a dever-se ao facto de, apesar da necessidade de dividir o período em análise em dois para facilitar a leitura, a época anterior ao 25 de abril é insuficiente e incompleta para a elaboração de uma análise completa e factual, pelo que a suma das análises será colocada no período pós-25 de abril, mas dando relevância, também, a este espaço temporal.

O objetivo é comprovar que, efetivamente, havia uma certa fomentação de clubismos, regionalismos e do desporto como espetáculo, bem como a presença ou ausência de

discurso político, entre outros aspetos, visto que foram poucas as diferenças encontradas, durante os dois primeiros em análise, e mesmo no terceiro (embora em maior escala). A grande alteração no panorama jornalístico desportivo deu-se no ano de 1973, sendo que este, quando comparado com os anos vindouros, também não foi o ano da grande revolução.

3.2.1 Ausência ou presença do discurso político

Efetivamente, após a análise do período anterior ao 25 de abril, encontraram-se vários casos em que é evidente a presença do discurso político-desportivo, sendo definido neste caso como os assuntos públicos de desporto ou as relações de uma entidade com outra: como favoritos (visto que são pertença de um determinado clube); críticas, análises, ou notícias à organização; aspetos monetários (ligados à parte político-económica, visto que as duas são associáveis); a comparação deste desporto com o futebol (uma análise ao desporto em si, num prisma publico); análises à prestação dos clubes e dos corredores.

1946

- A 1 de agosto de 1946, na página 5 de *A Bola*, mais precisamente na notícia “A volta a Portugal começa a 11 deste mês” afirma-se que a Volta serve para “preencher a temporada do defeso do futebol”, o que serve para elucidar a importância deste desporto durante o verão e que determina que o futebol já era visto como desporto de referência.

- No seguimento disso, a 12 de agosto do mesmo ano, na própria capa dessa edição, na notícia “a XI Volta a Portugal em Bicicleta começou ontem com a tirada Cova da Piedade-Setubal que foi ganha pelo corredor Onofre Tavares do Futebol Club do Porto” compara-se a participação nessa volta de um ciclista com a internacionalização de um futebolista, pelo que se pode observar uma certa relação entre a Volta a Portugal e o futebol. Nesta altura, o futebol já era a modalidade considerada com desporto-rei, embora não com a discrepância que tem atualmente para as restantes modalidades. Por isso, no que se refere às outras vertentes desportivas, era comum fazerem-se analogias com o futebol, de forma a que as pessoas se interligassem mais e compreendessem melhor essa modalidade – neste caso o ciclismo.

- Na edição de 12 de agosto do mesmo, na página 5, há uma notícia sobre os aspetos monetários da volta. Idênticos a este, verificaram-se mais sete casos na edição de 1956,

cinco casos em 1966 e ainda 3 em 1973. Como aspetos monetários considera-se notícias sobre prémios, multas e salários, que foram as encontradas. Durante este período foi comum encontrar-se notícias sobre as questões financeiras, provavelmente devido ao facto de os salários e prémios dos jogadores serem normais, quando comparados com a maior parte do povo, o que dava uma sensação de intimidade com o espetador.

- Na edição de 1946, houve a preocupação de diferenciar os favoritos à vitória final da volta, dando como exemplo a notícia de “Rebelo ou Moreira – Qual dará o golpe decisivo? Fernando Moreira venceu a tirada de ontem”, na capa da edição de 22 de agosto, onde se considera que aqueles ciclistas, com José como “*tercius-gaudet*”, decidirão a volta.

Na mesma edição na página 3, a notícia – “Os favoritos falam ao enviado especial de “*A Bola*”” são feitas entrevistas aos três ciclistas atrás mencionados e ainda a João Lourenço.

- Na capa da edição de 26 de agosto, na notícia da capa, “De João rebelo a José Martins com Moreira em «alerta»! Fernando Moreira e custódio dos reis ganharam as tiradas de ontem” considera-se que o primeiro perdeu a volta, pelo que Fernando Moreira seria o principal rival de José Martins. O facto dos três pertencerem aos grandes clubes portugueses (José Martins – Benfica; Fernando Moreira – FC Porto; João Rebelo – Sporting) serviu para extrapolar a dimensão da rivalidade.

De forma a criar uma antecipação aos próximos dias e deixando no ar o suspense e a dúvida, era comum os jornalistas enunciarem os seus favoritos à vitória final da Volta, o que também permitia que os leitores se interligassem com os protagonistas, criando, assim, uma maior empatia para com a Volta, sendo que os jornalistas, neste período, tinham como objetivo a propaganda do desporto, como arte.

Num aparte, temos a lembrar que, em 1946, o jornal *A Bola* tinha somente um ano de vida, pelo que ainda não estava plenamente desenvolvido e tinha um discurso e um grafismo pouco desenvolvidos, bem como a organização espacial por temas, sendo ainda pequenos o número de páginas e de leitores.

Na página 5 da mesma edição, Lança Moreira, jornalista responsável pela Volta, na continuação da reportagem da capa, considera-se que o vencedor da Volta tem de procurar-se entre Martins e Moreira, acrescentando que se aceita como boa tese a

afirmação de que “nas estradas do norte, que Fernando Moreira conhecer muito bem, a volta se resolverá”, mas lembra que “a estrada é igual para todos e Martins, Lourenço e Rebelo também conhecem de sobejo o caminho que palmilham”. Para além da enunciação de favoritos, denota-se aqui uma rivalidade Norte-Sul, visto que Fernando Moreira é nortenho e o jornalista prefere desvalorizar as suas possibilidades.

1956

NA edição de 1956 nota-se uma maior preocupação com a organização da prova, do regulamento das etapas, sendo que, por isso, apenas em 3 casos se fala mesmo em favoritos: numa notícia, da página 5 da edição de 18 de agosto, “Alves Barbosa e Rebeiro da Silva são os favoritos da prova”, numa foto na mesma página, de tamanho médio sobre a equipa do FC Porto, com a legenda a considerá-la “favorita” a vencer a prova por equipas e em mais uma foto de Ribeiro da Silva, com a legenda a considerá-lo “a figura nº2” da prova. Isto talvez se tenha devido também ao facto de Alves Barbosa ser um super-candidato à Volta e que só tinha Ribeiro da Silva como rival; mas aquele tinha experiência internacional (Volta à França) e este não.

Em 1966, houve quatro notícias em que se fizeram referências sobre favoritos à prova. Ao contrário de, nas edições anteriores, essas notícias dispersaram-se ao longo da volta, tendo surgido uma série de fotos a 6 de agosto, na página 3, com João Roque, Peixoto Alves, Joaquim Leão, Mário Silva, Manuel Miranda e Joaquim Corvo, como favoritos.

Já na página 6 da mesma edição, na notícia “Festa do Povo” consideram os favoritos Peixoto Alves, João Roque, Mário Silva, Joaquim Leão e “o meio consagrado Leonel Miranda”.

Mais à frente, a 20 de agosto, na notícia de capa “«A Bola» na 29ª volta a Portugal em bicicleta, Francisco Valada resistiu ao teste do contra-relógio”, apelidam Peixoto Alves, João Roque e Mário Silva de “exageradamente favoritos”.

Nessa mesma capa também é incluída uma foto de tamanho médio de Francisco Valada a dizer “favorito”.

Finalmente, na página 4 dessa mesma edição, há uma foto grande de João Roque e Mário Silva com o título “favoritos à volta à partida”

Nesta edição não havia nenhum favorito claro o que, conciliado com uma maior preocupação em antever e explicar por parte dos jornais, promovida pelo surgimento da televisão, levou a que se destacassem os favoritos.

Efetivamente, a edição de 1956 foi muito polémica devido ao número de etapas de perfil pouco acidentado e ao número de corridas por dia, o que originou uma maior preocupação com os aspetos funcionais da organização da prova de que servem de exemplo:

- A 29 de julho na contracapa, na notícia “Preparando a Volta a Portugal. 90 contos de prémios – 15 para o primeiro” critica-se o aumento de “etapas de perfil pouco acidentado”, sendo que alguns corredores podem usar as zonas planas para se isolarem e ganharem o prémio da montanha.

- Na página 3 de 9 de agosto, verificou-se uma preocupação com a situação do Sangalhos, que pretendia inscrever dois amadores espanhóis como independentes, com o intuito de ter corredores suficientes para possuir um carro de apoio, na notícia 3 “Preparando o nosso «tour». O regulamento da Volta foi entregue à D.G.D” .

- Na edição de 16 de agosto, tanto na capa como na própria notícia (página 6), Alves Barbosa considera que os corredores “não têm tempo para descansar o mínimo que se exige”, no entanto o diretor da prova, quando entrevistado, na página 6, considera que “a volta é uma competição totalmente diferente dos circuitos ou das provas de uma só etapa”.

Alves Barbosa tece o seu comentário na notícia “Não temos o tempo para descansar o mínimo...”, enquanto o diretor da prova faz as suas declarações na peça “Na véspera da prova fala o diretor da «Volta». O êxito da corrida está mas nas mãos dos outros do que nas minhas”, havendo por isso a preocupação em contrapor os dois lados.

- Existem detalhes sobre a organização das classificações, a organização das corridas e a limpeza das metas – uma das novidades da volta – na página 4 da edição de 16 de agosto, na notícia “Disposições do regulamento técnico. «Limpeza» das metas. Uma das novidades da «volta-56»”

- A 18 de agosto, na página 5, na crónica “sorrindo... e andando as voltinhas do Marau”, segundo o jornalista, torna-se “nítida a influência da Volta a França e, como não é possível esticar Portugal, estica-se a volta.

Tudo isto comprova que a organização da Volta a Portugal era alvo de críticas por parte dos jornais, quando as coisas corriam mal.

- Já na edição de 20 de agosto, na página 4, na notícia “A «Volta» é «mastigada» junto ao litoral e »despachada» no interior” critica-se a sua organização por haver várias etapas a passar pelo litoral, mas poucas a passar no interior do país e, devido à dureza da prova, apelida-se de “volta e meia”.

- Na página 5 de 30 de agosto, houve a preocupação de colocar uma foto de tamanho médio com os corredores da Volta a França a correr no passeio da estrada, onde o troço era mais suave, sendo que consideram o escândalo de Alves Barbosa ter feito o mesmo na Volta a Portugal – “uma discordância impertinente”.

- Na etapa com partida de Trancoso alguns corredores da equipa do Académico F.C. atrasaram-se, o que originou algumas multas por parte da Federação de Ciclismo; por isso, na edição de 27 de agosto, na página 4, colocou-se uma foto pequena sobre o atraso de alguns desses corredores e, na edição de 30 de agosto, na página 7, explica-se tal atraso na notícia “Adiar é resolver... Ficou em nada o protesto do Académico”.

- Em relação às críticas quanto ao itinerário escolhido pela organização (notícia de 30 de agosto na página 5 – “Nunca mais é sábado”) os voltistas, um dos corredores em específico, criticam o “prolongamento da volta”.

- É ainda de acrescentar que, na edição de 1956, se verificaram 8 casos de notícias ligados a aspetos da organização da Volta.

Em relação aos rescaldos da Volta, era comum fazer-se uma análise no final, cobrindo e comentando a prestação das principais equipas e dos ciclistas, sendo que os conjuntos eram alvo de maior análise, visto que, nesta altura, o discurso jornalístico se centrava no desporto-espetáculo e não no herói “desportivo”, algo que iria mudar na década de 70.

Com o surgimento da televisão, principalmente a partir da década de 60, estas análises sofreriam um aumento, devido à trilogia que se criou entre a Televisão, A Rádio e o Jornal – A rádio dá a notícia, a TV mostra a imagem e o jornal pormenoriza-a.

Assim, na edição de 1946, a 5 de setembro, na página 3 na notícia “Apreciação final à XI Volta a Portugal, em Bicicleta”, criticou-se a equipa de Fernando Moreira do F.C. Porto

e as suas atitudes. Para o jornalista houve duas falhas do ciclista do Porto: “ausência de equipa que o auxiliasse, contrabalançando com a homogeneidade da equipa Iluminante e, por vezes, da sportinguista”; a aparente “passividade de Moreira nas etapas de Trás os Montes”.

Na edição de 1956 de 1 de setembro, na página 4, na notícia “Terminou a Volta a Portugal Ribeiro da Silva rendeu-se cedo e Fernando Maltês «acordou» tarde”, criticou-se a “falta de iniciativa” da maioria dos corredores e, “Sporting e Porto estiveram abaixo da expectativa”, enaltecendo o Académico e um Benfica “surpreendentemente” à frente dos outros dois grandes.

Já a 6 de agosto, na capa, na notícia “uma sugestão, outras se seguem... Portugueses no «Tour»? – sim, mas é necessário começar já a trabalhar”, sugere-se a participação de portugueses no tour e pede-se o auxílio de portistas, benfiquistas e sportinguistas.

1966

Na edição de 1966 os rescaldos foram menos dirigidos à prestação das equipas encontrando-se dois casos em que essa prestação foi analisada:

- uma a 20 de agosto, na página 5, na notícia “O grande vencido. «Eles» que não comecem com as vaidades...” em que se criticam comportamentos fracos do sporting e, posteriormente, a 25 de agosto, na contracapa considera-se que o F.C. Porto e o Sporting perderam a volta como o Benfica a venceu “espectacularmente”. Na realidade, no rescaldo da volta, elogiou-se bastante a organização da prova, apelidando-a de “heroicamente” organizada e agradecendo em caixa ao organizador da corrida (edição de 25 de agosto). É que apesar de todas as críticas anteriores, esta acabou por ser um sucesso.

Aliás, por quatro vezes se fez esse mesmo elogio, em notícia, o que ficou a dever-se ao facto de a prova ter sido organizada à última da hora, visto que os patrocinadores da edição de 1965 só tardiamente rejeitaram voltar a organizá-la, pelo que a sua efetivação coube à UFP.

A 4 de agosto, na página 4, apelida-se a “Volta de xaile e lenço” na notícia com o mesmo nome.

A 6 de agosto na página 3, na notícia “Paulo Martins e a «Volta-66». A «ronda das negativas» foi um verdadeiro calvário!”, o líder da UFP/ FPC prestou declarações a *A Bola* quanto à situação acima desenvolvida e, entre outros casos idênticos, encontraram-se 5 situações de notícias ligadas à organização e 6 ligados ao departamento jurídico, com especial destaque para a notícia “De renúncia em renúncia, a representação d ciclismo profissional, sobre a égide da associação de ciclismo do Porto acabou por ficar entregue somente a dois clubes (Porto e Cedemi)” – página 3, 6 de agosto.

Nesta edição de 1966, também se debateu a televisão e a sua introdução nos media, pelo que a 6 de agosto, na capa, na notícia “A partir desta noite eis a volta – a grande festa do povo”, Vítor Santos, enviado especial de *A Bola* considera que a Volta a Portugal está “muito para lá do pequeno mágico ecran da TV”. Nesta altura, a televisão ainda era vista de forma dúbia, com alguns a aceitá-la, acreditando nas benesses que esta poderia trazer, e outros a rejeitá-la, com medo do seu impacto.

A 13 de agosto na página 5, na crónica “hoje corro eu” critica-se Filipe Nogueira dizendo que este aproveita “o sangue para a cabidela dos seus programas de TV”.

A televisão, apesar de ser um movimento importante e histórico, ainda era vista com alguma estranheza. Na edição de 22 de agosto, na página 4, considera-se a tv um surgimento “histórico”, mas goza-se com a falta de compreensão das pessoas em relação à tv e critica-se a falta de “vibrantes na estrada”.

Também, por curiosidade, há duas referências, quanto ao doping e à censura. Em relação ao primeiro, a 13 de agosto na página 5, na notícia “A volta por dentro. Por que não fazem o «teste das urinas?»”, faz-se uma comparação entre os casos de doping e o futebol, e uma analogia a um caso de doping polémico em Inglaterra.

Em relação à censura a 11 de agosto, na página 4, na crónica “hoje corro eu”, o jornalista afirma poder estar “a incorrer na alçada de alguma lei muito especial” sendo, talvez, uma pequena crítica à censura dos tempos de então, mas demasiado irrelevante para poder fazer mal.

Também se fez, nessa edição de 66 uma análise ao panorama do ciclismo em Portugal: na contracapa de 25 de agosto, primeiro critica-se a comercialização plena do ciclismo, passando os ciclistas “a representar empresas de vários géneros”, concluindo que isso

“constituirá, sem sombras de dúvidas, a precipitação dos acontecimentos, até à morte definitiva do ciclismo nacional” e pede-se que haja uma reinterpretação da modalidade de classificação por equipas, ou seja, contabilizar-se-iam os três melhores da etapa e não da geral.

Assim, o ciclista que seja um dos três melhores da equipa numa só etapa e, depois, não tenha uma interpretação igual, acaba por ajudar, na mesma, o clube.

1973

Na edição de 1973, na cobertura da Volta a Portugal, verificou-se uma grande sub-divisão do discurso político, ao nível de vários temas, nomeadamente: a análise da prestação das várias equipas (5 casos); notícias relacionadas com a sua organização (12 casos); enumeração dos possíveis favoritos (5 casos); *doping* (12 casos); comparação do ciclismo com o futebol (1 caso); análise do panorama internacional do ciclismo (1 caso); notícias relacionadas com o aspeto monetário (3 casos); passividade dos corredores no decurso das etapas (7 casos); críticas ao comportamento do público (2 casos).

Isto ficou a dever-se ao facto de os casos de *doping* terem aumentado no ciclismo e no desporto e, posteriormente, o próprio Joaquim Agostinho seria acusado disso, vindo a perder a edição de 1973, à custa da *Ritaline*.

O número baixo de análise da prestação das várias equipas ficou a dever-se, principalmente, à presença de Joaquim Agostinho, que concentrou em si a figura de herói desportivo, tal como tinha acontecido anteriormente com Alves Barbosa, mas em menor escala.

Por causa disso, e das críticas de Agostinho e de outros ciclistas, num discurso centrado nos corredores, o que estes diziam era o que se tornava no alvo da notícia, bem como as suas prestações.

Uma das novidades a mencionar ocorreu a 4 de agosto na página 5, na notícia “Amanhã começa a festa do Verão. Nem só dos grandes vive a grande prova”, onde Homero Serpa, enviado especial de *A Bola*, apesar de considerar Joaquim Agostinho favorito salienta que “há vários prismas de vitória”. Isto mostra que há uma nova forma de se ver a volta: se antes só eram considerados favoritos os que lutavam pela vitória final, individual ou

coletivamente, agora, poder-se-iam considerar favoritos aqueles que lutavam por prémios específicos por cada etapa, dando realce a outras questões que não só a vitória final.

Também é de salientar que na página 8 da edição de 4 de agosto na notícia “Na hora em que começa a «volta-73». Agostinho faz falta à volta a Portugal?” o jornalista afirma que Joaquim Agostinho está “para o ciclismo como Eusébio para o futebol”, o que comprova que, tanto um como o outro, já eram vistos como heróis nacionais, visto que já Barroso (2001) tinha considerado Eusébio herói nacional e que Joaquim Agostinho era visto como um igual.

Em relação às críticas relacionadas com a organização, das 14 recolhidas, duas delas relacionaram-se com as queixas dos ciclistas em relação aos carros dos órgãos de informação que complicavam os seus trabalhos; outras duas relacionaram-se com o itinerário escolhido pela organização da volta; sete relacionadas com a organização da volta em si e três referentes ao aparecimento de empresas comerciais que vieram substituir os clubes – que era uma novidade em crescimento na altura, mas no campo do ciclismo internacional já começava a impor-se.

Quanto a este último caso, como exemplo da verdadeira opinião dos jornalistas sobre ele, é de salientar as palavras de Homero Serpa, na capa da edição 20 de agosto, na notícia “Acabou a 36ª volta a Portugal. Joaquim Agostinho - Quarta vitória consecutiva.”, quando ele diz que: “primeiro, a consagração individual que seria igualzinha se, por exemplo, Agostinho pertencesse a uma equipa comercial; depois, sim, a ponta de orgulho clubista”, numa alusão ao facto de as equipas comerciais retirarem a paixão clubística.

Também foi novidade a referência, por duas vezes, à falta de zelo e mau comportamento do público nas estradas de Portugal, muitas das vezes com interferência no espetáculo.

No entanto, não se pode esquecer que a Volta a Portugal foi muitas vezes entendida como uma festa popular.

Em relação ao *doping*, enquanto nas edições anteriores, foram referidos apenas um ou dois casos, com incidência neste problema, desta vez foram encontrados 12, sendo três deles passados no decurso da Volta a Portugal, um em relação a uma volta perdida por Agostinho e oito, já no final da volta, por se descobrir que este ciclista tinha acusado doping e, por isso, tinha a vitória em causa.

Além disso, o jornal *A Bola*, na capa da edição de 23 de agosto, publicou a notícia com o título “Acreditamos em Agostinho” e na página 6 da mesma edição, na continuação da mesma notícia refere “Agostinho ingénuo mas... também honesto”, duvidando que “terá feito de propósito”, devido à “hombridade” do homem. Isto serve de exemplo de como era visto o herói – transcendental, mitológico, quase perfeito.

Para finalizar, nesta edição que foi muito criticada pela passividade dos ciclistas, que se desculparam devido às dificuldades da volta, critica-se o “amadorismo” e a “falta de rodagem” das equipas portuguesas em estradas estrangeiras, considerando esses ciclistas profissionais “só de estatuto” – 23 de agosto na página 2

3.2.2 Preço

	1946	1956	1966	1973
Preço	1\$00	1\$50	1\$50	2\$50
Crescimento	0%	50%	0%	66,6%

Gráfico 1. Tabela de preços e do crescimento percentual de ano para ano.

Em 1946, oito páginas de *A bola* custavam um escudo e, passados 10 anos, o preço já estava em 1 escudo e 50 centavos e, em 1973, já eram dois escudos e 50 centavos.

Tendo em conta, atualmente, este jornal custa oitenta e cinco cêntimos, que corresponde a cerca de 170 escudos, conclui-se que, no espaço de 27 anos (1946 a 1973), verificou-se um aumento de 250 por cento do custo inicial e, desde 1973 até agora, (45 anos) o aumento rondou os 720 %, mais do dobro em menos de 50 anos.

O aumento de 1973 deveu-se à crise do papel, que se instaurou nesse ano.

3.2.3 Fotos, infografias e cartoons

O recurso ao uso das fotos, durante muito tempo, serviu para embelezar e complementar as notícias. Por isso, achou-se importante analisar também esta temática na área do ciclismo. Apesar de se considerar que não se dispõe dos estudos necessários para a análise aprofundada dos aspetos técnicos da fotografia, decidiu-se optar por analisar o número de fotos empregues e o seu conteúdo.

Assim, no ano de 1946, recolheram-se 16 fotos relacionadas com a Volta a Portugal em Bicicleta, seis das quais de tamanho médio (ocupando cerca de 1/10 da página) e as restantes de tamanho pequeno (com menos de 1/10 da página). Constatou-se que não havia nenhuma foto dos ciclistas à chegada à meta (era o momento auge do dia), enquanto, no ano de 1956, encontraram-se quatro desse tipo, no ano de 1966, recolheram-se cinco e no ano de 1973 onze, o que indica uma maior preocupação em transmitir ao público os momentos decisivos, de forma a cativá-los.

No ano de 1946, duas das fotos recolhidas incidiam sobre os vencedores das etapas (Rui Costa recentemente disse em público que “duas etapas na Volta a França valem mais que um top-10), dez visavam os líderes das mais diversas classificações (eram este que comandavam o pelotão), enquanto em 1956, oito visavam os líderes e quatro os vencedores das etapas. No ano de 1966, nove dessas fotos visavam os líderes das classificações e dez diziam respeito aos vencedores. No ano de 1973, 16 dessas fotos referiam-se aos líderes e dez aos vencedores das etapas.

Para o que se segue, é preciso explicar que optou-se pela subdivisão diretores desportivos, visto que são eles os comandantes dos atores principais (os ciclistas).

Tipos de fotos	1946	1956	1966	1973
Ciclistas	16/100%	57/92%	56/97%	66/94,3%
Diretores desportivos	0	1/1,6%	0	1/1,4%
Outros aspetos	0	4/6,4%	2/3%	3/4,3%
Total	16	62	58	70

Gráfico 2. Alvos sobre os quais incidiam as fotos

Tipos de fotos de ciclistas	1946	1956	1966	1973
Líderes	10/62,3%	8/14%	9/16%	16/24,2%

Chegadas	0	4/7%	5/8,9%	11/16,6%
Vencedores de etapas	2/12,5%	4/7%	10/17,8%	10/15,1%
Total	16	57	56	66

Gráfico 3. Alvos principais, sobre os quais incidiam as fotos de ciclistas. Optou-se pela subdivisão diretores desportivos, visto que são eles os comandantes dos atores principais. (os ciclistas)

Numa análise percentual, isto significa:

1. Que em 1946, 12,5 % das fotos incidiam sobre os vencedores das etapas e 63% sobre os líderes;
2. Que em 1956, 12,5 % visavam os líderes e 6,25% os vencedores, o que significa que houve um decréscimo de quase 80 % das fotos respeitantes aos vencedores e 50% aos líderes;
3. Que em 1966, apenas 17,4% dos vencedores foram objetos de fotografias e 15,5% alvos dos líderes. Isto significa que, no caso dos líderes, verificou-se uma estagnação por apresentarem números muito próximos, enquanto nos vencedores das etapas, se verificou um aumento três vezes maior;
4. Que em 1973, quase 22 % das fotos tinham por alvo os líderes, enquanto 13,6% visavam os vencedores, o que quer dizer que, no espaço de 1946 a 1973, a percentagem das fotos dos vencedores, apesar das suas oscilações, estagnou, enquanto em relação aos líderes se verificou um decréscimo para mais ou menos 1/3 das fotos.
5. Em 1956, recolheram-se três fotos de tamanho grande (superior a 1/10 da página), 33 de médio e 28 de pequeno, o que perfaz um total de 64 fotos;
6. Em 1966, esses números passaram a ser de 8 grandes, 22 médios e 25 pequenas, num total de 58 fotos;
7. Em 1973, sete das fotos foram de tamanho grande, 27 do médio e 34 do pequeno, perfazendo um total de 70 fotos

Isso significa que em 1956 já se usavam as fotos grandes, mas em pequeno número, enquanto que em 1966 e 1973 isso se tornou mais regular.

Em relação às fotos médias e pequenas os números foram muito parecidos com um ligeiro aumento das pequenas em relação às grades.

Quanto aos alvos que as fotos visavam, as 16 recolhidas em 1946 incidiam todas sobre os ciclistas; em 1956, 59 das fotos tinham o mesmo alvo, uma visava a equipa médica, outra um diretor desportiva, duas um enviado especial de *A Bola* e outra o público; em 1966 só duas fotos não incidiam sobre os ciclistas, mas sim sobre o público; em 1973 66 das fotos mostravam os ciclistas, duas o público, uma os diretores e uma um jornalista que não o enviado especial.

No entanto, há que ter em atenção que 12 das 59 fotos dos ciclistas, em 1956, recaiam sobre Alves Barbosa, numa percentagem de cerca de 20 %, enquanto em 1973, 26 das 66 fotos sobre os ciclistas eram sobre Joaquim Agostinho, o que corresponde a uma percentagem de 39 %, praticamente o dobro da percentagem em relação a Alves Barbosa. Esta maior incidência sobre Joaquim Agostinho poderá significar uma mudança doutrinária do jornalista, que passa a ver o desportista como herói em lugar de fazer a apologia do desporto, algo que será analisado mais à frente.

Finalmente, em relação às fotos, há a salientar duas fotos inovadoras, conseguidas de um helicóptero, ou seja, a volta vista do ar, publicadas na capa e contra-capas da edição de 9 de agosto



Figuras 5 e 6. Fotos inovadoras de 1973 em que, através do recurso a um helicóptero, pode-se ver o pelotão inteiro e visto do ar.

Em relação às infografias (informação mais grafismo), começaram a ser usadas nos anos 40 e encontramos uma de tamanho médio na edição de 1946, outra em 1956, mais uma em 1966 e quatro em 1973, sendo, de todas elas apenas uma de tamanho pequeno, com a curiosidade de, em 13 de agosto, na página 12, ser usada uma infografia da altimetria da subida à famosa etapa da Torre, o que perfila uma maior preocupação ao longo dos tempos, principalmente a partir dos anos 70, com os aspetos gráficos, já que nesse ano também se recorreu a quatro cartoons caricaturando a Volta.



Figuras 7 e 8. Infografias de 1946 e 1956, respetivamente.



Figuras 9 e 10. Infografias da Volta de 1966 e 1973, respetivamente.

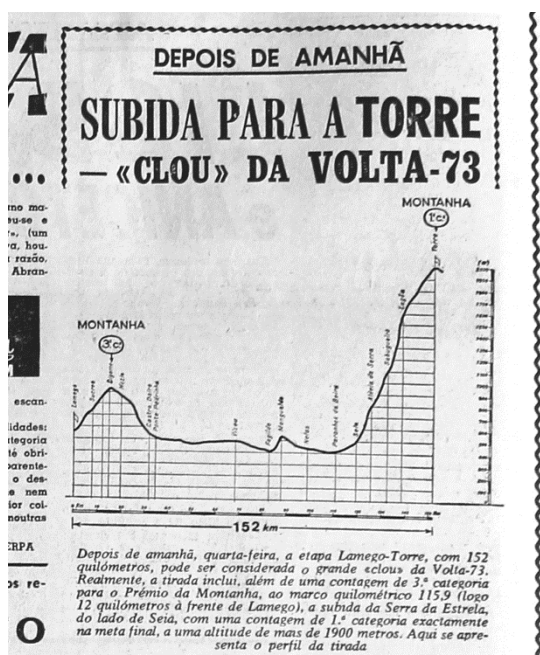


Figura 11. Infografia da altimetria da subida à Torre.

Como se pode ver nas figuras de 7 a 11, ao longo dos tempos começou a verificar-se um detalhe mais gráfico nas infografias, o que permitia também que o público recolhesse maior informação.

3.2.4 Publicidade

Como foi visto no capítulo anterior, no final da década de 60 e principalmente na de 70, os jornais desportivos começaram a preocupar-se com as vendas, o lucro e a publicidade, sendo com estranheza, que em 1946, não houvesse nenhum anúncio publicitário de uma sociedade comercial com referência à Volta a Portugal, enquanto em 1956 só houve uma (ver anexo 2), de tamanho médio e em 1966 houve três (ver anexo 3) de tamanho médio, uma de tamanho grande e outra de tamanho pequeno e em 1973 era comum ver-se no fundo páginas principais um anúncio publicitário à Canon (ver anexo 4).

Nesta altura, ainda não eram as empresas a ter grande parte das ações comerciais dos jornais (em 1973 já começava a acontecer), pelo que é normal e compreensível que houvesse menor publicidade. Tal só aconteceu nos finais da década de 60 e início da década de 70, o que explica o maior número em 1973 e também, mas em menor escala, em 1966. No entanto, quando se comparar com os anos pós-25 de abril, vai verificar-se um enorme disparidade.

3.2.5 Discurso Doutrinário

Como vimos anteriormente, Pinheiro (2010, p. 393) tinha concluído que, durante a década de 70, houve uma mudança no campo doutrinal do jornalismo desportivo, sendo que o conceito de desporto espetáculo, que vingou durante todo o período do Estado-Novo, foi substituído pela ideia do herói desportivo. Apesar desta análise, no decurso do meu estudo do caso recolhi informações, sugestivas que essa mudança doutrinal poderá ter começado a ocorrer em inícios da década de 70 e não no final da mesma.

Em 1946, encontraram-se quatro casos que exemplificam o discurso doutrinário do jornalista, assente na missão em nome da causa desportiva. Desses, salientam-se os seguintes, por considerar os melhores exemplos:

- A 15 de Agosto, na capa da crónica “A dança da camisola amarela”, o jornalista Lança Moreira fez o seguinte comentário em relação à volta – “A missão é espinhosa, mas quando se sabe o que se quer e se possui poder de persuasão e de uma forma feral «presença» torna-se mais fácil conseguir fazer ver aos ciclistas a diretriz que se deve seguir”
- Na notícia “O «tempo» de vantagem de José Martins deve assegurar-lhe a vitória”, na capa da edição de 29 de agosto, considera-se que “sem favor, são todos campeões”, salientando a proeza de todos que conseguiram terminar a prova, elevando-a dessa forma.

Já em 1956, também se encontraram duas referências, que se consideraram apologéticas ao herói desportivo. Muito por causa de Alves Barbosa, que havia conseguido um 10º lugar na Volta a França e que, na notícia “A personalidade de um campeão. Alves Barbosa sabe fazer a sua publicidade” elogia-se a “personalidade” do corredor, sendo que o mesmo “irradia simpatia”.

Nesse ano, recolheram-se sete casos de exemplos que enaltecem a doutrina de “desporto-espetáculo”: No entanto, por três vezes encontraram-se críticas à falta de competitividade, ou emoção da prova, o que se pode interpretar como uma crítica à prestação dos corredores, que assim não permitiam que os adeptos do ciclismo vissem o desporto como um espetáculo, ideia que tantas vezes era salientada pelos jornalistas.

Outros casos dignos de se referir são o facto de considerar a 4ª etapa de Lisboa a Alcobça uma “verdadeira marcha triunfal” (“4ª etapa – Alcobça-Lisboa (136km) Fugiram nove... mas chegaram três na frente”, na página cinco da edição de 20 de agosto) e que, na mesma edição, na capa, na notícia “A Volta a Portugal em Bicicleta. Polainas, vencedor em Lisboa conquistou a camisola amarela mas Alves Barbosa está a 10 segundos”, de Carlos Pinhão, houve uma exaltação do espetáculo desportivo através das seguintes citações:

– “Foi um espetáculo empolgante (...) para conquistar de vez a atenção do grande público” ;

- “Foram dois espetáculos afinal”;

- “E ver um camisola amarela ficar para trás é sempre um espetáculo chocante. É drama, é emoção, tanto drama e emoção como ver um favorito como Ribeiro da Silva, ter de parar a meio da recuperação, por motivo de avaria mecânica”.

Mais à frente, a 1 de setembro na página 4, na notícia “A imagem do martírio. Joaquim Carvalho só se «aguenta» por causa do Académico”, glorifica-se o corredor do académico e o seu sacrifício, que depois de uma grave queda continuou em prova, para que o seu clube pudesse vencer a classificação por equipas.

Na edição de 1966, encontraram-se 6 casos dignos de fazer referência do discurso jornalístico, assente na missão em nome do desporto como um espetáculo. Recorde-se que nos anos 40 o jornalista passou a ter como missão a defesa do desporto.

Também se recolheu um caso referente à falta de espetáculo, numa etapa, mais precisamente na página seis de 18 de agosto, na notícia “Meta e prémios. Beja – vinte valores”, em que o jornalista considerou uma “pena que não lhes tivesse sido proporcionado um bocadinho de luta a sério, porque os alentejanos bem a merceiam (...)” e encontraram-se quatro casos em que se louvou o atleta, elevando-o quase como a um herói, como são exemplos:

- A 20 de Agosto na página 5, na notícia “19ª etapa – Tavira – Loulé (60km) contra-relógio. Peixoto voltou a dizer – eu sou o melhor”, considerou-se Peixoto Alves um “poço de nervos, de fibra, de tão regular que ele, o Peixoto, foi o melhor absoluto”, aludindo à fibra que ele mostrou, eleva-se o corredor à figura de proa, “o melhor absoluto”;

- A 11 de agosto na página 5, na notícia “4ª etapa – Fafe – Viseu (218km). «Aventura Laurentino no «dia mais longo»”, elogia-se e muito a valentia de Laurentino, por ter andado 180 quilómetros em fuga sozinho;

Quanto aos casos referentes à missão em nome da causa desportiva, salienta-se que, a 15 de agosto, na página 8, na notícia “A volta por dentro. O «vulcão» de Penhas de Saúde”, se elogia a “beleza da arrancada de Peixoto Alves” e a 11 de agosto, na capa, na notícia “Assim vai a 29ª volta. Mário Silva (F.C. Porto) aliado à Roque, LDA: mantêm a camisola amarela”, o jornalista explicou que “Somos dos que queremos que a Volta a Portugal, para ter um mínimo de dignidade de uma grande prova por etapas, seja uma competição exigente e difícil”, num verdadeiro exemplo do objetivo do jornalista, em que a Volta seja o mais espetacular possível.

Finalmente, na edição de 1973, encontraram-se 10 casos claros de apologia ao herói desportivo, sendo que só um desses não se referiu a Joaquim Agostinho. Também se recolheram três casos em que se fazia alusão à missão do jornalista em defesa da causa desportiva e encontrou-se – uma novidade – dois casos em que as duas doutrinas se encontram presentes na mesma notícia. Começando por esta novidade, temos de referir que a 6 de agosto na página 7, na notícia Começou a «volta-73». «Amarela» à frente ajuda duas vezes”, lembrou-se que “o ciclismo verdadeiro, o magnífico, o feito de suor e querer, não exige bilhete para ser visto”, numa alusão ao sacrifício do atleta e à excelência da modalidade e a 8 de agosto, na página 4, na notícia “Acabou a volta”, na continuação da peça da capa, faz-se referência à “formidável jornada” que foi a volta e, na segunda pessoa do singular, Homero Serpa diz a Agostinho: “foste formidável” e continuou “Agostinho admirável vencedor da volta mais difícil de sempre”.

Em relação à missão em nome da causa desportiva, só se salientará um caso visto que, as críticas, acima tratadas à passividade dos corredores, podem dar a entender que o número pequeno de referências ao “desporto-espetáculo” se devem à falta de qualidade dos ciclistas, que não animaram a prova, e não unicamente à mudança doutrinária do discurso do jornalista, sendo que este caso que se vai citar exemplifica perfeitamente o que se alega.

Na página 5, a 18 de agosto, na notícia “13ª etapa – Águeda – Alcobaça (188km) Arranque inesperado e ... três eliminações”, Homero Serpa considerou a etapa “uma corrida em grande forma” e lembrou “há quanto tempo isso não acontecia”.

Respetivamente ao herói desportivo, tem de se salientar que Joaquim Agostinho foi apelidado de “messias” (13 de agosto na capa- “Um domingo vestido de verde)); de “um craque, um ídolo, um grande senhor do ciclismo mundial” (11 de agosto na página 5 – “Comentando a prova. Agostinho, um grande senhor numa corrida extraordinária); de “herói” (18 de agosto na capa – “Lisboa vai consagrar Agostinho”); de “campeão” (20 de agosto na página 8 - ; “14ª etapa – Autodril – Estádio de Alvalade (36km). Campeão Agostinho a correr como um danado”); de “um atleta que nasceu ara as grandes proezas” (20 de agosto na página 6 – “Agostinho de mal com a Volta a Portugal. Tem de ser diferente”), entre outros adjetivos que o ascendiam a um ser quase transcendental, mitológico, ou perfeito.

Apesar do excesso de apologias ao herói desportivo, tem de lembrar-se que só uma das dez vezes esse louvor não foi dirigido a Joaquim Agostinho, e tal como a comparação de Joaquim Agostinho com Eusébio (vista anteriormente) sugere: os jornalistas portugueses, foram influenciados pelo aparecimento de uma grande figura no panorama internacional da modalidade. Esta análise pode ser suportada também no facto de, já com Alves Barbosa, terem feito por duas vezes uma apologia ao herói. Ora, aliando uma possível mudança na doutrina jornalística desportiva já em curso, à figura proeminente de Joaquim Agostinho, explica-se assim os 10 casos recolhidos.

3.2.6 Exame geral da abordagem da Volta a Portugal

Neste capítulo vai analisar-se o número de páginas ocupadas com a Volta a Portugal, de 1946 a 1973.

Também irão examinar-se as crónicas utilizadas, bem como a descrição das etapas e o número de notícias, com declarações de outras pessoas; o estudo das capas será também motivo de análise neste capítulo.

Na edição de 1946, no somatório de todas as notícias, fotos e infografias, foram contabilizadas o equivalente a 14 páginas em 13 edições do jornal *A Bola*, num total de

104 páginas possíveis, o que corresponde a cerca de 13,5 por cento de cada edição desse jornal para a Volta a Portugal.

No mesmo período, a Volta a Portugal foi motivo de capa por nove vezes, sendo que quatro delas ocuparam meia página, três ocuparam meia página, duas ocuparam um terço de página e uma ocupou mais de metade da página.

Tendo em conta que um jornal é vendido dobrado ao meio, a metade cimeira da capa é aquela que mais chama a atenção ao leitor, enquanto nas capas é importante referir que por seis vezes, as notícias referentes à Volta a Portugal encontravam-se na metade de cima e as restantes na metade inferior.

Em relação às diversas crónicas, em 1956, esse tipo de notícia foi usado de forma irregular. Durante o período da cobertura da Volta a Portugal, por seis vezes utilizou-se a crónica “Bilhete Postal”; por duas vezes foi usada a crónica “Curiosidades da Volta”; por três usou-se “A Volta a sorrir”; tudo isto em sete edições, pelo que se deduz que nenhuma dessas crónicas foi utilizada em todas as edições do periódico, no decurso da Volta.

Durante esse mesmo período, encontraram-se oito notícias contendo declarações de outros intervenientes da Volta, o que perfaz uma média de 61% das edições com declarações.

Na edição de 1956, durante as 17 edições acerca da Volta, menos de metade (apenas 7) foram durante o decorrer da prova, tendo havido um total de dez capas referentes à mesma e em que três não foram durante o seu decurso, enquanto em 1946, só duas delas não se efetuaram no decurso da Volta.

Ao contrário de 1946, verificou-se uma superioridade de as notícias referentes à Volta se situaram na metade inferior das capas (quatro na metade cimeira e seis na inferior) o que pode levar a crer uma menor atenção para com a Volta. Mas, tendo em conta as três capas fora do período da volta, essa análise é assim contra-argumentada.

Ao longo das 17 edições da cobertura da Volta apurou-se um total de cerca de 29 páginas, o que perfaz uma média de mais de uma página e meia por edição, significando um aumento de mais de uma página por edição em relação a 1946. Tal facto indica que das 136 páginas disponíveis, 21,3% delas foram usadas na cobertura da Volta a Portugal (mais 8% do que em 1946).

Durante este período encontraram-se 23 notícias com declarações de outros tantos intervenientes, o que significa ter havido uma média de quase 80% de declarações por página.

Em relação às crónicas, foram utilizadas no decurso da Volta quatro crónicas diferentes:

- Por oito vezes, usou-se a crónica “Escreve Alves Barbosa”, com a particularidade de esta ser escrita pelo corredor na primeira pessoa;
- Por sete vezes foi utilizada a crónica “Sorrindo e andando... as voltinhas do Marau”;
- Por nove vezes foi usada a crónica “Diário de um Caloiro”, sendo o jornalista a descrever a sua experiência, durante o acompanhamento da Volta;
- Por três vezes “O álbum dos camisolas amarelas”.

Enquanto na edição anterior nenhuma das crónicas tinha sido usada em todas as edições durante o decurso da prova, desta feita, três delas foram usadas tantas ou mais vezes que o número de edições correspondentes ao decurso da prova.

Em relação ao tamanho dedicado nas capas à Volta a Portugal, os números foram muito idênticos aos de 1946, tendo, por três vezes, ocupado meia página; três vezes um terço da página; quatro vezes um quarto da página. A maior diferença é que desta vez houve três casos em que se ocupou um terço de página.

Em 1976, recolheu-se um total de 27 páginas ligadas à Volta, em 11 edições diferentes, o que pressupõe quase duas páginas e meia por edição e um aumento de 47 % em relação a 1956. No que se refere às páginas ligadas à Volta, dentro de todas as 110 disponíveis, observou-se uma percentagem de cerca de 24,5%, mais 3% do que em 1956.

Dessas 11 edições, por oito vezes, a Volta a Portugal foi alvo de capa, tendo quatro ocupado meia capa ou mais, por três vezes um quarto de página, por uma vez ocupado um oitavo de página e ainda uma vez um terço de página, correspondendo a um decréscimo nos casos de um terço de página e um ligeiro aumento nas capas superiores ou iguais a meia página da capa, tudo isto em relação ao ciclismo.

É ainda de acrescentar que se verificou uma nova alteração nas metades em que havia referência ao ciclismo.

Desta vez, cinco encontraram-se na parte cimeira e três na parte inferior.

Em relação às notícias com declarações de outros intervenientes, encontraram-se 29 casos, mais seis do que em 1956, ligeiramente mais do que um caso por página, o que corresponde a um aumento de 25%.

Finalmente, com recurso ao uso das crónicas, ao longo do decorrer de *A Volta*, nas sete edições de *A Bola*, encontraram-se cinco crónicas diferentes, mais uma que em 1956, sendo que, por sete vezes, em todas as edições surgiram: os “Furos da Volta destinado à crítica da Volta; “Hoje corro eu” – o jornalista a falar sobre as suas aventuras; “Figuras da Volta”.

Por cinco vezes encontrou-se a “Volta por Dentro” e por três vezes “Uma nota de quinhentos” – sobre os camisolas amarelas.

Em 1973, em 14 edições do jornal *A Bola* com notícias referentes à Volta a Portugal, encontrou-se um total aproximado de 29,5 páginas, o que corresponde a 2,10 páginas por edição, significando que foi utilizada mais uma página e meia por edição do que em 1946, embora tenha havido uma diminuição de mais de meia página em relação a 1966.

Esse decréscimo poderá ter a ver com o facto de o futebol ter começado a impor-se mais como desporto-rei.

Também, durante este período, encontraram-se 11 capas com notícias referentes à Volta (mais três que em 1966, mas só mais duas do que em 1946). A grande novidade nas capas, talvez por causa da importância de Joaquim Agostinho, foi o que todas elas se situaram na parte cimeira da página. Analisando os dados até agora recolhidos conclui-se que apesar de ter havido uma diminuição do número de páginas, verificou-se uma maior importância dada à Volta a Portugal, de que é exemplo disso o facto de seis dessas capas terem mais de metade da página dedicadas à volta e, das outras cinco, só duas não ocuparam pelo menos um terço da página. (comparar com anexos 8, 9 e 10)



Figura 12. Capa da vitória de Joaquim Agostinho na Volta-73.

Em relação às crónicas, elas foram menos vezes utilizadas em relação a 1966 e 1956, mas mais utilizadas do que em 1946. Assim, durante as sete edições do jornal *A Bola*, no decorrer da prova encontrou-se, por oito vezes, a crónica “Hoje corro eu”, por seis vezes as crónicas “Furos da Volta” e “A volta por dentro” e ainda por cinco vezes “Figuras da Volta”, sendo por isso uma continuação do ano de 1966, quando as mesmas crónicas foram utilizadas.

As crónicas sempre foram usadas como forma de aproximar o público, que também pretendia ler a opinião dos jornalistas, pelo que não é de estranhar que, desde 1946, numa fase embrionária do jornal *A Bola*, até 1973 se tenha verificado um crescimento dessas mesmas crónicas.

Enquanto, em 1946 e 1956, foram utilizadas oito páginas por edição do jornal *A Bola* e em 1966 foram usadas dez páginas, em 1973 houve edições que apresentaram oito

páginas, outras doze páginas e ainda algumas com catorze páginas. Assim sendo, em 1973 recolheram-se 29,5 páginas num total de 152, o que corresponde a 19,4% de dedicação do jornal *A Bola* à Volta a Portugal, durante os 15 dias anteriores à realização da mesma, até 15 dias após o seu *términus*.

Há ainda mais um detalhe a analisar antes do fim deste capítulo, que se refere à descrição das etapas e das classificações.

Em relação a esta última, não se verificaram grandes alterações de 1946 a 1973 (ver anexos 5,6 e 7), sendo que, em todos os casos, se colocava a classificação individual, por equipas dos restantes prémios em cada etapa e só, posteriormente, se fazia o mesmo para a classificação geral.

Já no que concerne à descrição das etapas, em 1946 juntavam-se todas as etapas numa só notícia, fazendo-se uma mera narração da corrida; em 1956, 1966 e 1973 cada etapa era motivo de uma só notícia isolada, mas, em 1966, algumas das etapas eram alvo de uma “ficha de etapa”, com a descrição da média percorrida e dos vencedores dos prémios; em 1973 algumas tinham o “filme da etapa” com descrição do horário em que aconteceram certos eventos em cada uma.



Figuras 13 e 14. Abordagem tipo da cobertura da Volta a Portugal em 1946.



Figuras 15 e 16. Estilo das páginas referentes à Volta em 1956.



Figuras 17 e 18. Modo de apresentação das páginas alusivas à Volta em 1966.

Assim, conclui-se que houve uma pequena evolução gráfica e, no que concerne ao colocar sinteticamente o que é indispensável – refere-se às fichas e filmes de etapas, o que se pode explicar com a evolução natural do tempo – e talvez com a primavera marcelista, em 1973, se tivesse verificado uma abertura ao jornalismo europeu-ocidental que, mais evoluído, conduziu a ligeiras mudanças, isto já antes do 25 de abril.



Figuras 19 e 20. Estilo da cobertura no jornal *A Bola*: Ano de 1973

3.2.7 Clubismos – Regionalismos – Nacionalismos – Popularidade da Volta

Como se sabe, em Portugal viveu-se desde muito cedo o futebol e, neste, era muito comum as pessoas associarem-se a um destes três clubes- Benfica, Porto e Sporting. Também é facto que, apesar de pequeno, Portugal é um país com uma enorme rivalidade entre Norte e Sul, mais precisamente Porto – Lisboa, as duas grandes metrópoles portuguesas.

Nesta análise, reparou-se que tanto uma como a outra eram cidades alvo de grandes descrições, talvez por se considerar que eram bem conhecidas por todos e, por isso,

preferiam evidenciar, antes, as cores verdes do Alentejo e Minho, bem como o sol do Algarve.

Também é facto que, pelo menos em 1956, a vinda de estrangeiros foi um fator que elevou e muito a Volta a Portugal e, também, que esta, principalmente de 1966 a 1973, era vista como uma festa popular.

Tudo isto será provado através da recolha dos dados que se seguem.

Em 1946 (página 6 da edição de 1 de agosto), na notícia “A Volta começa a 11 deste mês” considera-se que a presença de corredores estrangeiros “valoriza grandemente a prova”. Para os jornalistas do jornal *A Bola* “participar na Volta representa para o ciclista o mesmo que no futebol representa para um jogador atingir a internacionalização” – 12 de agosto de 1946, capa na notícia “a XI Volta a Portugal em Bicicleta começou ontem com a tirada Cova da Piedade-Setúbal que foi ganha pelo corredor Onofre Tavares do Futebol Club do Porto” – esta alusão representa um certo nacionalismo e vaidade pela Volta. No entanto, em 1956, durante o mês de Julho deu-se grande importância à Volta a França, devido à participação na mesma de Alves Barbosa, sendo, por isso, que ele era considerado o grande favorito – “calcule-se o cartel que ficara em França um homem que batesse o «Barbosa» na Volta a Portugal” – página 7, 23 de Agosto de 1956, na continuação de “O Sporting quer ganhar por equipas” – num legítimo orgulho português por Alves Barbosa. Aliás, a 6 de setembro do mesmo ano, na capa, na notícia “Uma sugestão, outras se seguem... Portugueses no «Tour»?”, o jornalista Afonso Lacerda pediu ao Benfica, Porto e Sporting, que se auxiliassem mutuamente, no intuito de levar uma equipa portuguesa à Volta a França do ano seguinte, pelo que se verifica que, ao contrário de 1946, o “Tour” ganhou uma dimensão superior à Volta a Portugal.

Outro exemplo de um certo nacionalismo, é o facto de em 1946, na página 7, a 2 de setembro, na notícia “Aurora Maria escreveu a Fernando Moreira e mandou-lhe uma medalha” o jornalista, ao entrevistar Fernando Moreira, referiu-lhe “V. hoje já não é só do Porto. Tem evidentemente, partidários em todo o país”, ao que aquele corredor respondeu que não queria ser ingrato para com a sua terra e o seu clube – algum clubismo e rivalidade norte-sul do ciclista do F.C. Porto, acrescentando que a sua presença no Porto “mantêm o interesse e a rivalidade com os rapazes do sul”.

Em 1946, participou na Volta uma equipa marroquina e, em 1956, uma equipa brasileira, sendo que aqueles foram elogiados pela sua dureza – “bons trepadores e ótimos descedores” – e os brasileiros eram considerados muito “simpáticos”, sendo alvos de notícia por seis diferentes vezes, pelo que se conclui serem os estrangeiros muito bem recebidos em Portugal e muito elogiados, o que contribuiu, na ótica dos jornalistas, para uma maior dignificação da prova.

No entanto, já em 1966, na notícia “Vem aí a «maior» do ciclismo português. «Volta de xaile e lenço em jeito de salvação” – página 2, 4 de agosto – Carlos Miranda lembra que “vem aí os belgas, os tais papa-etapas”, pelo que se afigurava que poderia ser a primeira Volta a ser ganha por um estrangeiro, ao que o jornalista respondeu que “estrangeiros não rima com Agosto”. Isto comprova que, quando os estrangeiros cá vinham sem pretensões à vitória final, eram bem vistos e bem recebidos mas, quando ameaçavam a hegemonia portuguesa na Volta, eram “descriminados”.

Em 1973, não se deu grande importância à participação de corredores estrangeiros, muito por culpa da presença de Joaquim Agostinho, apesar de em alguns casos se fazer referência às vitórias da equipa da Messias. Porém, esta foi muito criticada por ser uma equipa pertencente a uma empresa comercial, na notícia “6ª etapa – Figueira da Foz – Porto (144km). “Usted, habla español? Não? Fique para trás”, a 13 de agosto na página 6, lembra-se que “uma firma paga aos corredores, vai ao ponto de ir busca-los ao estrangeiro para obter algum proveito”.

Em relação à popularidade da volta, apesar de pequenos exemplos, já em 1946 e 1956, só a partir de 1966 se começa a falar regularmente da “grande festa que era a Volta”, sendo exemplo disso o facto de a 6 de agosto na capa, se referir “A partir desta noite, eis a Volta – a grande festa do povo” e, em 1973, vai-se mais além quando se reflete, em várias notícias sobre a grande presença do público na Volta, tais como: “Amanhã começa a festa do Verão” – página 5 a 4 de agosto; “Comentários à Volta” – 9 de agosto na página 9, onde se diz que “a Volta para todos esses espectadores vale um minuto (lá vêm eles...), para nós vale dias”; a 16 de agosto na capa, na notícia “Na volta a Portugal. Agostinho estrela da serra” refere-se que na etapa da torre “esteve gente por todo o lado” e foi “um espectáculo magnífico do impacto popular” e a 20 de agosto, na página 7, consideraram a festa do fim da volta no estádio de Alvalade um momento “apoteótico”, na notícia “14ª

etapa – Autodril – Estádio de Alvalade (36km). Campeão Agostinho a correr como um danado”.

No tocante ao clubismo, foi essencialmente a partir de 1966 que o discurso clubístico começou a usar-se com grande regularidade; no entanto, em 1956, encontraram-se alguns casos que vale a pena referir para, posteriormente, se conseguir um melhor entrosamento dos quatro anos na análise final:

- Em 1956, a 23 de agosto na página 4, na notícia “Diz... graças da «Volta»”, o diretor da equipa leonina, Alves Brito Antunes perguntou “Quem disse que a volta acabou?”, ao que ele mesmo respondeu: “O sporting espera (pelo menos) ganhar por equipas”, sendo por isso essa notícia referente à luta de equipas entre Sporting e Académico – os dois primeiros classificados;

- Apesar de o Académico se encontrar, na altura, em primeiro lugar, os jornalistas debateram-se mais sobre a rivalidade Benfica-Sporting – numa possível demonstração da maior importância destes clubes na altura. A 25 de agosto na página 4, na notícia 4 “A aliança Benfica-Barbosa. Atractivo da luta por equipas!”, o jornalista concluiu que “logo que qualquer corredor de camisola encarnada ou verde-branca esboça uma tentativa, é certo e sabido que tem um corredor do velho rival em cima dele, numa marcação cerradíssima. Que fez o benfica? Uma coisa inteligente: por acaso ou premeditado aliou-se a Alves Barbosa” e a 30 de agosto na página 4, na notícia “16ª etapa – circuito de vila do conde. Barbosa ganhou e Firmino atrasou-se”, realça-se que o sporting ganhou “1m. 49s. ao Benfica”.

Em 1966, encontrou-se um total de 15 casos ligados ao clubismo – o máximo dentro dos quatro anos recolhidos, sendo um dos exemplos uma demonstração da mentalidade clubística da altura: a 11 de agosto na página, na notícia “Assim vai a Volta a Portugal”, depois de se falar no Benfica, no Porto e no Sporting admite-se que “os teimosos e «briosos» (!) conjuntos do Ginásio de Tavira, Sangalhos e Cedemi não contam para as «grandes questões» da prova, temos como mais provável uma até agora adiada e pouco direta e franca luta Benfica-Sporting, mais ou menos arbitrada pelo F.C. porto”, notando-se a grande importância dos três grandes, havendo, de resto, várias notícias que puseram em confronto o Benfica e o Sporting e, por vezes, o Porto.

Em 1973, apesar de em menor escala, continuou a verificar-se a construção de clubismos no discurso jornalístico, sendo disso o melhor exemplo – a 9 de agosto na página 8, na notícia “Comentando a prova- Homero Serpa ter considerado que ““A volta tem estado a viver duas coisas altamente comprometedoras: do prestígio de Joaquim Agostinho e de uma possibilidade de duelo com Fernando Mendes, que o mesmo é dizer-se que pode haver, se houver um pouco de sorte, um Sporting-Benfica no bom estilo que agrada às multidões”. Isto também demonstra que os clubes haviam sido preteridos em detrimento do ciclista/herói.

No mesmo ano, a equipa do F.C. Porto foi considerada uma das mais “desagradáveis sensações da Volta” e uma “grande decepção” – 13 de agosto na página 7.

No final da prova, a 23 de agosto na página 8, na notícia “Volta a Portugal” – continuação da página 2 – considerou-se que houve um “regozijo” dos sportinguistas e um “inconformismo” dos benfiquistas, sendo que o Porto e a equipa de Cave Messias foram também alvo de destaque, tal como o Sangalhos, o Salgueiros e o Ginásio de Tavira, mas estes com menor realce.

Já que no respeito ao regionalismo, Lança Moreira, de quem já falamos atrás, em 1946, a 26 de agosto na página 5, na notícia “João Rebelo a José Martins com Moreira em alerta” lembrou que “nas estadas do Norte que Fernando Moreira conhece muito bem, a «Volta» se resolverá. Aceito como boa tese. Mas a estrada é igual ara todos e Martins, Lourenço e Rebelo também conhecem de sobejo o caminho que palmilham”; a 29 de agosto na capa, na notícia “O tempo de vantagem de José Martins deve assegurar-lhe a vitória”, lembrou-se que “aventou-se que no Norte soaria a sua hora” mas, “Lisboa está a dois passos sedutora e sorridente” – a forma como ele rejeita a vitória de um nortenho no Norte e elogia Lisboa pode dar a entender uma certa rivalidade Norte-Sul, o que é suportado pelas declarações de Fernando Moreira na notícia “Aurora Maria escreveu a Fernando Moreira e mandou-lhe uma medalha”, onde este declara: “A minha presença no Porto mantem o interesse e a rivalidade com os rapazes do Sul”.

De 1948 a 1955, todas as edições da Volta foram vencidas por homens do centro (Sangalhos) ou do Norte do país (Académico e F.C. Porto), algo que foi lembrado a 16 de agosto na página 4, na notícia “Um pouco de história da Volta. De António Augusto de Carvalho a Ribeiro da Silva”, onde se afirmou que, “depois de José Martins, os

corredores do Norte”. Talvez, por isso, num contexto de rivalidade Norte-Sul se tenha dado uma maior importância ao confronto Sporting-Benfica, tentando assim desvalorizar os clubes do Norte.

Na edição de 1966, houve uma preocupação em demonstrar um pouco os cantos do país: quando se lembrou que “Viana do Castelo merecia uma etapa” – 6 de agosto, página 3, na notícia “O ciclismo nortenho da «Volta-66». Porto-Prestígio em jogo. Cedemi – entusiasmos em causa”; quando a 13 de agosto, na página 4, uma das notícias tinha o título “8ª etapa – Pista de Sangalhos (5km). «Flamengo da Bélgica na «merenda» da Bairrada”, numa alusão à «merenda» da bairrada; quando, a 20 de agosto na capa, na notícia “A bola na 29ª volta a Portugal em bicicleta. Francisco Valada resistiu ao teste do contra-relógio”, o jornalista lembrou a “monotonia dos intermináveis planos alentejanos e o polimorfismo algarvio”, sendo, por isso, menos importante a rivalidade Norte-Sul; No entanto, voltou ligeiramente em 1973 e como exemplo disso – a 9 de agosto na página 8, na notícia “comentando a prova” afirma-se que os corredores “do Porto parece que não se dão bem com os calores do sul”. Depois de considerarem a equipa do Porto uma grande decepção aguardava-se que os dragões despertassem nas “estradas nortenhas, muito suas conhecidas” – a 13 de agosto na página 7, na notícia “Equipa-decepção da volta-73. São profissionais só para o ordenado?”, e ainda na mesma edição, na página 6, na “6ª etapa (2ª parte) – Pista das Antas. Novo brilharete dos “señores” messias”, houve uma frustração dos “portuenses que gostariam de ter visto, ao menos nas Antas, uma camisola portista a fazer alguma coisa de interessante”.

Coloca-se aqui a questão se terá sido a rivalidade Norte-Sul a causar a fomentação da mesma pelo jornalista, ou se o jornalista terá alimentado uma rivalidade menor e que cresceu graças a ele? Possivelmente um pouco dos dois, mas é como a história do ovo e da galinha.

A preocupação com as regiões menos centrais de Portugal também se notou quando, a 16 de agosto na capa, na notícia “Ética do Desporto – Torre lá em cima”, se apelida desta maneira a Serra da Estrela, lembrando o que todos os atletas querem atingir é o topo – “a Torre”, sendo esta alvo de uma infografia, como vimos anteriormente

Outro exemplo é o facto de a 18 de agosto na página, no “Comentário à Volta”, em referência ao calor que se fazia sentir na zona da bairrada, considerou-se que parecia “o forno onde se assam os leitões”

Verifica-se assim que, durante este período, não houve grande aversão a estrangeiros que viessem cá – fora um caso em que o jornalista diz que “agosto não rima com estrangeiro” - havendo uma maior preocupação em fomentar as rivalidades clubísticas e regionais, visto que, num país fechado, era isso que vendia.

3.3 Pós-25 de abril

Ora, seguindo a mesma abordagem metodológica utilizada no período anterior ao 25 de abril, decidiu-se, como anteriormente se havia explicado, que neste período se iria discutir e analisar, não só a evolução ao longo destes quatro anos (1976/1986/1996/2006), como ainda desde 1946.

3.3.1 Ausência ou presença do discurso político

Efetivamente, em 1976, o grande foco no que concerne ao discurso político, centrou-se na discussão entre profissionalismo e amadorismo. É que, após o interregno de 1975 (quando não existiu Volta), em 1976 o Tour português regressou com a singularidade de todos os corredores nele participantes serem amadores.

Alguns deles, que anteriormente eram profissionais, foram colocados como amadores-especiais, ou amadores seniores o que, no prenúncio da Volta, provocou o surgimento de algumas dúvidas:

- “É possível que os amadores especiais, antigos profissionalizados, cavem um fosso entre eles e os restantes ciclistas” – a 9 de agosto, na página 3, na notícia “38ª edição da Volta a Portugal em Bicicleta. É uma volta diferente? – É a volta da gente!”;
- Na notícia “O alarme vem do Norte. A Volta pode ser uma catástrofe”, a 14 de agosto, na página 3, o técnico da equipa do Mónica, José Ribeiro, acreditou que a Volta iria ser um desastre, lembrando a prova transmontana disputada nesse ano, em que partiram 46 corredores e chegaram 29.

No entanto, no final da Volta, após algumas equipas amadoras terem feito boas prestações, esta mistura – amadores – profissionais – foi desvalorizada;

- A 28 de agosto, na página 5, na notícia “A Volta da gente. Sangalhos caso curioso tem de defender e atacar” considerou-se ter existido uma “vitória dos amadores-seniores sobre os amadores-especiais (...), disfarçada pelo top de Firmino”;
- Na mesma página, na notícia “Seia-Coimbra(102km). Não se desceu a Serra por causa do nevoeiro” recordou-se que “fez-se 43. 093 quilómetros de média (...) alguém se recorda ainda do prémio «Clok» corrida apenas por profissionais?”, criticando, assim, quem duvidava ainda da capacidade dos amadores;

- A 30 de agosto, na página 5, na notícia “38ª Volta a Portugal em bicicleta. Milhares de pessoas de Vila Franca ao 1º de Maio” concluiu-se que a Volta foi sempre “magnificamente disputada” e que “a mistura de profissionais com amadores não nos pareceu tão traumatizante para estes últimos como pode parecer à primeira vista”, lembrando as empresas que patrocinavam as equipas do ciclismo – uma moda cada vez mais popular no resto da Europa – o que, para o jornalista, era uma das “funções preconizadas para que o ciclismo não possa vir a ser uma aventura de ano a ano, ou ciclo de provas ao domingo”.

Assim, perante a inexistência de firmas ou empresas capazes de patrocinar clubes, considerou-se que o regresso ao amadorismo era a via correta, mas sem esquecer que, num futuro, a solução estaria precisamente nas “firmas, especialmente em certo tipo de empresas que ganham com a publicidade que o ciclismo proporciona” – 28 de agosto, na página 8, na notícia “Última «volta» de Joaquim Leite. Há soluções para salvar o ciclismo”, lembrando ainda que acerca do profissionalismo “desonesta é a entidade patronal que não tendo possibilidades de manter uma equipa de trabalho (criadora de espetáculos) insiste em contratar” – página 4, da edição de 30 de agosto, na notícia “Exemplo que vem do Norte. Coelima – A via correta. Tem trabalhadores-ciclistas”.

Para além destes casos – supracitados – por mais 16 vezes se discutiu o tema profissionalismo – amadorismo, sendo no entanto tipo único (sem antecedentes, nem continuação noutras datas em análise).

O ano do 25 de abril (1974) marcou, e muito, a imprensa portuguesa, sendo que as críticas e análises feitas à liberdade de expressão e às questões políticas da época, surgiram regularmente em 1976 e 1986, devido à proximidade da Revolução dos Cravos. Esta fase, marcada por um jornalismo mais centrado no político, terminaria em finais dos anos 80, dando lugar a um jornalismo mais social, que no desporto originou preocupações com os aspetos exteriores ao desporto, como o “balneário”:

- A 19 de agosto de 1976, na página 3, na notícia “Aí está a Volta! Falta o Benfica-Sporting. Falta o F.C. Porto tradicional – «tour português»” fez-se referência às mudanças verificadas após o 25 de abril: “a necessidade de apurar o espetáculo dá o direito aos comentadores de passar por cima de uma

série de perguntas de resposta fácil? Podemos aceitar um profissionalismo como base de um ciclismo português, quando só há um ano e picos se fala em massificação, em cultura, em vida decente para os portugueses?”;

- A 26 de agosto de 1976, na página 5, na notícia “À terceira Volta vesti a camisola pela primeira vez”, o jornalista lembrou que “as pessoas são livres de exteriorizarem o seu pensamento desde que não prejudiquem terceiros”;
- A 26 de julho de 1986, na página 6, na crónica “Hoje corro eu”, o jornalista criticou, indiretamente, o governo “Quem de direito, em vez de acelerar a construção de auto-estradas, prefere que o turismo rodoviário, nacional e estrangeiro, perca horas de energia e lazer em bichas no alcatrão, sujeitos a um caudal de tráfego inimaginário, a obras provincianas de alargamento das vias em horas de ponta e de calor, a acidentes inevitáveis por quem se afoita ao descuido das ultrapassagens, a quem desconsidera a vida própria e a vida de quem viaja na sua mão”. Se isto acontecesse no tempo do Estado-Novo, das duas uma: ou a censura não permitira tal impressão (o que parece pouco possível, porque a censura não incidia sobre os jornais desportivos, como anteriormente foi mencionado), ou então o jornal e o jornalista seriam fortemente penalizados, sendo que este último poderia ir parar à cadeia;
- Salienta-se aqui também uma analogia política na página 9, a 31 de julho de 1986, no título “Com o inglês Cayn – Rei de Portugal e dos Algarves, d’ aquém mar, porque além mar já não existe”, numa alusão à perda das colónias e às mudanças pós-25 de abril.

O facto de *A Bola* ser acusada de ter contribuído para a ideia do nacionalismo, e para o Estado Novo, levou a que as críticas político-sociais, próprias de uma imprensa liberal, e a apologia do 25 de abril, fossem realçadas.

No ano de 1976, dada a grande indefinição entre amadores e profissionais, e perante tantas equipas novas, praticamente não se definiram favoritos mas, em 1986, na página 7, a 24 de julho na notícia “Começa hoje em Matosinhos. 48ª Volta a Portugal que vai ter muito que contar” fez-se uma clara distinção entre os corredores com papéis principais – luta pela geral – secundários – luta pelo top 10 – e terciários – luta pelos restantes prémios, numa continuação do sucedido no ano de 1966, quando valorizaram não só a vitória final,

mas também outras vitórias pessoais, recordando-se a “veterania” de Venceslau Fernandes e que o Sporting e o Louisa tinham “vários candidatos”.

No entanto, ao longo da prova, foi o inglês Theatston Cayn, do Louletano, que se destacou, pelo que Benedito Ferreira (7 de agosto, página 10), na notícia “De Benedito Ferreira”, considerou que seria muito difícil Marco Chagas vencer, acrescentando “se o Sporting e o Louisa não atacarem em conjunto, o melhor é começarem já a pintar a vila de Loulé de amarelo” e na página 12 da mesma edição, na continuação da notícia “Serra da Estrela – Macedo de Cavaleiros”, explicou que Cayn sabia “que o seu principal adversário” era “Marco Chagas”.

Em 1986, no total, existiram 5 notícias com referência a favoritos, continuando na mesma onda dos anos anteriores ao 25 de abril mas, em 1996 e 2006, esse número duplicou e com um novo arranjo gráfico, sendo que, para além da referência aos favoritos no corpo da notícia, os mesmos foram alvo de fotografia que os distinguiram como tal.

Na edição de 2006, a 5 de agosto, nas páginas 14 e 15 da edição especial dedicada à Volta a Portugal, apareceu uma descrição de cada um dos oito ciclistas favoritos, acompanhadas da respetiva foto. (ver anexo 28 e 29)

E, à partida para a etapa final, quando 11 ciclistas tinham hipóteses de chegar à amarela, tanto na capa da edição de 15 de agosto, como na página 31 da mesma, através da utilização de fotos e de declarações destacadas de favoritos, isso era noticiados.



Figura 21. Colocação dos principais favoritos à vitória final da Volta de 2006, antes da partida para a última etapa decisiva.

Contudo, na edição de 1996, na antevisão da Volta a Portugal, a descrição dos favoritos era ainda feita excecionalmente no texto, como por exemplo, na página 35, a 2 de agosto, na notícia “Ciclismo – Volta a Portugal começa no domingo, em Mirandela, e desafia o pelotão nacional. Montanhas de dificuldades”, salientam-se “alguns nomes da Maia”, como Paulo Ferreira, Manuel Abreu, Joaquim Sampaio e “até” José Azevedo, destacando também ciclistas de outras equipas, como Joaquim Gomes, da LA Alumínios, Quintino Rodrigues da Kelme e Cássio Freiras do Boavistas, acrescentando que a concorrência estrangeira era “numerosa e forte”, sendo de prever que “se bata muito mais pelas vitórias nas etapas que pelo triunfo final”. Entre os estrangeiros destacou-se Maximiliano Lelli, da Saeco, e Djamolidin Abdoujarapov da Reifin, sendo que o primeiro deles viria a ganhar a Volta.

No entanto, na página 37 a 3 de agosto, já se nota um melhor aproveitamento gráfico, ao colocarem as fotos e a descrição das carreiras dos “considerados favoritos” (ver anexo 31).

Assim, devido à evolução gráfica e também a um “Novo Jornalismo”, em que os jornalistas procuravam analisar e opinar não se restringindo à descrição objetiva da notícia, verificou-se um reforço da antecipação dos dias seguintes, de forma a “agarrar” o leitor, o que com o atrás citado desenvolvimento gráfico, permitiu que, excecionalmente, em 1996 e 2006, se explorasse o tema dos favoritos de maneira a atrair maior clientela.

No que concerne à análise da Volta, encontraram-se nove casos referentes a clubes e cinco a ciclistas, no ano de 1976. Isso deveu-se ao facto de várias equipas novas, que se apresentaram com boas exibições na Volta, terem participado pela primeira vez – “Há realmente nesta Volta equipas que estão a suplantar tudo quanto delas esperávamos e já não esperávamos pouco. Entre elas a do «Costa do Sol»” (A 28 de agosto, na página 4, na notícia “«O clube que cá falta». O Sporting há-se voltar a ter secção de ciclismo”). No entanto, na mesma notícia salienta-se a ausência do Sporting que, para o jornalista, com os corredores antigos, seria uma equipa “praticamente imbatível”.

Em 1986, por nove vezes se fez uma análise à prestação dos clubes, e por quatro aos ciclistas. Este fator explica-se com o facto de, em Portugal, os três grandes terem um grande peso, o que provocava que, quando estes participavam na Volta, anteriormente

apelidada de “continuação da época de defeso do futebol”, verificava-se uma centralização das análises nos clubes, mas principalmente nestes três.

Assim, em 1986, com a inclusão ainda do Sporting na Volta, a análise centrou-se essencialmente nos clubes, apesar de o inglês se ter revelado como a “figura da Volta”.

Nesse ano, considerou-se que se havia instalado “A «III Guerra Mundial» entre o Sporting e o Lousa”, na página 8 de 9 de agosto, na notícia “Cayn com laser, Benedito de amarelinho e... a «III Guerra Mundial» já começou com Emídio «versus» Orlando e vice-versa” e na página seguinte explicou-se que “ de tal maneira se instalou a antipatia entre o Lousa e o Sporting, que o público, quando pode, pergunta a Orlando Alexandre ou a Emídio Pinto se o desejo de um ou de outro é que um inglês vença a Volta a Portugal”, na notícia “Depois do antepenúltimo dia de prova... Vamos ter uma Volta a Portugal mesmo até ao último minuto”.

Por outro lado, em 1996, os ciclistas foram alvo de maior análise, visto que não existia nenhum clube Grande, sendo que a Maia e a LA ainda não se estavam a impor no mundo ciclista nacional, pelo que os jornalistas preferiram salientar: Maximilliano Lelli, o “incansável cavaleiro das trevas” Manuel Abreu e a “desilusão” Quintino Rodrigues (página 32, a 10 de agosto, na notícia “Ciclismo – Na Volta a Portugal, italiano «provoca» candidatos. Lelli desafio demolidor”)

Num pequeno aparte, e fugindo um pouco ao seguimento usado nas últimas páginas, é importante realçar que, numa altura em que a Volta a Portugal carecia de uma afirmação no seio do ciclismo mundial, a vitória de Lelli foi algo “muitíssimo bom” (19 de agosto na página 33, na notícia “Joaquim Gomes viu, de novo, fugir-lhe a terceira vitória. Mais uma desilusão na Volta”) e “A vitória de Lelli, pelo significado, pode significar o princípio da *abertura internacional* da nossa Volta. E esta abertura, se significar a participação de mais e melhores ciclistas estrangeiros, credibiliza a Volta a Portugal e projecta-a no espaço do ciclismo profissional europeu” (página 9, a 20 de agosto, na notícia “Vistos os factos vamos aos protagonistas. Massimiliano Lelli”).

Contudo, em 2006, a seis de agosto, na página 48, no editorial “Paixão e nostalgia”, Vítor Serpa fala na esperança adiada de um dia em que a festa regressa ao seu esplendor (...) porque faltaram as camisolas dos três grandes (...) porque faltam outros Agostinhos”.

Neste ano, com o discurso doutrinário do jornalista centrado no herói desportivo, mas com um historial português virado para as paixões clubistas (entretanto o Maia e o LA tinham-se afirmado não só em Portugal como também lá fora, pelo que existia uma rivalidade) as análises visaram, em grande escala, tanto os ciclistas como as próprias equipas:

- “Duja-Tavira e LA Alumínios foram até ao momento os grandes dominadores da Volta (...) a prestação das equipas portuguesas é bastante positiva”, na página 41, a 12 de agosto, na notícia “Quatro dias que vão revolucionar uma volta cheia de indefinições. Aos seus lugares”;
- “Hoje presto homenagem aos homens que venceram a Volta a Portugal e que são grandes no mundo do ciclismo”, a 16 de agosto, na página 23, na notícia “Quilómetro zero. O adeus de uma (grande) equipa”;
- “Cândido não surgiu «na mesma forma com que se apresentou em 2005» e foi David Blanco a receber as honras quando cerraram as cortinas”, na página 26, a 16 de agosto, na notícia “Concorrência na mira de Américo Silva. Únicos a assumir a amarela”;
- Na notícia “A Volta de A a Z”, nas páginas 42 e 43, de 17 de agosto, elogia-se o crescendo de Ricardo Mestre e da sua equipa – o Tavira – “Única equipa portuguesa com razões para regressar a casa com um sorriso na face”, numa mudança do discurso inicial, visto que, no fim, as equipas e corredores portugueses foram surpreendidos pela Comunidad Valenciana e por David Blanco.

Até 1986, foram recolhidos dois casos e três em 1976 com referência aos aspetos monetários. Isso era comum, embora entrasse em decréscimo a partir de 1976. Dentro dos aspetos monetários encontravam-se notícias que falavam em prémios, multas, ordenados e outros. Este decréscimo ficou a dever-se ao facto de os atletas auferirem vencimentos avultados, o que originou que se falasse menos nesse assunto, visto que os valores já não eram tão próximos de um valor comum para os leitores e o seu conhecimento seria menor.

Assim, a partir de 1996, os aspetos monetários deixaram de fazer parte da lista de notícias a abordar nos diários.

Apesar de se falar em “xixi” – referindo-se ao doping – (a 17 de agosto na página 43, na notícia “Volta de A a Z”), a verdade é que desde 1973, quando Joaquim Agostinho acusou positivo no teste da urina, as notícias a isso referentes caíram em decréscimo, visto que não se verificou nenhum caso “sonante” que tivesse acusado positivo.

O futebol continuou a ser um modelo de comparação. No entanto, a partir de 1996, as analogias de futebol diminuíram, possivelmente devido ao “adeusamento” deste desporto – antes o futebol era um tema de destaque; a partir do final da década de 80 tornou-se a concentração dos jornais desportivos:

- Em 1986, na página 7, a 28 de julho, houve um encontro entre árbitros, antigos jogadores e os enviados especiais de *A Bola*, que originou a notícia “Alteração às leis do futebol. Cruzamento com semáforos”, colocada na secção do ciclismo;
- No mesmo ano, a 11 de agosto, na página 8, na notícia “Caminha – os meninos no lodo. A procura de minhocas antes de o pelotão passar” o jornalista perguntou ao massagista do Boavista “Futebol e Ciclismo – Que balanço, aposta, comparação?”, ao que ele respondeu: “Num desporto que é o mais violento que eu conheço (...) com efeito os ciclistas estão mal pagos, em função do seu esforço e relativamente a outros desportos.

Os aspetos exteriores à prova em si começaram a ser retratados nos jornais a partir da década de 80. Embora antes, em alguns casos como em 1966, quando a Volta foi organizada “em cima dos joelhos”, se tenha dado alguma relevância aos aspetos organizativos da mesma, a partir dos anos 80 esta começou a ser tema de destaque, havendo, por edição, aproximadamente uma notícia referente à organização em 1996 (11 notícias em 14 edições) e aproximadamente uma notícia por edição em 1986 (11 notícias em 8 edições) e em 2006 (11 notícias em 11 edições):

- Em 1976, como foi visto, o tema mais badalado foi o profissionalismo vs amadorismo, pelo que, para além das razões já apontadas, a organização não foi alvo de grande tratamento, por isso mesmo;
- Em 1986, na notícia “A Volta dentro e fora dos trilhos”, a 4 de agosto na página 9, falou-se da dificuldade de juízes perceberem quem chegou e em que lugar, enaltecendo a “inovação” e o auxílio proporcionado pelo vídeo. No entanto, na mesma crónica a 7 de agosto na página 8, criticou-se o *JN (Jornal de Notícias)*,

empresa que organizava a Volta, por não ter informado de uma reunião entre eles e a organização da Volta à CEE;

- No ano de 1996, duas notícias colocadas na edição de 8 de agosto criticavam a organização por permitir que nos últimos quilómetros não existissem barreira bem colocadas, pelo que a etapa foi “celebrada no ambiente de caos e desrespeito aos corredores (...) e as forças de segurança (...) nada fizeram para impedir o caos” – 8 de agosto na página 33, na notícia “No dia dos «sprinters» o lituano Sarkauskas deu ao Boavista o segundo triunfo. Uma vitória ao milímetro”;
- Em 2006, apesar de considerarem que a Volta poderia ter sido organizada de outra forma “torna-se evidente que, sem alterar muitos os finais de etapa, a Volta poderia ter outro figurino. Ser mais equilibrada e mais competitiva. Bastaria para tal introduzir algumas alterações a partir de Viseu, colocando a etapa que passa pela serra da Estrela na primeira metade da corrida e, mesmo esta, com um traçado diferente, que pudesse destinar-se aos trepadores, e não a que irá acontecer”, na página 2 da edição especial de *A Bola* dedicada à Volta a Portugal, na notícia “Competitiva, Comercial e bastante Comedida” lembraram as “dificuldades financeiras em que vivem as câmaras municipais e os problemas que se colocam na obtenção dos patrocínios”.

3.3.2 Preço

Entre 1946 e 1973, aproximadamente, de dez em dez anos, havia um aumento de 50 centavos, não se verificando um aumento superior a um escudo (66,6% -1966-1973), nem inferior a 25 % (1966-1973). No entanto, logo após o 25 de abril, em 1976 o preço do jornal duplicou e podia ser adquirido por cinco escudos, o que corresponde ao dobro do preço anterior.

	1976	1986	1996	2006
Preço	5\$00	35\$00	120\$00	0,70 euros /140\$00
Crescimento	100%	600%	243%	11,6%

Número de jornais possíveis através do salário mínimo	700	434	408	551
---	-----	-----	-----	-----

Gráfico 4. Tabela de preços, do crescimento percentual e do número de jornais que se podem obter através do salário mínimo vigente.

Comparando o preço do jornal, nessa altura, com o salário mínimo que só entrou em vigor em 1975 (3500 escudos), chega-se à conclusão de que, com o menor rendimento legal, conseguiam-se comprar 700 jornais de *A Bola*.

Entre 1976 e 1986, houve uma grande disparidade nos preços dos jornais, verificando-se um aumento de cinco para 35 escudos, o que corresponde a 600 % de aumento. Nesse último ano, com o salário mínimo de 15.200 escudos só seria possível comprar 434 jornais. Ora, este decréscimo e o que se verificou também em 1996, terão como motivo a “Crise do Papel” de 1973 que chegava com menor afluência e maior preço ao nosso país e ao decréscimo do valor da moeda na altura do PREC e, posteriormente, quando a Troika esteve em Portugal nos anos 80.

Assim, em 1996, apurou-se um aumento de 120 escudos, quase três vezes mais que em 1986 e, com o salário mínimo, poderiam comprar-se 408 jornais.

Em 2006, o preço do jornal em euros era de 0,70 euros, pelo que, para comparar com os preços anteriores, decidiu-se equipará-lo a 140 escudos, o que corresponde a um aumento de 11,6 % - o menor dos aumentos do período em análise e, com o salário mínimo de 385,95 euros, conseguiam comprar-se 551 jornais do periódico *A Bola*. Este aumento deveu-se o facto de a publicidade, a partir dos anos 80, ser o principal rendimento dos jornais.

O aumento do preço no pós-25 de abril também pode dever-se ao facto de os jornais desportivos se terem imposto no meio comercial. Apesar das dificuldades vividas durante o PREC (1974-1976), nos anos 80 eles tiveram o seu expoente máximo.

3.3.3 Clubismos – Regionalismos – Nacionalismos – Popularidade da Volta

Ora, lembrando a análise feita ao período anterior ao 25 de abril, chega-se à conclusão de que o clubismo, principalmente entre os três grandes, foi muito fomentado pelos jornalistas visto que, centrando as notícias no F.C. Porto, Benfica e Sporting e, supondo uma certa rivalidade entre eles, as notícias seriam mais apelativas.

Em relação ao nacionalismo, os estrangeiros eram visto como uma forma de dignificar a Volta, pelo que eram muito desejados e bem recebidos pelos jornalistas. Todavia, em 1966, perante a possibilidade de um estrangeiro ser o vencedor da Volta, de forma um pouco *sui generis*, um jornalista lembrou que “estrangeiro não rima com agosto”.

No tocante ao regionalismo, é interessante realçar que, de uma forma ou de outra, a realidade Norte – Sul, Porto – Lisboa, sempre esteve presente no discurso jornalístico. No entanto, em 1976 houve uma preocupação em demonstrar um pouco os cantos de Portugal, o que ficou a dever-se ao facto de A Volta ser a “Festa do povo”, “A Volta de gente”.

Passando ao levantamento dos casos e à sua discussão, em 1976 houve novas equipas que se apresentaram devido à reformulação da Volta, passando todos a ser amadores. Assim, entre novas equipas, foram apresentadas antes do começo da Volta e em notícias separadas e com destaque.

Nessa edição, o Benfica acabaria por ser a grande figura da Volta, vencendo a prova através de Firmino Bernardino, pelo que se elogiou o clube da luz na notícia “E o Benfica acabou por ir à Volta! 25 contos mensais, uma grande vontade”, a 30 de agosto na página 10, quando se disse que os encarnados tinham lutado “nobrememente pelo primeiro lugar”. No entanto, os clubes, anteriormente profissionais, demonstraram ser uma grande desilusão e os clubes amadores tornaram-se uma grande surpresa.

Esta afirmação pode ser confirmada na notícia “Paredes-Guimarães (125 km). Dois ciclistas da Abóboda deram o seu «show»”, quando, a 5 de agosto na página 23, o jornalista disse: “Por isso ficamos muitas vezes à espera de assistir a tentativas de saída de um ou mais ciclistas de determinados clubes, que em teoria deveriam tomar essas iniciativas e não os vemos. Vemos sim, indiscriminadamente, o Pinheiro de Loures, O Costa do Sol, o Lousa, o Almodôvar, o Sangalhos, etc. atirar com ciclistas para a frente”.

Outro dos aspetos a salientar foi a ausência do Sporting que se recusou a participar, devido ao novo estatuto dado aos ciclistas e aos clubes.

A 9 de agosto na página 3, na notícia “38ª edição da Volta a Portugal em Bicicleta. É uma volta diferente? É a volta da gente!”, lamentava-se a ausência do clube de Alvalade, algo que foi corroborado a 19 de agosto, na página 3, na notícia “Aí está a Volta! Falta o Benfica-Sporting. Falta o F.C. Porto tradicional”, numa clara demonstração da saudade que se tinha do Sporting e da desilusão que estava a ser a equipa do F.C. Porto.

Por outro lado, em 1986, Porto e Benfica não participaram, pelo que, de forma a tornar a Volta mais interessante, projetou-se um embate entre o Lousa e o Sporting na notícia “Categórica Vitória a quatro dias da Volta a Portugal. Zeferino projetou-se para liderar. Lousa no embate com o Chagas e outros Leões”.

Aliás, a disputa entre estes dois clubes foi grande tema de conversa, pelo que se salientam quatro exemplos:

- A 28 de julho, na página 7, na notícia “Uma pergunta indiscreta ao Lousa: Até quando senhores, o recreio dos... «meninos»?”, se pergunta: “E o Lousa? E o Sporting? Até quando vão permitir, passivamente, o recreio... dos meninos?”;
- A 7 de agosto na página 9, na notícia “O baptismo e a lágrima de Benedito Ferreira aos 30 anos. Aposto no inglês porque não posso mas é uma alegria para o bebé que aí vem!” destaca-se a afirmação de Fernando Carvalho do Lousa: “O Sporting tem sido uma vergonha e, por isso, que o ganhe o Cayn”;
- A 9 de agosto na página 8, na notícia “Cayn com laser, Benedito de amarelinho e... a «III Guerra Mundial» já começou com Emídio «versus» Orlando e vice-versa”, considera-se que foi aberta a «III Guerra Mundial» entre o Sporting e o Lousa;
- A 14 de agosto na página 5, na notícia “Só a próxima época poderá confirmar. Conseguimos correr o prólogo do ciclismo que se deseja?” pergunta-se: “De quem foi a culpa que o inglês Cayn ter brincado durante quase toda a prova com os famosos ciclistas do Sporting e do Lousa”, lembrando “a marcação do Lousa ao Sporting e vice-versa”.

A rivalidade Porto – Benfica, que começava a instalar-se como a grande rivalidade nacional e que, infelizmente devido ao facto de estes terem abandonado a modalidade do

ciclismo não será analisada, também foi sentida quando a 31 de julho na página 12, na continuação da notícia “Volta dentro e fora dos trilhos” se destaca: “o Futebol Clube do Porto regressa no dia em que o Benfica regressar”.

O ano de 1996, devido à forte prestação de Maxilliano Lelli e à fraca das equipas portuguesas, centrou-se essencialmente, numa disputa entre portugueses e estrangeiros. Noutros anos, mais precisamente em 1986, aquando da presença de uma equipa brasileira na Volta a Portugal, descreveu-se o Brasil como um “país irmão”, continuando na toada de elogiar os ciclistas estrangeiros que vinham à Volta a Portugal para prestigia-la. (21 de julho na página 16, na notícia “Vem disputar a Volta a Portugal. Caloi-Pão de Açúcar quer refazer imagem”).

Contudo, o auge da presença de discurso nacionalista, ou pró-português, deu-se efetivamente no ano de 1996. Nesse ano mostrou-se uma certa inveja, ou desilusão, por ser um italiano a ganhar. Assim, saliento os seguintes exemplos:

- A 4 de agosto na página 34, na notícia “Ciclismo – Serafim Ferreira, director da prova, vaticina Uma volta... a serio”, o diretor da prova achava que deveria ser um português o vencedor, porque os estrangeiros não conhecem os trajetos;
- A 11 de agosto na página 33, na notícia “Algumas notas de reflexão ao fim da primeira semana na estrada. Hegemonia nacional ameaçada”, quando se declara que “A mais importante prova velocipédica nacional, a Volta a Portugal continua a ser dominada pelo pelotão estrangeiro (...) Mas há equipas portuguesas com gente de valor para o destronar”, a Massimiliano Lelli. Isto demonstra que, apesar da supremacia italiana, há uma necessidade jornalística em valorizar o que é português – talvez para a Volta não perder o seu interesse;
- A 18 de agosto na página 31, na notícia “O previsível vencedor da prova dá-se a conhecer aos leitores de «A Bola». Portugueses viram o verdadeiro Lelli”, em que o jornalista refere que se falou muito “que as equipas italianas, direta ou indiretamente, contribuíram também para a sua previsível vitória”. Neste excerto, o jornalista alude ao facto de os italianos serem mais unidos que os portugueses e tenta, também, desvalorizar a vitória de Lelli;
- A 19 de agosto na página 31, na notícia “58ª Volta a Portugal em Bicicleta – Supremacia estrangeira no ano em que um italiano recebeu os louros. Lelli – vitória sem contestação”, lembra-se que “foi a quinta vitória estrangeira”.

Este nacionalismo, presente em grande escala no ano de 1996, teve algumas repercussões no ano de 2006, também devido ao facto de, no ano anterior, Cândido Barbosa “o ídolo ciclista nacional” ter perdido a Volta para um estrangeiro. Assim, foi sem surpresas que, a 5 de agosto na página 3 da edição especial dedicada à Volta, na notícia “Hoje corro eu” o cronista tenha dito: “Não importa se ganha um corredor do Norte, do Centro, ou do Sul. Importa é que ganhe um ciclista de uma equipa portuguesa”, acrescentando que se for português ainda melhor.

Outro exemplo disso, é a afirmação de Cândido Barbosa, quando declarou: “Acabo por ficar satisfeito porque a camisola da liderança foi entregue ao Lizuarte, um colega português e de equipa portuguesa” (9 de agosto na página 43, na notícia “Cândido Barbosa e o que é nacional é bom. Amarelo intermitente”). Tem de se lembrar que neste período, em 10 anos, só dois portugueses e por uma vez cada, venceram a Volta a Portugal.

No rescaldo da Volta concluiu-se que os “estrangeiros foram superiores”, na notícia “Vitória sem contestação do espanhol David Blanco em mais um ano de jejum dos portugueses”, sendo que se teve a preocupação de relembrar que há já largos anos que os estrangeiros têm dominado a Volta.

No tocante ao clubismo, regressando ao ano de 1996, só há a referir a saudade dos tempos antigos:

- A 16 de julho na página 37, na notícia “Agostinho que desempatou”, refere-se a luta entre Alves Barbosa e Ribeiro da Silva – “A luta entre estes dois despertou paixões nortenhas” aludindo entre o Académico e o Sangalhos;
- A 20 de agosto na página 29, na crónica “Aos seus lugares. Regresso ao futuro” lembra-se que, antigamente, havia mais paixão do que há hoje, “sobretudo entre o público “saudoso do seu F. C. Porto, do seu Sporting, do seu Benfica”.

Em 2006, numa tentativa de fazer regressar às tais paixões clubísticas, antecipou-se a Volta como uma rivalidade entre o Milaneza Maia e o LA Liberty Seguros, como exemplifica a notícia “O amarelo... da prudência do jovem Hugo Sabido. O grupo está em primeiro”, a 4 de agosto na página 41, em que o corredor da Barbot declara: “A Maia e a LA Liberty serão sempre sérios candidatos, a Barbot terá uma palavra a dizer” e, a

notícia “Km zero. LA Liberty e Milaneza Maia empatadas”, onde se comparam as duas equipas.

Durante a Volta, essa rivalidade ficou cimentada quando Américo Silva, diretor desportivo da LA, denunciou a “falta de objetivos da concorrência” (12 de agosto/página 43), pelo que Manuel Zeferino, diretor desportivo do Maia, replicou que, na etapa com final na cidade da Guarda, a Duja trabalhou para Cândido Barbosa, o líder da LA Liberty, na notícia de 15 de agosto na página 32 “Manuel Zeferino – Américo Silva mantêm a polémica”. Essa rivalidade não passou indiferente aos estrangeiros que estiveram presentes na Volta, quando a 16 de agosto na página 25 o diretor desportivo da Comunidad Valenciana salientou que “A maioria das equipas como a Maia Milaneza e a Liberty Seguros não se entendem”, na notícia “Sem «Tour» e sem «Vuelta» a Comunidad Valenciana apostou em Portugal. Injustiças comprovadas”.

Na segunda etapa, Cândido Barbosa impediu a ultrapassagem de Martin Garrido, o que lhe valeu a desclassificação e consequente perda da etapa. No dia seguinte, o argentino venceu, o que foi salientado pelos jornais que, querendo causar algum sensacionalismo, destacaram uma rivalidade entre Barbosa e Garrido (Essa rivalidade fomentada pelos jornalistas serve como comprovativo de uma maior atenção direcionada para os ciclistas e menor para as equipas) – “O ídolo do ciclismo dos portugueses tem novo adversário: Martin Garrido” a 8 de agosto na página 50, na notícia “Martin Garrido alinha no duelo de «sprinters? E pensa baixinho para poder gritar vitória bem alto. Que a força esteja comigo!”.

Apesar de não ser um exemplo de clubismo, serve como demonstração do poder dos jornais em criar rivalidades, onde elas pudessem ou não existir.

O saudosismo dos tempos antigos também foi retratado quando, na cronica “Quilómetro zero. Ainda posso sonhar”, a 11 de agosto na página 43, o jornalista falou de um sonho em que o Porto regressava e na página 46, a 17 de agosto, num segmento dedicado ao entretenimento das pessoas, através de notícias falsas e rocambolescas, disseram que o futebolista Mantorras iria liderar a equipa de ciclismo do Benfica e que José Viega, diretor desportivo do Benfica entrou “em depressão com o anúncio do F.C. Porto”, de que este iria regressar.

Conforme se verificou no período antes do 25 de abril, sempre que havia uma equipa, um acontecimento polémico, ou principalmente um ciclista a sobressair que centrava em si as notícias, havia uma preocupação em utilizar a cobertura da Volta a Portugal como uma forma de dar a conhecer os cantos do país.

Deste modo, no tocante ao regionalismo, em 1976 encontraram-se poucos casos a isso referentes, sendo que, quando se falava em certas regiões, isso ficava a dever-se à popularidade ou outros assuntos secundários, como podem servir de exemplo:

- A 26 de agosto na página 5, na notícia “Figuras da Volta. Inatel, Benfica, Câmara” salientava-se que “No Algarve torrado da soalheira, no Alentejo feliz de trabalho, sob as sombras das escassas árvores, ou nas verdes terras do centro e norte, vindo dos confins das florestas de pinheiros ou do lugar que se esconde no monte distante, o Povo vem”;
- A 30 de agosto na página 5, na notícia “Firmino o vencedor. Eterna rivalidade entre o Norte e o Sul”, a respeito das críticas de Venceslau Fernandes Firmino respondeu: “Isso não foi tanto assim. Eles agora falam porque eu ganhei a Volta e a rivalidade Norte-Sul é eterna”;
- Na crónica “Os furos da Volta”, a 30 de agosto na página 10 encontrou-se a única e verdadeira preocupação em se referirem um pouco os cantos do país - “foi por causa de não haver alojamentos na bonita zona de S. Pedro do Sul que fugimos para Viseu, onde de resto se está muito bem”;

Estes poucos exemplos ficaram a dever-se à preocupação em falar da polémica temática profissionalismo vs amadorismo.

No ano de 1986, houve uma grande preocupação, principalmente através da crónica “Lendas, Pessoas e Paisagens”, em utilizar a cobertura da Volta para dar a conhecer um pouco da história e dos costumes de cada uma das terras onde se iniciava ou acaba a Volta.

o Alves da Costa (Foto SIMÃO) tra-relógio do que o Carlos Carvalho. gistas.

LENDAS, PESSOAS E PAISAGENS

O DIABO, O SANTO E A PONTE EM MARCO DE CANAVEZES

Marco de Canavezes meta da primeira etapa, manhã de ontem, a lenda da Ponte da Aliviada que existiu sobre o Tâmega, rodeada por uma história curiosa e diversas superstições populares. «Há muito tempo atrás, a ponte romana de Trajano estava em vias de ruir e S. Gonçalo de Amarante, conde do pelas contínuas catástrofes causadas pela falta da ponte, resolveu-se a construir uma para benefício das populações». Conta a narrativa. «O local da edificação foi escolhido por um anjo, o qual em sonhos indicou a Gonçalo em que ponto de Amarante deveria ser erguida». Só que um diferente designio levou o Santo a tentar concretizar a sua obra: competir com o diabo, que andava a construir uma obra semelhante na Aliviada. A lenda acrescenta que «a obra do diabo estava perfeita e corria muito mais veloz do que a do Santo e em consequência disso, o diabo...» desejou enfadar S. Gonçalo, endereçando-lhe convite, para que visitasse a obra da Aliviada. E assim, na região de Marco de Canavezes, o Santo aceitou o convite e retribuiu-o. O diabo, igualmente, aceitou o desafio e ao ver a ponte de S. Gonçalo, desatou a rir-se enquanto o homem, humilhado decidiu vingar-se, embora reconhecendo que não lhe sobrava muito mais tempo. O Santo, nitidamente, preocupado em como resolver o seu problema e angustiado com a troça diabólica.

O volume «Lendas Portuguesas» adianta que o diabo forneceu, inconscientemente, a forma de o Santo ultrapassar a questão, quando lhe pediu «que não benzesse a ponte». O Santo, de facto, prometeu não benzer a ponte do diabo, alegre no seu íntimo. E diante da Ponte da Aliviada reconheceu ser a sua obra inferior à do seu rival, não desistindo, no entanto, de colocar em prática o seu plano. Elogiando a Ponte da Aliviada e remetendo os parabéns ao diabo pela obra, e dele se despediu, «levantando o seu cajado em modo de saudação, desenhando, furtivamente, uma cruz no ar», dizendo-lhe: — Se tu fosses por aqui como vais por ali... De imediato, a Ponte da Aliviada começou a tremer, ruindo com fragor. O diabo, colhido de surpresa, apedre-

jou o Santo, insultando-o «com palavras só dele conhecidas». Com efeito, na Aliviada existe um (Continua na 10.ª pág.)

o P to, aut rod pen bici cau obr, das a a afoi gen, pró



HOJE CORRO EU!

mão. É assim. Quatro horas até à portagem, e (o lance até à Mealhada), horas suplicantes salvo honrosas e curtas exceções, o andan quem nos visita, os emigrantes do nosso san atrevem a conhecer esta pasmaceira que (ni Europa, servida por bons acessos desde o tem

E qual é a alternativa? Tomar combalos qu Voar em pequenos aviões que «tiram anos d brasileiro, Zinho, nova aquisição do Sporting, entre Lisboa e Faro? Ou banhar-se na poluipã desmentida por «altos interesses»? Talvez a Ponte sobre o Tejo, para procurar as praias do vestido... e afins) ou entrar em novas aglomera caminho de Matosinhos, na passada quarta-horas e quarenta e cinco minutos entre a mi secretariado portuense da competição velocij entre nós, sem um minuto sequer da parag «snack», ou seja, quase tanto tempo como den limes portugueses que ganham prémios só p tormento dos júris de os... verem?!

Que se passa com os transportes em Port todos aderir 24 horas/dia no desporto do pedal, alliciente, mas belo só para competi? E quem, esta o supremo «Crime e Castigo» que este Pa ainda, quem acredita nele, mesmo, apenas, pa tristes» que nós somos? É evidente que, ent visitantes não inclui o príncipe Anré e a «lady» delongas deste tipo em lua-de-mel? A lua-de-l Mesmo para a insinuante Koo Stark, se decidir porquê? Por não se ter consorciado com o Andr

Senhores da transportação, se for mais eff românticas e encaloradas diligências. Almoça Mas, a verdade, é que por estes caminhos não menos ao Porto. Pela estrada n.º 1 (n.º 171).

ISE) – O PRIMEIRO NA RÉGUA

ALTAR DE AVIÃO CERTAS ETAPAS

23 anos de idade, serralheiro, natural de Vila da Feira, casado, Manuel Neves acrescentou:

— A sorte mudou para o Boavista. E vamos tentar o melhor possível.

Valentim Loureiro ia dizendo, na enorme alegria, rente às águas do Douro:

— Foi bom. E vamos controlar sempre...

Manuel Neves, ainda:

— Etapa de montanha, com uma contagem de primeira categoria, no Alto de Quintela (800 metros de altitude), foi dura a valer.

E sempre na dele:

— O presidente já nos acompanhou e viu como custa...

Carlos Nunes (Torriense): «Custa menos ser para-quadista do que fazer certas etapas de bicicleta!...»

O vencedor da etapa, Carlos Nunes, da Torriense-Sicasal, após ter abraçado, no pódio, o novo «camisola amarela» do Boavista-Zanussi, contou-me como acontecera este brilhar de da sua equipa, dado que, na fuga decisiva, um (Continua na 10.ª pág.)

Figura 22. Crónica “Lendas, Pessoas e Paisagens”, como comprovativo da preocupação em dar a conhecer os cantos de Portugal.

Essa crónica, durante o período em que decorreu a Volta a Portugal, saiu em todas as edições. Além disso, o Algarve foi alvo de especial destaque, devido à sensacional prova do inglês Cayn, que corria pelo Louletano.

Como se pode verificar, a 28 de julho na página 14, na continuação do comentário à Volta, quando se diz que o Algarve está “na frente” e que houve “festa em Loulé até Às tantas” e, a 31 de julho na página 8, na notícia “O que não se sabe por detrás do grande pano. Cuidados maternos do Louletano pelo seu inglesinho Cayn!” fala-se da evolução da

modalidade no Algarve, onde ela é bastante popular. O Castelo de Mértola também foi alvo de um pequeno destaque quando, a 21 de agosto na página 9, se colocou uma telefoto dos corredores a passar por lá.

Em 1996, como foi visto, houve uma maior preocupação com o nacionalismo, pelo que o clubismo e o regionalismo foram um pouco marginalizados, o que significou que apenas se recordou a luta entre Ribeiro da Silva e Alves Barbosa, o que “despertou paixões nortenhas”, a 16 de julho na página 37, na notícia “Agostinho que desempatou” e, pela primeira vez, falou-se na zona Saloia, quando da vitória de José Rosa em Sintra em que o jornalista põe em destaque que “Os saloios têm motivos para estar contentes. A sua equipa chegou a casa e venceu”.

Em 2006, na antevisão da etapa seguinte, houve a preocupação de se colocar uma descrição da cidade, ou da localidade de onde se partia e onde se chegava, havendo, por isso, 10 casos de regionalismos só através disto.

Ordem de partida

1.º Pablo Urtasun (KAI)	13.52 h	97.º Félix Cardenas (BAR)	15.31
90.º Tiago Machado (CAB)	15.21	98.º Danail Petrov (MIL)	15.33
91.º Juan Gomis (ECV)	15.22	99.º José Rodrigues (CAB)	15.35
92.º André Vital (MAD)	15.23	100.º Cândido Barbosa (LAL)	15.37
93.º Nuno Ribeiro (LAL)	15.24	101.º David Blanco (ECV)	15.39
94.º Claus Moller (BHL)	15.25	102.º Hector Guerra (LAL)	15.41
95.º Bruno Pires (MAI)	15.27	103.º João Cabreira (MAI)	15.43
96.º Rui Sousa (LAL)	15.29	104.º Carlos Pinho (BHL)	15.45

De onde parte **10.ª etapa**

Idanha-a-Nova Desenvolvida a partir do castelo ali mandado edificar, em 1187, foi elevada à categoria de vila por Sancho I, que a doou à Ordem dos Templários (1206). Afonso II confirmou a doação e baptizou-a de Idanha, a que mais tarde se juntou o designativo *a Nova* para a distinguir da mais antiga. É uma estreia absoluta como início ou termo de etapas.

Onde chega

Castelo Branco Terá nascido no local onde existiu a povoação romana *Vila Aponiana*, admitem os investigadores. O seu nome imediatamente anterior ao actual foi, porém, *Vila Franca da Cardoso*.

Figura 23. Antevisão da etapa seguinte, com a descrição dos locais de partida e chegada.

Porém, na crónica “Quilómetro zero. Um dia de glória”, a 9 de agosto na página 41, salientou-se que “o público nortenho sente e vive o ciclismo de forma diferente, vibra

com todas as corridas e enche as ruas de qualquer vila ou cidade”. Isto a propósito de “os banhos de multidão” que sucederam nas etapas com fim em São João da Madeira e Viseu, sendo este um caso de regionalismo puro e marcante para a rivalidade Norte-Sul, visto que Viseu pertence à região Centro do país, segundo as unidades territoriais portuguesas. É que os dois polos centrais do país são Lisboa e Porto e, como Viseu fica mais perto da cidade tripeira, talvez se tenha considerado esta como Norte.

E, como vimos anteriormente, salientou-se a rivalidade entre Braga e Guimarães, quando uma senhora vimaranense, inquirida sobre Braga, reagiu em tom de pergunta: “Mas agora vamos falar de Marrocos?” (10 de agosto na página 45, na notícia “Guimarães é sempre alma: A relva e o asfalto estão bem, Vitória! Vitória!”).

Nesse ano, apesar da popularidade de Cândido Barbosa, houve o cuidado de fazer chegar a Volta a Portugal a todos os locais, talvez numa tentativa de reacender paixões pelo ciclismo, que não se verificavam há bastante tempo e aproveitando a popularidade do “ídolo do ovo” – Cândido Barbosa – e a sua luta contra os estrangeiros.

No respeitante à popularidade da Volta, é de salientar que, até 1976, esta era vista como “a Volta da gente”, como se pode verificar na página 3 de 9 de agosto no título “38ª edição da Volta a Portugal em Bicicleta. É uma Volta diferente? – É a Volta da gente”.

No entanto, nos anos de 1986 e 1996, provavelmente devido ao decréscimo da popularidade da Volta, que se notou através dos exemplos de saudosismo supracitados, os jornalistas não deram atenção ao facto de esta ser vista como uma festa nacional, como fora vista nos tempos anteriores ao 25 de abril.

Assim, nestes dois anos só se encontrou um exemplo digno de se salientar: Antes do começo da Volta, na antevisão da mesma, a 24 de julho na página 10, na continuação da notícia “Começa em Matosinhos” observou-se que “o espectáculo levado pelas estradas e povoações do país através de um percurso interessante arrastará multidões, esperando-se que as pessoas participem na corrida”. Apesar de o público nortenho ter sido elogiado pelo ambiente criado no prólogo, na notícia “Comentando a prova. Nem muitas centenas de contos desviaram do seu dever a «santa irmandade»”, na página 7 a 26 de julho, e de ter havido, como se viu acima, “Festa em Loulé até às tantas”, durante o resto da prova não se destacou a popularidade da mesma. Provavelmente esse fator deveu-se ao facto de, nas restantes regiões do país, a adesão popular ter sido pequena.

No ano de 1996, a 12 de agosto na página 30, na notícia “Mosaico do ciclismo. Fogo!”, considerou-se que “a pureza do ciclismo está na simbiose ciclista-povo”, mas, também se classificou a Volta de “feira”, num sentido pejorativo a 8 de agosto na página, na notícia “58ª Volta a Portugal em Bicicleta – Quando a bagunça se junta ao impensável o espectáculo perde. As feiras e as loucuras da Volta”, criticando, assim, a organização por permitir que, nos últimos quilómetros não houvesse barreiras bem colocadas e, ao mesmo tempo, o público por não se saber comportar.

Em 2006, a Volta voltou a ser vista como uma festa, apesar de nunca se ter mencionado esse facto, mas o exemplo que se segue comprova aquilo que se pretende explicar: A 9 de agosto na página 43, na notícia “Povo sai à rua na chegada. S. João de bicicleta”, quando o jornalista menciona que “A imagem do passado, da Volta tradição da festa para o povo, readquiriu, ontem, a sua verdadeira expressão (...) São João da Madeira ofereceu, pois, esse direito ao ciclismo, provando ser, afinal, de uma só palavra: esta cidade gosta e sempre gostou dos ases do asfalto”, sendo que a meta estava em “delírio”.

Assim, verifica-se que, efetivamente, houve um período de estagnação da popularidade da Volta, pelo menos no que diz respeito ao citado nos jornais, mas provavelmente não só, que readquiriu a sua antiga forma de festa popular, embora tal não fosse mencionado, no ano de 2006.

3.3.4 Publicidade

Após o 25 de abril e já em 1973, gradualmente, houve um aumento da publicidade nas páginas dos jornais ligadas à Volta, devido ao facto de os mesmos serem o principal meio de divulgação do anúncio publicitário e, também, derivado de, no final do Estado Novo, essencialmente na “Primavera Marcelista”, ter havido um forte desenvolvimento da industrialização, o que originou um boom económico. (Reis, 1990, p. 319)

Daí que, após o 25 de abril, tenha havido um aumento desproporcional do número de publicidades e que estas tenham uma permanência constante e não esporádica nas edições. Já antes, durante a década de 70, devido ao facto de os jornais terem passado a pertença de sociedades comerciais, se observava um ligeiro aumento das publicidades.

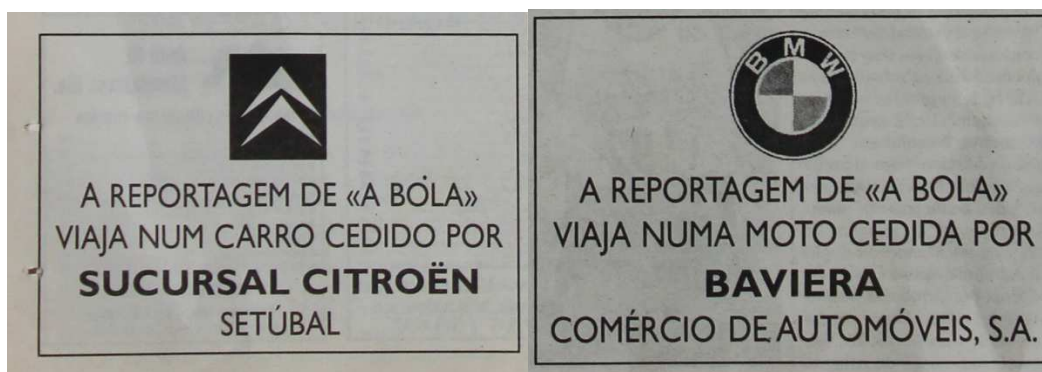
Assim, em 1976, encontraram-se três anúncios (dois pequenos e um grande) com referência ao início à Volta a Portugal e ainda mais uma (pequena) no final da mesma.

No entanto, de 19 a 30 de agosto, nas seis edições no decurso da Volta, encontraram-se, sempre na primeira página inteira dedicada à mesma, um patrocínio à cerveja Clock (ver anexo 11).

Quanto a 1986, durante o decurso da prova e na edição de 24 de julho, em 9 edições, nas duas páginas principais referentes à Volta utilizou-se um slogan de tamanho médio da Trinaranjus e da Akai – empresas que patrocinavam o Lousa – havendo, por isso, o dobro de anúncios constantes do que em 1976 (ver anexo 12).

Na página 10 de 7 de agosto, do mesmo ano, há a ainda a acrescentar um anúncio referente à Caixa Geral de Depósitos e, no rescaldo da Volta, na página 5 a 14 de agosto, surgiu um slogan à Trinaranjus e à Akai.

No ano de 1996, na antevisão da Volta, de 3 a 5 de agosto e referente à mesma, colocava-se uma publicidade à Citroen. Porém, de 6 a 19 de agosto, para além daquela publicidade, na página seguinte (às vezes até podia ser na primeira página referente à Volta e na segunda colocava-se a da Citroen), vinha também uma publicidade à BMW, visto que ambas as marcas emprestavam veículos para a cobertura da Volta.



Figuras 24 e 25. Publicidade à Citroen e à BMW, nas páginas da Volta da edição de 1996.

No seguimento do que aconteceu em 1996, no ano de 2006, talvez por uma questão de cansaço das pessoas, ou devido ao aumento dos custos, ou ainda devido à diminuição da importância dada à própria Volta, só se colocou uma publicidade por edição, nas habituais quatro páginas dedicadas à mesma e, desta feita, à Citroen (ver anexo 13).

Para finalizar, importa referir que, de forma a não afastar o leitor, todas as referências publicitárias foram colocadas no final da página.

3.3.5 Fotos, Infografias e Cartoons

No que concerne à Volta a Portugal, como se viu no período antes do 25 de abril, era comum recorrer-se ao uso das fotos para embelezar e complementar as notícias. Nesse período, era grande o recurso às fotos sendo que, com exceção do ano de 1946, em todos os restantes anos se ultrapassaram as 50.

No entanto, em termos gráficos, as fotos eram sempre a preto e branco, com falta de nitidez e sem recurso muitos planos diferentes (no ano de 1973 encontraram-se 3 fotos tiradas de um helicóptero, que acabaram por ser uma inovação no que diz respeito às fotos panorâmicas).

Assim, a partir de 1986, e principalmente de 1996 em diante, verificou-se uma melhor e mais desenvolvida diversificação dos planos, sendo que, na categoria dos planos gerais, o grande desenvolvimento deu-se em 1976.



Figuras 26 e 27. Retiradas em 1976, a primeira demonstra uma boa utilização do plano geral mas com pouca nitidez da imagem. Por outro lado, a segunda, um plano conjunto, mostra os corredores demasiado próximos da objetiva, não se conseguindo localizar a zona, nem o contexto da corrida.



Figuras 28 e 29. Fotos conseguidas no jornal *A Bola*, no ano de 1986. Em comparação com 1976, nota-se uma maior definição da imagem, continuando na linha de obter e aprimorar os planos gerais e conjuntos, tornando-os mais originais.



Figura 30. Plano Americano de 1996. Como se pode ver, para além da de um grande foco da imagem no corredor, houve um desenvolvimento da montagem da foto.



Figura 31. Plano Americano de 2006, onde se nota a focagem no ator principal, contrastando com o fundo.

Em 1996, na capa, já surgiam fotos a cores e, em 2006, a sua totalidade já era colorida (ver anexo 14, 15 e 16).

Neste último ano verificou-se mais uma novidade: algumas fotos surgiam integradas com a notícia, sem se situarem rodeadas por um quadrado ou retângulo (ver anexo 17). Algo que já existia em 1996, mas com menor interação entre texto e foto ou, pelo menos, menor dimensão. (ver anexo 18)

Desta feita, far-se-á uma análise quantitativa do número de fotos e do seu tamanho; também será analisada a incidência delas sobre ciclistas (atores principais da Volta), sobre a organização (diretores da prova, aspetos relacionados com a organização e outros), dos diretores desportivos (comandantes dos atores principais) e aspetos terciários (pessoas, carros, aviões, entre outros).

Numa terceira fase, também serão analisadas as fotos referentes aos ciclistas e se elas incidem sobre os líderes, sobre as chegadas e sobre os vencedores, de forma a analisar as preocupações do jornal em dar uma maior ou menor ênfase aos vencedores, ao líderes, ou à chegada em si.

Incidência das fotos	1976	1986	1996	2006
Ciclistas	36/88%	54/88,5%	68/83%	116/76,3%
Organização	1/2,3%	0	2/2,4%	3/2%
Diretores Desportivos	0	0	8/9,6%	7/4,6%
Aspetos Terciários	4,9,7%	7/11,5%	4/4,8%	26/17,1%
Total	41	61	82	152

Gráfico 5. Alvos de incidência das fotos. Devido ao elevado número de incidência sobre eles, os diretores desportivos (que comandavam os atores principais) e os organizadores da prova (que permitiam que a Volta fosse possível) foram alvo de destaque neste estudo.

Tipo de fotos dos ciclistas	1976	1986	1996	2006
Líderes	10/27,8%	17/31,5%	25/36,8%	35/30,2%
Chegadas	1/2,8%	10/18,5%	12/17,6%	13/11,2%
Vencedores das etapas	7/19,4%	2/3,7%	3/4,4%	3/2,6%
Total	36	54	68	116

Gráfico 6. Alvos de incidência das fotos de ciclistas.

Em 1976, recolheu-se um total de 41 fotos ligadas à Volta, o que significa um decréscimo de quase 30 fotos em relação a 1973 (68), e que poderá explicar-se pelo facto de, após o 25 de abril, se dar maior atenção às notícias de índole política, o que originou um decréscimo na venda dos jornais desportivos. Dessas fotos, oito foram de tamanho grande (superior a 1/10 de página de um jornal Broadsheet), 19 de tamanho médio (cerca de 1/10 de página) e as restantes de tamanho pequeno (inferior a 1/10).

Em 1976, 36 fotos incidiram sobre ciclistas, uma estava ligada a assuntos organizativos e quatro a aspetos terciários. Dez visaram os líderes das diferentes classificações, sete os vencedores das etapas e apenas uma mostrou a chegada à meta.

Dividindo o número de fotos pelas dez edições em que se cobriu a Volta, chegou-se à conclusão de que houve uma média de 4,1 fotos por página dedicadas ao nosso “tour”, numa altura em que, normalmente, três páginas do jornal eram dedicadas à Volta.

Em 1986, contabilizou-se um total de 61 fotos da Volta, aumento que pode justificar-se pelo fim do PREC (pós 1976) e num aumento do custo do jornal, o que obrigaria a haver um maior dispêndio para promover um aumento na compra.

Dessas 61 fotos, seis foram de tamanho grande (número pequeno em comparação com as de 1976). No entanto, houve 26 fotos de tamanho médio e 29 de pequeno. Dessas, 54 (quase 90 %) visaram ciclistas e sete tinham como alvo aspetos terciários (um pouco mais de 10 %). Das fotos referentes aos ciclistas, 17 incidiram sobre os líderes, duas sobre os vencedores das etapas (sem ser na meta) e dez sobre a chegada, das quais só três não incidiram sobre o ciclista vitorioso.

Assim, denota-se uma maior preocupação em mostrar a chegada à meta, no seguimento do que já acontecera em 1973. Também preocupação, embora ligeira, houve em centrar as fotografias nos líderes. Em 1986, 17 das 54 fotos dos ciclistas visaram os líderes, perfazendo uma percentagem de pouco mais de 30 % enquanto, em 1976, das 36 fotos sobre ciclistas, dez visaram os líderes, fazendo uma percentagem de aproximadamente 27 %. Nesse ano, cerca de quatro páginas eram usadas diariamente na cobertura da Volta e havia cerca de 5,5 fotos por edição.

No ano de 1996, contabilizou-se um total de 82 fotos (recorde até então) sobre a Volta, das quais 16 eram de tamanho grande, 24 de médio e 42 de pequeno. Salienta-se um aumento considerável das fotos de tamanho grande, uma estagnação do tamanho médio e um aumento elevado do pequeno, o que denota uma maior preocupação sensacionalista para chamar a atenção e um maior cuidado em utilizar as fotos como complemento das notícias, visto que muitas delas eram de tamanho pequeno e o total das fotos aumentou, quando o tamanho do jornal diminuiu (para o formato tabloide), e o número de páginas dedicadas à Volta também ter diminuído (duas, e excepcionalmente três, por edição).

Sobre os ciclistas incidiram 68 fotos (cerca de 83%) e 14 (17%) sobre outros aspetos – duas sobre organização, oito sobre os diretores e quatro sobre aspetos terciários. Desta forma, começa a notar-se uma maior preocupação com os aspetos exteriores ao desporto ciclístico em si. 25 das 68 fotos visaram os líderes, 12 as chegadas (duas dessas não mostraram o ciclista vitorioso) e três os vencedores (sem ser na meta), o que reforça a ideia de haver uma maior preocupação de mostrar os líderes e as chegadas à meta.

Nesse ano de 1996, Maximiliano Lelli destacou-se muito e foi tema de fotografia por 18 vezes. Se dividirmos esse número pelo número de fotos de ciclistas, chega-se à conclusão que ele ocupou cerca de 26%, o que significa uma menor percentagem daquilo que ocupou Joaquim Agostinho em 1973, mas maior do que a que ocupou Alves Barbosa em 1956, significando que, em 1973, já se começava a ver o desportista como herói e que, numa altura em que ainda se transformava o discurso doutrinário, Joaquim Agostinho foi mais centro das atenções, por ser português e Lelli italiano. Assim, houve uma média de 3,3 fotos por edição, sendo que este decréscimo, em relação aos anos anteriores, justifica-se pelo facto de o jornal *A Bola* ter passado a diário.

No ano de 2006, recolheram-se 152 fotos referentes à Volta, quase o dobro das de 1996, mas também num período inferior, visto que ela só durou dez dias, ao contrário dos habituais 15, mas numa cobertura diária de quatro ou mais páginas. Deste modo, por edição encontrava-se uma média de 6,3 fotos referentes à Volta, aumento muito grande em relação a 1996 (quase o dobro), o que ficou a dever-se ao crescimento do número de páginas ligadas à modalidade e à crescente popularidade da mesma, visto que, no ano anterior, durante a luta Barbosa-Efimkin, aquele se transformou no “ídolo do povo”.

Dessas 152 fotos, 116 (76%) incidiram sobre os ciclistas e 36 (24%) sobre outros temas – três referentes à organização, sete aos diretores e 26 a aspetos terciários – o que comprova aquilo que anteriormente foi referido (que começou a haver uma maior importância em mostrar outras preocupações ligadas à Volta a Portugal, que não a corrida em si).

Dessas 116 fotos, 35 visaram os líderes, 13 as chegadas à meta (três das quais não mostravam o vencedor) e três visaram o vencedor (sem ser à chegada), o que reforça a teoria de uma maior preocupação em salientar os líderes e as chegadas.

Sobre os ciclistas, 22 das fotos incidiram sobre Cândido Barbosa, número maior do que as referentes a Lelli (em 1996). Embora com menor percentagem do que o italiano em 1996 (Lelli 26% e Cândido 18%), tem de se lembrar que, nesse ano, Cândido só venceu uma etapa e ficou em terceiro lugar, o que acaba por demonstrar, na mesma, uma centralização jornalística na figura do herói desportivo.

No referente às infografias, foram usadas três em 1976, com qualidade gráfica parecida com as de 1973.



Figuras 32 e 33. Infografias de 1976 e 1973, respetivamente.

No ano de 1986, só foi usada uma infografia, que antevia a Volta. Porém, isto pode dever-se ao elevado preço das mesmas e ao facto de, no mesmo período, colocarem infografias da etapa seguinte da Volta a França. (ver anexo 19)

Em 1996 e 2006, antes de cada etapa, colocava-se uma infografia de tamanho médio da altimetria da etapa seguinte. Contudo, em 1996 era a preto e branco e a cores em 2006, tal como nas fotos.

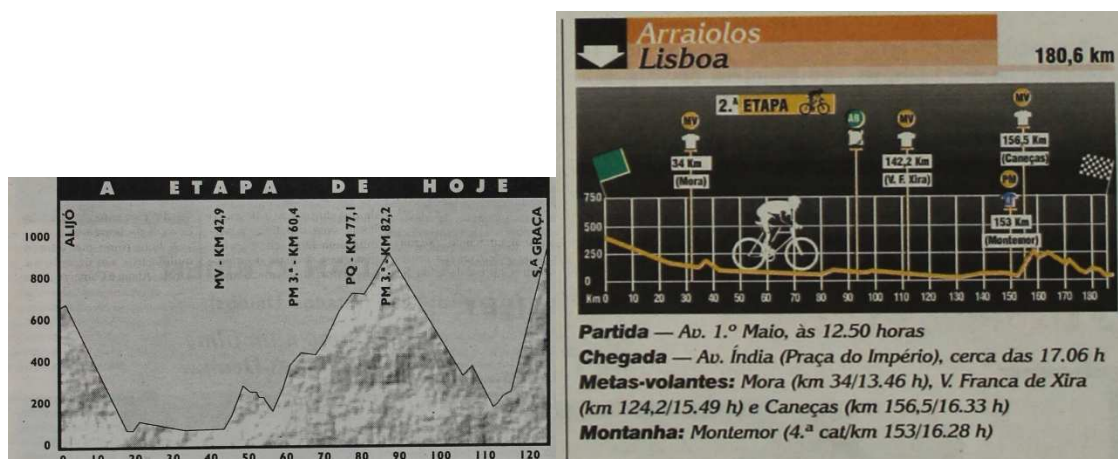


Figura 34 e 35. Infografia de 1996 e 2006, respetivamente. Apesar da evolução gráfica e de conteúdo em 2006, a de 1996 é mais fácil de compreender.

Nestes dois anos, notou-se também uma maior capacidade para colocar mais informação numa infografia, pelo que o traçado era mais delineado e minucioso. E, ainda, encontraram-se também mais duas infografias (uma de antevisão à Volta e outra da altimetria da subida a Senhora da Graça) enquanto, em 1996, só encontrada uma de antevisão à Volta.

Em 1973, encontraram-se três cartoons com analogias à Volta, em 1986 nenhum, em 1996 dois, e em 2006 apenas um, o que poderá significar uma perda de importância da Volta no panorama nacional. Os cartoons de 1996 e 2006 eram coloridos, enquanto os anteriores não o eram. (ver anexo 20 e 21)

3.3.6 Exame geral da abordagem da Volta a Portugal

No seguimento do que já foi feito no período antes do 25 de abril, iremos analisar: as notícias, o tamanho e colocação das capas, o número de páginas, o número de páginas por edição, as crónicas, as declarações em notícias de vários intervenientes, as declarações por página e o número de páginas utilizadas no total de páginas disponíveis (tudo isto relativo à Volta a Portugal e com o intuito de verificar, não só o aumento da popularidade, mas também da importância da Volta no Desporto, entre 1976 e 2006)

Em 1976, as notícias eram desenvolvidas na capa, tendo uma posterior continuação nas páginas interiores (anexo 34). O mesmo podia acontecer em notícias que se situavam numa página e tinha continuação noutra. Isto também sucedia em 1986, mas, referente às capas, estas só apresentavam uma foto, um título, ou um destaque e remetiam para o interior do jornal (anexo 35), sendo que, na antevisão da etapa seguintes, colocava-se o “Cartaz da Volta” que referia o dia e as localidades por onde passariam as próximas etapas.

Lembra-se que, em 1976 e 1986, o jornal era trissemanal, enquanto em 1986 e 2006 era diário.

No ano de 1996, era comum colocar-se a ficha da etapa, já percorrida, contendo os três primeiros classificados, o tempo demorado, a descrição do traçado, a média alcançada, algumas deficiências como fugas e quedas, os vencedores dos prémios e o número de participantes e desistentes. Neste período, também se utilizava muito “A etapa de hoje” que descrevia a próxima a percorrer, contendo uma infografia da altimetria da mesma, e ainda se enumeravam as etapas já percorridas, com os vencedores de cada dia e a as que faltavam percorrer no “Quadro Geral da Volta”.

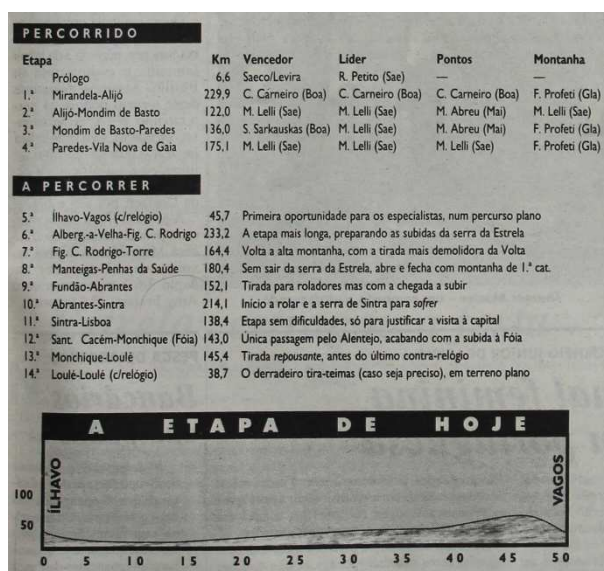


Figura 36. “Percorrido” e “A Percorrer”. Antevisão da etapa seguinte.

No final da prova, colocavam-se duas páginas denominadas “Revisitando a Festa da Estrada” onde se inseriam os principais elementos e artistas. (anexo 22 e 23)

Em 2006, na antevisão da etapa seguinte, descreviam a localidade de partida e a de chegada, colocando uma infografia da altimetria do percurso. Também colocavam o quadro das etapas com os percursos, com os quilómetros, o dia, o vencedor, o camisola amarela e o melhor português. (ver anexo 24)

Além disso, à semelhança do ano de 1996, apresentava-se um “Filme da etapa”, retomando o que fora feito em 1966 e 1973, numa tentativa de recriar o ambiente do leitor e apelar ao saudosismo, na altura em que a Volta era mais popular.



Figuras 37, 38 e 39. Evolução dos “Filmes/Fichas da Etapa”: 1966, 1996, 2006 respetivamente.

No final da Volta, num desenvolvimento dos rescaldos do nosso Tour, colocavam-se duas páginas a descrever os principais momentos e artistas. (ver anexo 25 e 26)

Em 1976, recolheu-se um total de quase 23 páginas dedicadas à Volta, o que significa cerca de 2,28 páginas por edição. Dessas, por cinco vezes se encontravam na capa, essencialmente na parte superior das mesmas, sendo que só duas delas continham mais de meia página dedicada à Volta (No ano de 1976 foram três ocupando mais de meia página e nenhuma nos restantes anos). Isso pode indicar uma perda de importância dada à Volta, quando comparada com o que se verificava no futebol (que dominava as capas).

Neste ano, encontraram-se 30 notícias com declarações, em notícias da Volta (cerca de 1,35 por página), algo que foi decaindo ao longo dos tempos; em 1986 encontrou-se uma média de uma declaração por página, em 1996 foram 0,6 por página, mas em 2006 já se encontrou uma média de 1,3 por página, numa tentativa de recriar o ambiente já vivido pelos leitores no período do auge da Volta, o que pode significar que, a partir de 1986 e 1996, procurou-se criar um jornalismo menos descritivo e mais analítico, tendo como apogeu a década de 90, após um *Novo Jornalismo*.

No entanto, em 1986, contabilizou-se um total de 31 páginas respetivas à Volta (cerca de 2,8 por edição), o que comprova que não tinha perdido a popularidade, algo que veio a acontecer em 1996, quando, de um total de 45 páginas, havia cerca de 1,75 por edição e só uma vez isso foi alvo de capa, com tamanho pequeno e na parte inferior (em 1986, por nove vezes a Volta foi alvo de capa, embora sete delas na parte inferior).

Em 2006, foi contabilizado um total de 59,5 páginas relativas à Volta, o que significa ter havido 2,71 páginas por edição e, por nove vezes, a Volta foi alvo de capa, embora em tamanho pequeno e só por três vezes na parte cimeira.

É que, não obstante ter havido uma tentativa de recuperar e fazer chegar a Volta à sua velha popularidade, o futebol já se havia assumido como esmagador de audiências (embora fosse desde sempre o desporto rei, só a partir de 1986 se notou a monopolização das capas).

No que toca às crónicas, em 1976, colocou-se por quatro vezes “Os furos da Volta” e por cinco “Hoje corro eu” e “Figuras da Volta”.

Em 1986, inseriu-se por sete vezes “A Volta dentro e fora dos trilhos”, que falava de pequenos aspetos sobre várias notícias do ciclismo, por nove vezes “Hoje corro eu” e por oito vezes “Lendas, Pessoas e Paisagens”, que descrevia uma localidade, através da narração de algumas lendas, da descrição da população e das paisagens.

Apesar dos números inferiores, em 1976 há que lembrar que, em 16 de agosto, não houve edição de *A Bola*, pelo que esses números não são assim tão díspares.

No de 1996, apesar de uma vez se encontrar “Hoje Corro Eu” e por duas vezes “A Roda Solta” – uma análise ao estudo da Volta no panorama internacional – só a crónica “O protagonista” teve alguma regularidade aparecendo em nove das quinze edições durante a duração da Volta, o que comprova a perda da popularidade da mesma.

Em 2006, na tal tentativa de resgatar a popularidade da Volta, nas 11 edições no decurso da mesma, apareceu a dinâmica entrevista “Cabeça à Roda” por seis vezes, onde eram colocadas três perguntas a uma das figuras da Volta (uma de futebol, uma de ciclismo e uma de modalidades). Por nove vezes, durante a prova e mais seis vezes antes da mesma, se colocou o “Quilómetro zero” que analisava as equipas ou os ciclistas; e por oito vezes se inseriu a crónica “A Volta vista do sofá” que era uma versão “preguiçosa” de “Hoje corro eu”, porque o jornalista, supostamente, não se encontrava nas imediações da Volta, mas no sofá a vê-la.

Em 1976, em dez edições com dez páginas cada, utilizaram-se cerca de 23 páginas dedicadas em Volta, em 100 páginas de jornal, o que corresponde a uma percentagem de 23% que, apesar de ser maior do que em 1973, continuava na mesma linha evolutiva desde 1946. No ano de 1986, utilizou-se um total de 31 páginas em 11 edições de 16 páginas cada, o que significa que 31 das 176 foram usadas para a Volta (17,5%), o que comprova um decréscimo de popularidade da Volta e, principalmente, quando comparada com o futebol e outras modalidades.

Em 1996, em 26 edições encontraram-se cerca de 45 páginas dedicadas à Volta, num total de 1040 páginas possíveis, o que corresponde a 4,3 %, decréscimo enorme, dado o aumento do jornal e a esmagadora maioria ser dedicada ao futebol, havendo também um decréscimo da popularidade da Volta a Portugal.

Em 2006, em 16 edições e em 1220 páginas possíveis, encontraram-se cerca de 60 dedicadas à Volta, o que corresponde a cerca de 4,9 %, percentagem que traduz um ligeiro aumento da Volta em relação a outras modalidades.

É que, neste ano a Volta ganhou popularidade e, mesmo perante o crescimento de outras modalidades e do domínio do futebol, verificou-se um aumento de 0,6%, o que significa bastante nesta altura.

3.3.7 Discurso Doutrinário

Como já se tinha visto, em 1973, encontraram-se dez casos em que os jornalistas faziam a apologia do herói-desportivo. Tendo em conta que, até então, o discurso doutrinário assentava na missão em nome da causa desportiva, conclui-se que, para além de Joaquim Agostinho ter contribuído para uma mudança, o facto de o desporto se ter generalizado na sociedade auxiliou uma alteração nesse discurso.

No entanto, apesar de, já na década de 70, se ter notado uma mudança só durante os anos 80 ela conseguiu impor-se.

Assim, em 1976, encontraram-se sete casos onde se fez a apologia do herói, por uma questão de nacionalismo, ou mesmo, para pretender criar um modelo a seguir. Desses exemplos realçam-se:

- Em 19 de agosto, na página 19, na continuação da notícia “Aí está a Volta”, salienta-se “Joaquim Andrade com o seu veteranismo, com bastante experiência, tem sido, realmente, o herói destas corridas”;
- A 23 de agosto, na página 5, na notícia “38ª Volta a Portugal em Bicicleta. Costa do Sul de manhã e Costa do Sul à tarde”, lembrou-se Joaquim Agostinho e “a sua presença superior”;
- A 30 de agosto na página 10, há uma notícia (“Figuras da Volta. O povo que mais ordena”) que comprova a já existência de um discurso doutrinário assente no atleta herói; quando o jornalista salienta a importância do ciclismo: “O ciclismo é a imagem que dá ao público a imagem do atleta-herói (...) porque o ciclismo tem enorme implantação em todas as terras do país”.

Nesse mesmo ano de 1976, encontraram-se cinco casos de apologia do desporto-espetáculo, como se exemplifica na notícia seguinte: “3ª etapa – Évora-Sertã (185 quilómetros). Quem é que disse que os amadores não correm?” (página 4 de 21 de agosto”, quando se realçou que “foi uma corrida extraordinária (...) não se esperava uma corrida tão bem disputada (...) a emoção começou cedo a entrar no carro dos acompanhantes”

Já no ano de 1986, encontrou-se uma maior discrepância entre os dois tipos de apologia – 12 deles referiam-se ao herói desportivo e só três visavam o desporto-espetáculo.

Seis dos casos, em que se exaltava o atleta-herói, incidiam sobre o ciclista Theatston Cayn, numa altura em que só o Sporting, dos três grandes, ainda participava na Volta. Assim, com metade das apologias do herói a visar uma figura em específico, denotava-se uma preocupação em criar símbolos que não pertencessem a grandes equipas e que fossem modelos a seguir nos anos vindouros:

- A 26 de julho na página 7, na notícia “Joaquim Fernandes de seu nome, arrancava por ali fora à procura da glória de ganhar a etapa”, salienta-se o heroísmo de Joaquim Fernandes, tal como na página 10, na notícia “Assim vai a volta a Portugal”, quando se eleva a “herói da manhã”;
- Na página 9, a 11 de agosto, na notícia ““Quando Emídio Pinto já falava em milagre... Marco Chagas – Quarta volta ganha mas o fantasma de Cayn ainda veste de amarelo”, destaca-se Cayn que “foi o grande animador da prova, a ele e aos chamados segundos planos muito ficou a dever esta sensacional corrida, que teve competitividade até ao fim”;
- Na página 5, a 14 de agosto, na notícia “Só a próxima época poderá confirma. Conseguimos correr o prólogo do ciclismo que se deseja?”, conclui-se que “o ciclismo ganhou força nesta Volta a Portugal e poderá oferecer-nos melhores espetáculos no ano que vem”.

Em 1996, à semelhança daquilo que sucedeu em 1986, recolheram-se 11 casos de apologia ao herói e dois de apologia ao desporto-espetáculo. No entanto, por nove vezes se introduziu a crónica “o Protagonista” que elevava uma figura a “herói do dia”. Nesse ano, também se notou a preocupação em não só se elevar o desportista a herói de forma transcendente, mas também a herói humano:

- A 10 de agosto na página 32, na notícia “Ciclismo – Na Volta a Portugal, italiano «provoca» candidatos. Lelli desafio demolidor”, salientou-se Maximiliano Lelli – “o homem da primeira semana da Volta” – e Manuel Abeu “esse incansável cavaleiro das trevas”, o que comprova uma transcendência importada para a figura do herói;
- Por outro lado, na página 32 de 12 de agosto, procurou humanizar-se a figura do herói quando, na notícia “O protagonista. Joaquim Gomes sozinho” se afirmou que “A escalada da Torre revelou um candidato revoltado, furioso, mesmo, autêntico rebocador serra acima, preocupado em vencer no seu terreno”;
- A 15 de agosto na página 32, na notícia “O protagonista. José Rosa – o operário”, destaca-se este “lutador incansável até à última gota de suor, amigo fiel de Joaquim Gomes e bom companheiro em qualquer equipa” – que denota mais uma tentativa de humanizar o herói.

Estas tentativas deviam-se ao facto de os leitores necessitarem de se rever na figura em destaque, não acreditando em transcendência, visto os jornais chegarem a mais gente, logo seriam leitores mais informados e realistas.

No ano de 2006, por outro lado, procurou-se nacionalizar a figura do herói. Nesse ano, encontraram-se 17 apologias à figura do ciclista e apenas três ao desporto-espetáculo. Cândido Barbosa foi visto como “ídolo do povo do pelotão da estrada” na legenda de uma foto colocada na página 46 de 11 de agosto. Já na página 43 de 11 de agosto, na notícia “Vitória dupla de jovem algarvio, que vai escalar a Senhora da Graça de amarelo. Hoje é dia de descanso. Machadada de Mestre” evidenciaram-se Ricardo Mestre e Tiago Machado – “Ricardo Mestre e Tiago Machado foram gigantes numa tirada demolidora que os pôs nos lugares cimeiros da geral, entrando ambos, por mérito próprio, no lote dos candidatos”, numa tentativa de regressar ao discurso dos anos 70 e 80, quando se elevava o herói a algo transcendental, o que pode ser corroborado pela notícia “Deuses na Terra”, na página 44 de 12 de agosto, onde se colocaram várias fotos de alguns ciclistas acompanhadas de um texto a comparar estas figuras a deuses. (anexo 30)

Finalmente, na mesma edição, na página 43, na notícia “A Volta vista do sofá. Do sonho à realidade” lembrou-se que a Volta “precisa de ídolos. Viu-se o ano passado como a luta entre Cândido Barbosa e o russo Vladimir Efimkin arrastou multidões à estrada”

Conclusão

Tendo em conta os dados anteriormente expostos e debatidos, no que diz respeito ao discurso político-desportivo, notou-se que, tanto antes como depois do 25 de abril, se criticava a organização quando oportuno. No entanto, nos cerca de dez anos seguintes ao 25 de abril, verificou-se, por parte do jornalista, um discurso preocupado com situações alheias ao desporto, principalmente com as opiniões políticas do país.

Após 1986, esse discurso diminuiu, devido ao fim do PREC (1976) e à ambientação das pessoas à democracia (havia um certo discernimento em distinguir liberdade de libertinagem – mentalizaram-se para o facto de que a liberdade é uma das maiores conquistas, mas que ela não pode contundir com a liberdade dos outros) (Moreira, 1990: 91, 110 e 11). Do mesmo modo, também se assistiu a uma transformação do jornalismo que, com o distanciamento em relação ao 25 de abril, passou de centrado no político para mais dirigido ao social, dando lugar a preocupações externas ao desporto (como por exemplo o “balneário)

Entre 1976 e 1996, a crise do papel provocou um grande aumento dos custos do jornal *A Bola*, quando comparados com o salário mínimo vigente, tendo estagnado de 1996 a 2006. Contudo, antes do 25 de abril, os preços aumentaram no máximo 50% de dez em dez anos, enquanto de 1973 a 1976 o preço duplicou, o que foi influenciado pela desvalorização do escudo em 9,1% (Leão, 1990, p. 181)

Ao longo dos tempos, notou-se um desenvolvimento gráfico de meios como: fotos, infografias e cartoons, bem como a utilização de carros e helicópteros, e técnicas no que concerne à diversificação dos planos e melhor definição das fotografias. Enquanto no desenvolvimento de meios e técnicas, as evoluções começaram a registar-se em 1973, o desenvolvimento gráfico teve o seu grande “Boom” iniciado nos finais da década de 90 e desenvolvido na década 2000.

No período antes do 25 de abril, notou-se uma preocupação em hipervalorizar a rivalidade Sporting – Benfica, colocando o FC Porto como uma espécie de “tercius-gaudet”. Quando, em 1976, devido ao regresso ao amadorismo, o Sporting retirou-se do ciclismo, ambicionou-se mediatizar novas equipas, muito por causa da fraca prestação do Porto, que não lhe permitia criar uma rivalidade com o Benfica.

No seguimento disso, em 1986, tentou criar-se uma rivalidade Lousa-Sporting, sabendo que elas atraíam o público (Senão para que as criavam?).

Em 1986, houve uma rivalidade não clubística mas nacionalista, entre italianos e portugueses. Sempre que algum estrangeiro ameaçava vencer a Volta, os jornalistas torciam o nariz mas, nas restantes vezes, os estrangeiros eram, não só elogiados, como bem acolhidos, por serem considerados um fator prestigiante do nosso Tour.

Em 2006, pretenderam recriar-se as rivalidades de outrora com as protagonista Maia e Liberty, numa tentativa de voltar aos tempos gloriosos do passado.

Na popularidade, até 1976, reparou-se que a Volta era vista como uma festa do povo; no entanto, com a perda da sua popularidade, só em 2006 é que voltou, ligeiramente, a ser considerada da mesma forma.

Em 1996, também se notou uma transformação do discurso jornalístico, que deixou de ser meramente descritivo, passando a ser analítico, como comprovam as crónicas de discussão de prestações e resultados usadas em 1996 e 2006 (“O protagonista” e “Quilómetro zero”, respetivamente). Isso terá sido derivado de uma influência do *Novo Jornalismo* em Portugal.

No esquema geral houve uma melhor organização do espaço da página, principalmente a partir de 1986, devido ao maior conhecimento gráfico.

Tal como Pinheiro (2001) disse, houve uma mudança no discurso doutrinário provocada pela já não necessidade de publicitar o desporto, visto que este já era visto como uma massificação das gentes. No entanto, em Portugal, devido ao regime, verificou-se um atraso, porque continuava a utilizar-se o desporto como “ópio das pessoas”. Mesmo assim, no jornal *A Bola* verificou-se uma mudança do discurso, já a partir dos anos 70, sendo que essa só se solidificou nos anos 80.

Todavia, a partir de 1996, o herói desportivo deixou de ser tantas vezes transcendente, passando a ser mais um herói humano.

Concluindo, até 1970, fez-se uma apologia do desporto; de 70 a 80, usou-se tanto aquela como o herói desportivo; de 80 a 90 elevou-se este à situação de lenda; e, de 90 até 2006, usou-se um híbrido de herói transcendental e herói humano.

Em relação à publicidade, ela começou a usar-se muito, principalmente a partir dos anos 80, quando as empresas começaram a ser proprietárias dos jornais.

Também se concluiu que os assuntos exteriores ao ciclismo começaram a ser noticiados para se criar especulação à volta do ambiente, devido à evolução do sensacionalismo, que já existia antes internacionalmente, mas que era inibido pelo Estado Novo.

Em 1986, Cayn foi muito saudado pelos jornalistas, apesar de ser inglês. Isso ficou a dever-se à conotação que *A Bola* tinha de, antes do 25 de abril, manipular as massas, apelando ao nacionalismo. Porém, passados dez anos, em 1996, Lelli já foi visto com algum certo grau de discriminação, ou de estranheza, pelo facto de, a partir dos finais da década de 80, o patriotismo e a parcialidade serem vistos quase como obrigações morais. É que em 1986, o 25 de abril ainda esteve muito presente na cabeça das pessoas, enquanto em 1996 já havia um certo distanciamento histórico. (Coelho, 2004, p.29).

Bibliografia

BARROSO, M. (2001). *História do Ciclismo em Portugal*. Lisboa, CTT.

Calvo, A.P.S (2001). *Desporto Deficientes e Media. Análise evolutiva do tratamento mediático dos Jogos Paralímpicos em 4 períodos nacionais (1988/1992/1996)*.

Dissertação apresentada com vista à obtenção de grau de Mestre em Ciências do Desporto na Área de Especialização de Actividade Física Adaptada, da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. FCDEF-UP. Porto.

Coelho, J. N. (2004). “Vestir a camisola” – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol, *Media & Jornalismo*, 4(4), pp. 28-39.

Correia, J. C. (2008). História do Jornalismo em Portugal. O pós-25 de Abril. In: Sousa, J.P. *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia. Perspetivas Luso Brasileiras*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp. 118- 125.

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Breve História*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Os Primórdios*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 30*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 40*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 50*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 60*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 70*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0#> [Consultado em 10/04/2014]

[#>](http://fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0) [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 80*. [Em linha]. Disponível em [#>](http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0) [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Anos 90*. [Em linha]. Disponível em [#>](http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0) [Consultado em 10/04/2014]

Federação Portuguesa de Ciclismo. *Século XXI*. [Em linha]. Disponível em [#>](http://www.uvp-fpc.pt/pagina_blocohome.php?id_pagina_blocohome_new=93&id_modalidade_new=0) [Consultado em 10/04/2014]

Gomes, R., e Freitas, M. P. (2002). A Construção da Identidade Nacional na Imprensa Desportiva Portuguesa: Análise do discurso jornalístico durante o Euro 2000 de Futebol. *Efdeportes*, 48 (5). [Em linha] Disponível em <http://www.efdeportes.com/> [Consultado em 10/04/2014]

Johnson, E.W., e Wolfe, Tom (1973). *The New Journalism*. Harper & Row.

Leão, E. R. (1990). Das transformações revolucionárias à dinâmica europeia. In, Reis, A. *Portugal Contemporâneo*. Lisboa, Publicações Alfa, 6, pp. 171 - 224

Moreira, V. (1990). A edificação do novo sistema institucional democrático. In, Reis, A. *Portugal Contemporâneo*. Lisboa, Publicações Alfa, 6, pp. 81-170

Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. P. (2008). Uma História do Jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril. In: Sousa, J.P. *Jornalismo, História, Teoria e Metodologia. Perspetivas Luso Brasileiras*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa. Pp. 110-117.

Pinheiro, F. (2006). *A Europa e Portugal no Império Desportivo (1893-1945)*. Coimbra, Minerva.

Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto, Edições Afrontamento. Coelho, J. N. (2004). “Vestir a camisola” – jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol, *Media & Jornalismo*, 4(4), pp. 28-39.

Evolução da Imprensa Desportiva Portuguesa (1946-2006) - Estudo do Caso: o Jornal *A Bola* e a Volta a Portugal em Bicicleta

Pinheiro, F, e Coelho, N. (2012). *República, Desporto e Imprensa. O Desporto na I República em 100 primeiras páginas 1910-1926*. Porto, Edições Afrontamento.

Quintero, A. P. (1994). *História da Imprensa*. Lisboa, Planeta Editora.

Anexos

Anexo 1. Crítica dos *Jornal Ciclismo* ao *Jornal de Notícias*

"CORREIO DA MANHÃ" SEM O "J. N."

Foi comentado o relativo, e sucinto apoio jornalístico desenvolvido pelos jornais da empresa do Jornal de Notícias, entidade organizadora da Volta a Portugal, ao Grande Prémio Correio da Manhã. Na verdade, se outros jornais fizessem a mesma cobertura às provas organizadas pelo JN, como o Jogo e o Jornal de Notícias fizeram ao GP Correio da Manhã, muito mal iria o ciclismo, nas suas relações com os Orgãos de Comunicação Social.

Mas, para além da falta de cobertura condigna com a grandeza desportiva e organizativa do primeiro Prémio da temporada que agora se iniciou, a empresa JN realizou no período em que decorria esta competição, apresentação da Volta a Portugal e restantes provas de sua responsabilidade, inviabilizando os principais responsáveis dos clubes, técnicos e ciclistas de estarem presentes nesta cerimónia, o que é, na verdade, deveras lamentável

Anexo 2. Anúncio publicitário de 1956

GRANDIOSO FESTIVAL DE HOMENAGEM AO VENCEDOR
da XIX VOLTA A PORTUGAL
COLISEU DOS RECREIOS
Sábado, dia 1, pelas 21,30 horas

Organização de ESTRELAS DE PORTUGAL

PARADA DE VEDETAS

ROBERTO BLACK (fantasista argentino, grande atracção do Casino do Estoril) ★ **SILVIA MARIA** ★ **HUMBERTO MADEIRA** ★ **MARGARIDA AMARAL** ★ **TRISTÃO DA SILVA** ★ **MANUEL MESTRE** ★ **CONJUNTO SEM NOME** ★ **MARQUES VIDAL** e muitas outras estrelas

Animador
LUÍS DE CARVALHO
da «Rádio Glogo»
do Rio de Janeiro

Uma sensacional reaparição
MARIA ALBERTINA
a vedeta da saudade

Acompanhamentos pela grande orquestra de
MIGUEL DE OLIVEIRA

ALVES BARBOSA, EM PALCO, RECEBERÁ UMA TAÇA MONUMENTAL DE «ESTRELAS DE PORTUGAL»



Anexo 3. Anúncio publicitário de 1966

mais uma sensacional vitória da

Flandria **HANDY**



na
VOLTA A
PORTUGAL



LEOPOLD VANDEN
NEST, que venceu bri-
lhantemente o CIRCUITO
DE VILA DO CONDE

Flandria

BICILETAS E MOTORIZADAS



HANDY

CANTONEIRAS PERFURADAS

HANDY • MIL SOLUÇÕES • MIL APLICAÇÕES • FLANDRIA • A MARCA DOS CAMPEÕES



Anexo 4. Anúncio Publicitário à Canon, em 1973 - no fundo da página.

20-8-1973

A BOLA

7

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

DOS 97 QUE PARTIRAM

52 CICLISTAS NÃO CONCLUÍRAM

Comparta e dos corredores, dos 97 que partiram em Alvalade, não concluíram a prova, deixando em a metade da estrada. Vários, pois quem foram ciclistas.

BENFICA (7): Fernando Vitor, José Martins, João Pinhal, Duarte, António, Orlando Almeida, Luís, Luís, Freixo e António.

PORTO (7): Manuel de Silva, Joaquim Luís, Luciano Vilela, Domingos, Paulo, João Pacheco, Guilherme Rocha e António Gonçalves.

COLETTANO (12): Pascoal Augusto, Hilário Santos, Luis Faria, Carlos Duarte, António Costa, António Lopes e Manuel Cláudio.

AVES (6): Isaacinho Nunes, Henrique Silva, Manuel Oliveira, João Silva, Vítor Henriques e João Mateus.

SALGUEIRO (6): Roberto Faria, Manuel Sampaio, Vítor Pereira, Ernesto Ferreira, José Rodrigues e Manuel Pereira.

COIMBRA (13): Manuel Rêgo, João Caldeira, Fernando Ferreira, António Salazar e Francisco Teixeira.

BEJA (5): Manuel Gonçalves, António Costa, Carlos Vitor, António Luís, e Carlos Faria.

MESSEIAS (3): Nival Teixeira, Manuel Garcia e João Estaniza.

SANTARÉM (3): Nival Teixeira, António Oliveira e Manuel Cláudio.

COIMBRA (12): António Teixeira e Fernando Henriques.

COIMBRA (12): António Teixeira e Fernando Henriques.

14.ª etapa - AUTOORL-ESTÁDIO ALVALADE (36 km)

CAMPEÃO AGOSTINHO

A CORRER COMO UM DANADO

... à média magnífica de 46,374 km/h.

O campeonato foi de esquadras e não houve de corridas. Estava em jogo, portanto, a vitória, e não a medalha de ouro, pois quem venceu a etapa, não venceu a Volta. A Volta é uma competição de esquadras, e não de indivíduos. O vencedor é a esquadra que primeiro cruza a linha de chegada, e não o indivíduo que primeiro cruza a linha de chegada.

O vencedor foi a esquadra do Sporting, com o líder Agostinho, que venceu a etapa com uma média magnífica de 46,374 km/h.

Agostinho venceu a etapa com uma média magnífica de 46,374 km/h, o que lhe valeu o título de campeão da Volta a Portugal em Bicicleta.

SPORTING VITORIOSO - A equipa do Sporting, encabeçada por Agostinho, venceu a 14.ª etapa da Volta a Portugal em Bicicleta.

REPORTAGEM EM ALVALADE

A EQUIPA DO F. C. PORTO ESTÁ MUITO MAL ORIENTADA

— afirmação de JOAQUIM ANDRADE

Uma malta orientada para a vitória, mas que não sabe o que fazer. É a equipa do F. C. Porto, que está a fazer uma má prova na Volta a Portugal em Bicicleta.

João Andrade, treinador da equipa do F. C. Porto, afirma que a equipa está muito mal orientada e que não sabe o que fazer para vencer a Volta a Portugal em Bicicleta.

VICTOR MÉRICO

CONGRACARAO - O desportista Fernando Mendes foi o vencedor da etapa de Alvalade, com o tempo de 1h 17m 30s.

EM PRÉMIOS OFICIAIS

AGOSTINHO GANHOU A QUANTIA DE 111.100\$00

Terminada que está a Volta, curiosa se se tivesse registado o que se passou nos primeiros dias da competição, e como se realizou, se os ciclistas não fossem tão desorientados, se não fosse tão difícil de fazer, se não fosse tão perigoso, se não fosse tão cansativo, se não fosse tão doloroso, se não fosse tão complicado, se não fosse tão complicado.

Agostinho ganhou a quantia de 111.100\$00 por ter vencido a Volta a Portugal em Bicicleta.

JORGE LARA, DIRECTOR DA PROVA

VOLTA A PORTUGAL - CASO DE POPULARIDADE

Terminada a Volta a Portugal, Jorge Lara, o seu director, afirma que a Volta a Portugal em Bicicleta é um caso de popularidade.

Jorge Lara afirma que a Volta a Portugal em Bicicleta é um caso de popularidade, pois atrai milhares de espectadores e é muito seguida pela população.

«A BOLA» PERGUNTOU...

ESTE ITINERÁRIO NÃO ERA PARA «BRINCAÇÕES»

— diz AGOSTINHO LOURENÇO, DIRECTOR DO BENFICA

Este itinerário não era para brincadeiras, diz Agostinho Lourenço, director do Benfica.

Agostinho Lourenço afirma que este itinerário não era para brincadeiras, pois a Volta a Portugal em Bicicleta é uma competição muito séria e exigente.

OS GRANDES DA VOLTA

Com os grandes nomes da Volta a Portugal em Bicicleta, a competição promete ser muito emocionante.

Os grandes nomes da Volta a Portugal em Bicicleta incluem Agostinho, Lourenço, e outros ciclistas de elite.

A Bola e a Comundo
na volta a Portugal

CALCULADORAS ELECTRONICAS
Canon NP-1100GT
Fotocópia em papel comum

135

Anexo 5. Classificações da Volta do ano de 1956

20 - 7 - 1956 **A BOLA** 7

CAMPISMO
SPORTS
Novas instalações - Rua do Carmo, 21 - Lisboa

4.ª etapa - ALCOBACA-LISBOA (136 Km.)

FUGIRAM NOVE

...MAS CHEGARAM TRÊS À SUA FRENTE

CONTINUA O P.A.C.
Polícias e Polícia Judiciária detiveram os nove fugitivos e a polícia local de Alcobaca deteve o líder da fuga, o senhor João de Deus, que se encontra em prisão preventiva. Os restantes oito fugitivos foram detidos em Alcobaca e em Lisboa. Os nomes dos nove fugitivos são: João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus, João de Deus.

OS HOMENS DA «VOLTA»

Académico de Paris
1 - José Manuel Ribeiro da Silva
2 - António Figueira
3 - António Carvalho
4 - António Costa
5 - Manuel Moura

Portuguesa de S. Paulo
6 - António Abreu
7 - Luís Carlos Santos
8 - António Luís

Algarves
9 - Fernando Matias
10 - João Gonçalves
11 - António Costa
12 - António Costa
13 - António Costa
14 - António Costa
15 - António Costa

Benfica
16 - António Costa
17 - António Costa
18 - António Costa
19 - António Costa
20 - António Costa

F. C. de Porto
21 - António Costa
22 - António Costa
23 - António Costa
24 - António Costa
25 - António Costa

Sporting
26 - António Costa
27 - António Costa
28 - António Costa
29 - António Costa
30 - António Costa

C. C. GAIA
31 - António Costa
32 - António Costa
33 - António Costa
34 - António Costa
35 - António Costa

AS CLASSIFICAÇÕES DA «VOLTA»

ETAPAS DE ONTEM

E CLASSIFICAÇÃO GERAL

ALCOBACA-LISBOA

1. Pedro Pinheiro (Sp.)	11.30	11.30	11.30
2. António Costa (Algarves)	11.35	11.35	11.35
3. António Costa (Algarves)	11.40	11.40	11.40
4. António Costa (Algarves)	11.45	11.45	11.45
5. António Costa (Algarves)	11.50	11.50	11.50
6. António Costa (Algarves)	11.55	11.55	11.55
7. António Costa (Algarves)	12.00	12.00	12.00
8. António Costa (Algarves)	12.05	12.05	12.05
9. António Costa (Algarves)	12.10	12.10	12.10
10. António Costa (Algarves)	12.15	12.15	12.15
11. António Costa (Algarves)	12.20	12.20	12.20
12. António Costa (Algarves)	12.25	12.25	12.25
13. António Costa (Algarves)	12.30	12.30	12.30
14. António Costa (Algarves)	12.35	12.35	12.35
15. António Costa (Algarves)	12.40	12.40	12.40
16. António Costa (Algarves)	12.45	12.45	12.45
17. António Costa (Algarves)	12.50	12.50	12.50
18. António Costa (Algarves)	12.55	12.55	12.55
19. António Costa (Algarves)	13.00	13.00	13.00
20. António Costa (Algarves)	13.05	13.05	13.05
21. António Costa (Algarves)	13.10	13.10	13.10
22. António Costa (Algarves)	13.15	13.15	13.15
23. António Costa (Algarves)	13.20	13.20	13.20
24. António Costa (Algarves)	13.25	13.25	13.25
25. António Costa (Algarves)	13.30	13.30	13.30
26. António Costa (Algarves)	13.35	13.35	13.35
27. António Costa (Algarves)	13.40	13.40	13.40
28. António Costa (Algarves)	13.45	13.45	13.45
29. António Costa (Algarves)	13.50	13.50	13.50
30. António Costa (Algarves)	13.55	13.55	13.55
31. António Costa (Algarves)	14.00	14.00	14.00
32. António Costa (Algarves)	14.05	14.05	14.05
33. António Costa (Algarves)	14.10	14.10	14.10
34. António Costa (Algarves)	14.15	14.15	14.15
35. António Costa (Algarves)	14.20	14.20	14.20
36. António Costa (Algarves)	14.25	14.25	14.25
37. António Costa (Algarves)	14.30	14.30	14.30
38. António Costa (Algarves)	14.35	14.35	14.35
39. António Costa (Algarves)	14.40	14.40	14.40
40. António Costa (Algarves)	14.45	14.45	14.45
41. António Costa (Algarves)	14.50	14.50	14.50
42. António Costa (Algarves)	14.55	14.55	14.55
43. António Costa (Algarves)	15.00	15.00	15.00
44. António Costa (Algarves)	15.05	15.05	15.05
45. António Costa (Algarves)	15.10	15.10	15.10
46. António Costa (Algarves)	15.15	15.15	15.15
47. António Costa (Algarves)	15.20	15.20	15.20
48. António Costa (Algarves)	15.25	15.25	15.25
49. António Costa (Algarves)	15.30	15.30	15.30
50. António Costa (Algarves)	15.35	15.35	15.35
51. António Costa (Algarves)	15.40	15.40	15.40
52. António Costa (Algarves)	15.45	15.45	15.45
53. António Costa (Algarves)	15.50	15.50	15.50
54. António Costa (Algarves)	15.55	15.55	15.55
55. António Costa (Algarves)	16.00	16.00	16.00
56. António Costa (Algarves)	16.05	16.05	16.05
57. António Costa (Algarves)	16.10	16.10	16.10
58. António Costa (Algarves)	16.15	16.15	16.15
59. António Costa (Algarves)	16.20	16.20	16.20
60. António Costa (Algarves)	16.25	16.25	16.25
61. António Costa (Algarves)	16.30	16.30	16.30
62. António Costa (Algarves)	16.35	16.35	16.35
63. António Costa (Algarves)	16.40	16.40	16.40
64. António Costa (Algarves)	16.45	16.45	16.45
65. António Costa (Algarves)	16.50	16.50	16.50
66. António Costa (Algarves)	16.55	16.55	16.55
67. António Costa (Algarves)	17.00	17.00	17.00
68. António Costa (Algarves)	17.05	17.05	17.05
69. António Costa (Algarves)	17.10	17.10	17.10
70. António Costa (Algarves)	17.15	17.15	17.15
71. António Costa (Algarves)	17.20	17.20	17.20
72. António Costa (Algarves)	17.25	17.25	17.25
73. António Costa (Algarves)	17.30	17.30	17.30
74. António Costa (Algarves)	17.35	17.35	17.35
75. António Costa (Algarves)	17.40	17.40	17.40
76. António Costa (Algarves)	17.45	17.45	17.45
77. António Costa (Algarves)	17.50	17.50	17.50
78. António Costa (Algarves)	17.55	17.55	17.55
79. António Costa (Algarves)	18.00	18.00	18.00
80. António Costa (Algarves)	18.05	18.05	18.05
81. António Costa (Algarves)	18.10	18.10	18.10
82. António Costa (Algarves)	18.15	18.15	18.15
83. António Costa (Algarves)	18.20	18.20	18.20
84. António Costa (Algarves)	18.25	18.25	18.25
85. António Costa (Algarves)	18.30	18.30	18.30
86. António Costa (Algarves)	18.35	18.35	18.35
87. António Costa (Algarves)	18.40	18.40	18.40
88. António Costa (Algarves)	18.45	18.45	18.45
89. António Costa (Algarves)	18.50	18.50	18.50
90. António Costa (Algarves)	18.55	18.55	18.55
91. António Costa (Algarves)	19.00	19.00	19.00
92. António Costa (Algarves)	19.05	19.05	19.05
93. António Costa (Algarves)	19.10	19.10	19.10
94. António Costa (Algarves)	19.15	19.15	19.15
95. António Costa (Algarves)	19.20	19.20	19.20
96. António Costa (Algarves)	19.25	19.25	19.25
97. António Costa (Algarves)	19.30	19.30	19.30
98. António Costa (Algarves)	19.35	19.35	19.35
99. António Costa (Algarves)	19.40	19.40	19.40
100. António Costa (Algarves)	19.45	19.45	19.45

AS CLASSIFICAÇÕES DA «VOLTA»

ETAPAS DE SÁBADO

ALCOBACA-LISBOA

1. António Costa (Algarves)	11.30	11.30	11.30
2. António Costa (Algarves)	11.35	11.35	11.35
3. António Costa (Algarves)	11.40	11.40	11.40
4. António Costa (Algarves)	11.45	11.45	11.45
5. António Costa (Algarves)	11.50	11.50	11.50
6. António Costa (Algarves)	11.55	11.55	11.55
7. António Costa (Algarves)	12.00	12.00	12.00
8. António Costa (Algarves)	12.05	12.05	12.05
9. António Costa (Algarves)	12.10	12.10	12.10
10. António Costa (Algarves)	12.15	12.15	12.15
11. António Costa (Algarves)	12.20	12.20	12.20
12. António Costa (Algarves)	12.25	12.25	12.25
13. António Costa (Algarves)	12.30	12.30	12.30
14. António Costa (Algarves)	12.35	12.35	12.35
15. António Costa (Algarves)	12.40	12.40	12.40
16. António Costa (Algarves)	12.45	12.45	12.45
17. António Costa (Algarves)	12.50	12.50	12.50
18. António Costa (Algarves)	12.55	12.55	12.55
19. António Costa (Algarves)	13.00	13.00	13.00
20. António Costa (Algarves)	13.05	13.05	13.05
21. António Costa (Algarves)	13.10	13.10	13.10
22. António Costa (Algarves)	13.15	13.15	13.15
23. António Costa (Algarves)	13.20	13.20	13.20
24. António Costa (Algarves)	13.25	13.25	13.25
25. António Costa (Algarves)	13.30	13.30	13.30
26. António Costa (Algarves)	13.35	13.35	13.35
27. António Costa (Algarves)	13.40	13.40	13.40
28. António Costa (Algarves)	13.45	13.45	13.45
29. António Costa (Algarves)	13.50	13.50	13.50
30. António Costa (Algarves)	13.55	13.55	13.55
31. António Costa (Algarves)	14.00	14.00	14.00
32. António Costa (Algarves)	14.05	14.05	14.05
33. António Costa (Algarves)	14.10	14.10	14.10
34. António Costa (Algarves)	14.15	14.15	14.15
35. António Costa (Algarves)	14.20	14.20	14.20
36. António Costa (Algarves)	14.25	14.25	14.25
37. António Costa (Algarves)	14.30	14.30	14.30
38. António Costa (Algarves)	14.35	14.35	14.35
39. António Costa (Algarves)	14.40	14.40	14.40
40. António Costa (Algarves)	14.45	14.45	14.45
41. António Costa (Algarves)	14.50	14.50	14.50
42. António Costa (Algarves)	14.55	14.55	14.55
43. António Costa (Algarves)	15.00	15.00	15.00
44. António Costa (Algarves)	15.05	15.05	15.05
45. António Costa (Algarves)	15.10	15.10	15.10
46. António Costa (Algarves)	15.15	15.15	15.15
47. António Costa (Algarves)	15.20	15.20	15.20
48. António Costa (Algarves)	15.25	15.25	15.25
49. António Costa (Algarves)	15.30	15.30	15.30
50. António Costa (Algarves)	15.35	15.35	15.35
51. António Costa (Algarves)	15.40	15.40	15.40
52. António Costa (Algarves)	15.45	15.45	15.45
53. António Costa (Algarves)	15.50	15.50	15.50
54. António Costa (Algarves)	15.55	15.55	15.55
55. António Costa (Algarves)	16.00	16.00	16.00
56. António Costa (Algarves)	16.05	16.05	16.05
57. António Costa (Algarves)	16.10	16.10	16.10
58. António Costa (Algarves)	16.15	16.15	16.15
59. António Costa (Algarves)	16.20	16.20	16.20
60. António Costa (Algarves)	16.25	16.25	16.25
61. António Costa (Algarves)	16.30	16.30	16.30
62. António Costa (Algarves)	16.35	16.35	16.35
63. António Costa (Algarves)	16.40	16.40	16.40
64. António Costa (Algarves)	16.45	16.45	16.45
65. António Costa (Algarves)	16.50	16.50	16.50
66. António Costa (Algarves)	16.55	16.55	16.55
67. António Costa (Algarves)	17.00	17.00	17.00
68. António Costa (Algarves)	17.05	17.05	17.05
69. António Costa (Algarves)	17.10	17.10	17.10
70. António Costa (Algarves)	17.15	17.15	17.15
71. António Costa (Algarves)	17.20	17.20	17.20
72. António Costa (Algarves)	17.25	17.25	17.25
73. António Costa (Algarves)	17.30	17.30	17.30
74. António Costa (Algarves)	17.35	17.35	17.35
75. António Costa (Algarves)	17.40	17.40	17.40
76. António Costa (Algarves)	17.45	17.45	17.45
77. António Costa (Algarves)	17.50	17.50	17.50
78. António Costa (Algarves)	17.55	17.55	17.55
79. António Costa (Algarves)	18.00	18.00	18.00
80. António Costa (Algarves)	18.05	18.05	18.05
81. António Costa (Algarves)	18.10	18.10	18.10
82. António Costa (Algarves)	18.15	18.15	18.15
83. António Costa (Algarves)	18.20	18.20	18.20
84. António Costa (Algarves)	18.25	18.25	18.25
85. António Costa (Algarves)	18.30	18.30	18.30
86. António Costa (Algarves)	18.35	18.35	18.35
87. António Costa (Algarves)	18.40	18.40	18.40
88. António Costa (Algarves)	18.45	18.45	18.45
89. António Costa (Algarves)	18.50	18.50	18.50
90. António Costa (Algarves)	18.55	18.55	18.55
91. António Costa (Algarves)	19.00	19.00	19.00
92. António Costa (Algarves)	19.05	19.05	19.05
93. António Costa (Algarves)	19.10	19.10	19.10
94. António Costa (Algarves)	19.15	19.15	19.15
95. António Costa (Algarves)	19.20	19.20	19.20
96. António Costa (Algarves)	19.25	19.25	19.25
97. António Costa (Algarves)	19.30	19.30	19.30
98. António Costa (Algarves)	19.35	19.35	19.35
99. António Costa (Algarves)	19.40	19.40	19.40
100. António Costa (Algarves)	19.45	19.45	19.45

BRYLCREEM
é tudo o que o seu cabelo precisa

De um seu cabelo todo o que se deseja - brilho, brilho, brilho - Brylcreem é o tratamento perfeito para o cabelo, por três importantes razões:

- 1. **BRILHO** - dá ao seu cabelo um brilho natural e saudável.
- 2. **MACIEZA** - dá ao seu cabelo uma maciez natural e saudável.
- 3. **PROTEÇÃO** - dá ao seu cabelo uma proteção natural e saudável.

Para encontrar todos os detalhes sobre o Brylcreem, consulte o seu distribuidor ou o nosso departamento de vendas.

BRYLCREEM O PRODUTO IDEAL PARA O CABELO

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

UMA ETAPA MEMORÁVEL</

Anexo 10. Capa aleatória de 1966

A BOLA
Avenida «A BOLA»
Biblioteca Pública Municipal do PORTO
Serviço de Desporto Local
JORNAL DE TODOS OS DESPORTOS
FUNDADORES: CANDIDO DE OLIVEIRA e RIBEIRO DOS REIS
DIRECTOR: VICENTE DE MELO
ANO XXII 3077
EDITOR: J. GONÇALVES BANDEIRA
LISBOA SABADO 20 AGOSTO 1966
PUBLICA-SE AS 2.ª, 5.ª, 6.ª E SABADOS
Preço avulso 1\$50

DOIS «REIS» EM NOVA-IORQUE

PELÉ E EUSÉBIO

—O DUELO MAIS DESEJADO NO CENÁRIO MENOS PRÓPRIO

NOVA IORQUE — A grande América dos desportos vive a festa da chegada dos reis de futebol, Pelé e Eusébio, os jogadores espanhóis e dos jogadores de fora — como também da chegada dos dois reis do futebol português, Pelé e Eusébio, a esta cidade, que tem sido a sede das grandes partidas de futebol. Pelé e Eusébio, os jogadores espanhóis e dos jogadores de fora — como também da chegada dos dois reis do futebol português, Pelé e Eusébio, a esta cidade, que tem sido a sede das grandes partidas de futebol.

FAVORITO — No campo de futebol de Nova Iorque, Pelé e Eusébio, os jogadores espanhóis e dos jogadores de fora — como também da chegada dos dois reis do futebol português, Pelé e Eusébio, a esta cidade, que tem sido a sede das grandes partidas de futebol.

APESAR DA falta de «aficionados», terá lotação esgotada e BENFICA-SANTOS de amanhã

PELÉ E EUSÉBIO — Os jogadores espanhóis e dos jogadores de fora — como também da chegada dos dois reis do futebol português, Pelé e Eusébio, a esta cidade, que tem sido a sede das grandes partidas de futebol.

FRANCISCO VALADA RESISTIU AO TESTE DO CONTRA-RELÓGIO

DOCUMENTÁRIO DA SEMANA

PROBLEMAS OBLÍQUOS

ALVARO BRAGA

JUSTINO LOPES

ALFREDO FARINHA

NA PÁGINA 3 SERAFIM — UM CASO QUE VAI DAR QUE FALAR

ACADEMICA:

BENFICA:

ENTREVISTA

... SEM ENTREVISTADO

HERDEIRO PRESUNTIVO

POR CARLOS PINHAO

NA PÁGINA 7 SÓ EU SEI O QUE SOFRI MAS DESTA VEZ É QUE VAI

ENCONTRO EM ELCHE

F. C. PORTO — REGRESSO DE ELCHE

TEMOS GENTE PARA GANHAR O CAMPEONATO NACIONAL

ideia de Pedroto que explica os resultados obtidos em ESPANHA

NA PÁGINA 9 O ARBITRO MALGROU O JOGO ESPANOL — F. C. PORTO

Diário de Notícias

Anexo 13. Em 2006, só se publicitava a Citroen.

A BOLA SEXTA-FEIRA, 11 de Agosto de 2006 | 45

6.ª ETAPA

A Volta vista do sofá

Por **MARTINS MORIM**

Abençoado descanso!

A saída que tive de fazer ao Norte ameaça manter-me na cauda do pelotão e confesso que não se alguma fácil a recuperação. Não tenho sequer a forma do corredor mais mal preparado. E nem sou com o calor como os corredores. Bem pelo contrário. Felizmente há ar condicionado aqui. Já o tinha dito. Antes de me dirigir ao sofá, entro num café próximo do jornal e vejo que está a dar na RTP o *Há Volta* e digo para comigo. Baixinho, claro está: «Que bom! Posso ir vendo qualquer coisa». E vi. Mas não ouvi. Ali, há imagem, mas não há som. O aparelho de televisão parece ter ali também função decorativa. E que vi eu, além de uns adolescentes de *t-shirt* amarela, pedalandos desenfreadamente, concorrendo não sei a que prémio? Mas vi mais. Vi também alguém em cima da bicicleta, sem equipamento adequado, dando aos pedais, com estilo, e preciso dizê-lo — mas evidenciando já algum esforço, pareceu-me. Era o secretário da Juventude e do Desporto, na sua Fafe-natal, com ar de quem está de férias — estava de calça e pólo em tons de castanho. E digo novamente para comigo. Baixinho, claro está: «Ainda bem que Daniel Oliveira não lhe fez perguntas!» Penso que Laurentino Dias não estaria em condições de responder. Mas, se falasse, creio que o sentido da sua mensagem seria mais ou menos este: Pedalar é preciso! Não duvido. Só aquele corredor da limholding-Loulé é que, certamente, não tinha consciência disso. Já em Fafe, foi vê-lo destacar-se do pelotão, como se quisesse fazer um *sprint* final... Será que não sabia mesmo que ainda havia mais uma volta? Que ainda era preciso pedalar um pouco mais? Daniel Oliveira dirigiu-se depois ao estúdio onde estavam João Pedro Mendonça e Marco Chagas. Também gostaria de ter ouvido o que disseram, mas já era tarde. Nem deu tempo para pedir ao proprietário que fizesse o favor de subir o som. Estou mesmo sem... pedalada. Ainda bem que hoje é dia de descanso. De outro modo, nem chegaria a Mondim de Basto, quanto mais lá cima, ao alto da Senhora da Graça. E, contudo, pedalar é preciso. E muito! Que Castelo Branco ainda está longe.

Falta sem amarelo

Por **RUI AMORIM**

Com regras, por favor. «É evidente. Como qualquer modalidade, o ciclismo tem um regulamento técnico muito rigoroso.» Truques? Que os há... há. «É natural que os tentem para contornar a lei. Mas é nosso dever defender a igualdade entre todos os corredores.» Artes de manigância na área de rigor, falsa chegada à meta: *penalty*? «É das sanções mais severas a aplicar a um corredor. Como uma outra expulsão em qual-

quer desporto. Na dúvida beneficia-se o corredor.» Enquanto se clama inocência, há dedos que se apontam em jeito de condenação. «É possível registar vários pontos de vista na observação das imagens de um *sprint*. Em 10 comissários, cada um pode ter a sua opinião. Nas grandes competições somos três ou quatro a decidir.» E claro que o presidente tem voto de qualidade. «Não, não tem. A votação pode mesmo terminar empatada.» É então? «Ai, quem manda fica incumbido de convencer um deles.» Humor... sério.

O outro Collina

Giro, Tour, Vuelta, Taça do Mundo, 57 anos, comissário há 35... Experiência garantida. «Sou quase como o Collina, mas sempre tenho um pouco mais de cabelo.» A proposta: desafia mais o apito no futebol? «A dificuldade é diferente. Num estádio, há 50 mil pessoas de olho nele e tudo se desenrola numa espaço bem definido. Uma etapa de ciclismo pode durar quatro, cinco, seis horas e ter 200 ou 300 quilómetros. Além disso, ocorre numa estrada aberta ao público.» Qual peso na consciência... «Nunca me arrependi de um parecer. Alguém discorda? — Já discordaram, já. Em estrada é difícil, mas recorro-me de um episódio em pista.» Afinal, treinadores de bancada existem em todo o lado. «Ali temos de deliberar rapidamente, pois o programa deve avançar. Mas posso adiantar que os apoiantes desses corredores sabem assobiar.» Fama maldita.

Cabeça à roda

Agostinho homenageado

Um tributo justo. Impulso para a homenagem que a organização da 68.ª Volta a Portugal e a Comissão do Centenário do Sporting decidiu prestar a Joaquim Agostinho. Uma cerimónia que está agendada para a etapa de amanhã, a mais carismática da prova, a qual figura Celorico de Basto a Mondim de Basto (St.ª Graça). O busto do mais internacional ciclista português está esculpido numa peça de cristal, prémio que será entregue ao corredor que atingir a melhor pontuação no somatório das quatro montanhas daquela tirada.

Ciclismo
Quem foi o primeiro alemão a vencer o Tour?
Não respondeu (errado — Jan Ullrich)

Futebol
Quem ajizava os lances antes de haver um árbitro?
Não respondeu (errado — os dois capitães de equipa)

Outras modalidades
Que modalidade praticou Fidel Castro?
Não respondeu (errado — basebol)

Foto do dia

Foto de **ANTÓNIO PEDRO SANTOS/ASF**

Joaquim Agostinho

Comissário Margiotta sorridente, no final da etapa

A reportagem de «A BOLA» desloca-se numa viatura cedida por SUCURSAL CITROËN SACAVÉM

Anexo 14. Capa colorida de 1996

H P - 0 - 198



A BOLA

16 ABP 1967

JORNAL DE TODOS OS DESPORTOS

Fundadores CÂNDIDO DE OLIVEIRA, RIBEIRO DOS REIS e VICENTE DE MELO Director VÍTOR SERPA Director-Adjunto M. MARGARIDA RIBEIRO DOS REIS

SEGUNDA-FEIRA
19 de Agosto de 1996
ANO LI
N.º 8310
DIÁRIO
CONTINENTE 120\$00
MADEIRA 140\$00
AÇORES 145\$00
(IVA INCLUIDO A 5%)

SUPERTAÇA CÂNDIDO DE OLIVEIRA (1.ª «MÃO»)

F. C. PORTO

SUPERIOR SEM SER SUPER



F. C. PORTO 1
BENFICA 0



Sem a «sua» camisa 10...

FUTRE

COM PROBLEMAS DE INTEGRAÇÃO

Crónicas de ANTONIO MAGALHÃES, CARLOS PEREIRA SANTOS e JOÃO FREITAS
Fotos de PAULO DUARTE/ASF
Págs. 3 a 8

Reportagem de ASTREGILDO SILVA
Pag. 10

58.ª VOLTA A PORTUGAL
LELLI
A VITÓRIA EM AMBIENTE DE LUTO E DOR
Reportagem de MARTINS MORIM e PAULO RIBEIRO
Fotos de RUI RAIMUNDO
Págs. 31, 32 e 33

WASEIGE VIU PELA TELEVISÃO
O F. C. PORTO-BENFICA
EQUIPAS SÓLIDAS MAS NENHUMA SURPRESA TÁCTICA
Reportagem de ELÁDIO PARAMÉS
Fotos de PEDRO FERRARI
Pag. 9

Anexo 15. Capa colorida de 2006



Anexo 16. Página interior colorida de 2006

A BOLA DOMINGO, 13 de Agosto de 2006 **39**

7.ª ETAPA

A MAIA-MILANEZA DEIXOU, FINALMENTE, DE ANDAR ESCONDIDA

Cabreira pleno na Graça

Por PEDRO FIGUEIREDO

DESCANSO sagrado. Ao sexto dia, e não ao sétimo, depois da jornada de descanso, a Maia-Milaneza revelou as reais potencialidades da equipa que tem conquistado títulos atrás de títulos esta temporada. E jovem, é certo, mas foi precisamente um dos seus deflins quem alcançou o céu no Monte Fariña. Houve um João Cabreira... em pleno na Graça.



Nítida imagem de um surpreendente João Cabreira que ontem desfocou Cândido Barbosa na escalada da Sr.ª da Graça

Mas que dia de glória para o miúdo Cabreira! Vencedor da etapa, novo camisola amarela, prémio da combatividade, prémio boa aposta da Santa Casa e troféu Joaquim Agostinho, que coroa a vitória de mais pontos arrecadados nas quatro contagens de montanha da etapa da Sr.ª da Graça.

«Descansados? Não, corremos como as outras equipas, só que não tivemos tanto desgaste, porque não somos favoritos. A LA-Liberty continua a sê-lo. A corrida ainda não terminou. E se atiramos a responsabilidade para o adversário não é por sermos piores, mas mais imaturos!», começou por dizer o novo líder da Volta.

Cabreira explicou que quando entrou na fuga ainda era cedo para perspectivar qualquer desfecho. Contudo, as indicações que recebeu do seu director desportivo fizeram-no alterar a fática. «Foi quando alarguei a vantagem, o meu chefe disse-me que as equipas lá para trás não se entendiam. Deram-se vários ataques e foi difícil manter a concorrência em desvantagem. Sabia que quanto mais cedo atacasse, mais cedo podia controlar a corrida».

Mesmo depois do brilhante desempenho na chegada à Sr.ª da Graça (o último português a vencer ali tinha sido António Correia, em 1995), João Cabreira sacudiu a responsabilidade de ser o líder. «Este é o meu segundo ano como profissional e nunca corri mais do que cinco dias seguidos. Não faço planos porque não sei o que pode acontecer. Líder assumido? Sou o mais bem classificado, mas tenho outros companheiros num bom momento de forma. Há um espírito de grupo muito bom, em que damos tudo por todos. Só espero que deem por mim o que dei por eles», conclui.

A alegria e a emoção de um pai

Cinco horas, três minutos e onze segundos. Emoções desbaratadas, coração de pai sem saber como pular. «Estou muito comovido». Foi de António Cabreira que a nova camisola amarela da Volta a Portugal herdou tamanha humildade. «Sempre foi um bom menino e agora deu-me esta alegria imensa. Estão todos em casa a torcer por ele», diz, alegrando o benjamim da família. João Cabreira é «um bom jogador», a semelhança... do progenitor. «Foi por ali acima nos últimos sete quilómetros a acompanhá-lo. Já teria sido muito bom, mesmo se não tivesse chegado a etapa ou se não tivesse chegado à liderança.» Já é o alma a falar. «Sinceramente, se os companheiros de equipa o conseguirem ajudar nas tiradas que ainda há por cumprir, julgo que terá capacidade para se manter na frente até ao fim», conclui, esperançado.

DIRECTOR DESPORTIVO, SATISFEITO, FAZ ABORDAGEM CAUTELOSA; PRESIDENTE NÃO ESCONDE A ALEGRIA

Líder que alumia duas vezes

O director desportivo da Maia-Milaneza, Manuel Zelerino, foi claro na abordagem que fez da corrida que a sua equipa tem feito até aqui. «Não apareceu, porque não tinha que aparecer. O nosso *sprinter* tem apenas 20 anos e não ainda tem a dureza para aguentar uma Volta a Portugal. Quem tem um percurso como o nosso merece o máximo respeito. Mudar estratégia? Pouco. Enquanto falamos ainda não chegaram dois miúdos à meta e os próximos dois dias de prova vão ser duros e vão verificar-se grandes diferenças no contra-relogio», disse Zelerino. Mais exultante estava o presidente do clube maiaito, Aires Azevedo. «Já contava fazer uma grande etapa. Tínhamos três corredores de muito nível, preparados para a vitória. Quando o Cabreira entrou na fuga, sempre pensamos que era o provável vencedor. Tem enorme talento e



Manuel Zelerino elogia os seus homens mas alerta para a juventude da sua equipa

já o mostrou este ano. É mais um resultado do nosso técnico, que tem muito valor, pois se tivéssemos uma equipa como LA-Liberty, fazia o que fizemos há dois anos, há três e há quatro. Ganhámos o que queríamos e quando queríamos.

Não quer dizer que já ganhámos a Volta, mas vencemos a Sr.ª da Graça e candeia que vai à frente alumia duas vezes».

CÂNDIDO BARBOSA DE DEDO EM RISTE

Tentaram tudo para me atrasar

Ainda não foi ontem que a LA-Liberty se reencontrou com o sucesso. «Não vencemos a etapa nem conseguimos chegar à amarela. Foi isso que falhou», sintetiza Cândido Barbosa, em defesa da equipa: «Não andámos à sombra nas primeiras etapas e acabamos por acusar o esforço».

Convicto de que «ainda nada está decidido», desconfia, porém, que o Mundo se uniu para o tramar: «Desde Lisboa que me interrogou se o objectivo das outras equipas é vencer a Volta ou impedir-me de a vencer. Tentaram tudo para que me atrasasse.» O que não aconteceu com Hector Guerra. Outra estratégia em mente? «Pode mudar. O Hector está melhor classificado e é bom contra-relogista.» Conjecturas que não o atrapalham. «A minha diferença para a amarela mantém-se praticamente. O líder é que muda. E este, se calhar, é mais forte do que o anterior. A próxima etapa poderá definir alguma coisa.»

SPORTING PRESENTE

Agostinho revivido

O dirigente do Sporting, Agostinho Abade, entregou ontem, a título simbólico, um troféu ao corredor mais pontuado das quatro contagens de montanha do dia. «Joaquim Agostinho está no coração de todos os portugueses e o Sporting, apesar de ser um clube virado para o futuro, não pode esquecer o passado. Regresso ao ciclismo? Se não houvesse limitações financeiras era uma ideia a pensar. Só se aparecer um projecto realista», disse.

Anexo 17. Foto sem limites de 2006, com interação ao texto

A BOLA QUINTA-FEIRA, 17 de Agosto de 2006 | 41

VOLTA A PORTUGAL **BALANÇO**

Reportagem de **FERNANDO EMÍLIO** **PEDRO FIGUEIREDO** **RUI AMORIM** Fotos de **ANTÓNIO PEDRO SANTOS/ASF**

Ensiados-especiais de «A BOLA»

Por **FERNANDO EMÍLIO**

Há Mestre em Tavira

RICARDO MESTRE, DA DUJA-TAVIRA, FOI A REVELAÇÃO DA VOLTA GANHA PELO ESPANHOL DAVID BLANCO

COM a mudança diária de camisola amarela, sem líderes assumidos e com cerca de uma dezena de candidatos ao triunfo final no último dia, a Volta a Portugal valeu pelo equilíbrio de forças num pelotão que nunca foi forte e no qual as equipas não tiveram arte para se impor. Entre as poucas excepções, destaque para o vencedor, David Blanco, para a forma como a LA Aluminios-Liberty Seguros assumiu a corrida e para Ricardo Mestre, a grande revelação, que trouxe de novo a ribalta do ciclismo as gentes de Tavira.

Esperava-se mais da Volta a Portugal. As equipas portuguesas, pelo que tinham demonstrado ao longo da temporada, ficaram distantes do que prometeram. Se desportivamente a corrida teve interesse pela mudança constante de líder, essa situação só foi possível pela fragilidade das equipas, que não conseguiram assumir o controlo da Volta. O facto de não existir um líder em dois dias consecutivos confirma a ideia de que as formações estavam debilitadas fisicamente — muitos dos corredores nunca tinham participado numa prova de dez dias, acusando cedo o esforço.

Sempre que um corredor assumiu a liderança, no dia seguinte ficou de rastos e sem possibilidades de se defender, demonstrando precária condição física, à qual se juntava a inoperacionalidade da equipa. Sucedeu com Manuel Cardoso, Lizuarte Martins, Gustavo César, Ricardo Mestre, João Cabreira e Christian Pfannberger, enquanto Cândido Barbosa perdeu a liderança no segundo dia por culpa própria e a seguir por interesses discutíveis da equipa. Já Carlos Pinho não era homem para se defender no contra-relógio.

Duja-Tavira em grande

O destaque nas equipas portuguesas vai para a Duja-Tavira, com vitórias em três etapas, na classificação final da montanha e da juventude, um nono lugar na geral individual e um dia de amarelo. Pedir mais seria impossível, para quem soube gerir a experiência de Nelson Vitorino, Krassimir Vasilev e Martin Garrido e confirmar aquilo que já se sabia a respeito de Ricardo Mestre, que, além de revelação, confirmou estarmos na presença de um corredor de largo futuro. Contrariamente aquilo que Vidal Fitas quis fazer entender, a sua equipa não teve candidatos à Volta, mas sem essa responsabilidade acrescida conseguiu ser o melhor conjunto português, um conjunto recheado de jovens com valor que fazem regressar Tavira aos tempos de grandes e briosos corredores.

LA Aluminios-Liberty volta a falhar

A LA Aluminios-Liberty foi, de novo, a grande derrotada da Volta a Portugal. Assumiu a corrida desde o primeiro dia. fez as despesas do pelotão ao longo dos dias de corrida, venceu duas etapas e andou de amarelo dois dias. Feitas as contas, venceu a classificação por equipas e dos pontos e voltou a ter na classificação geral os primeiros dois dos últimos, o que sabe a pouco para quem tanto trabalhou. O objectivo principal voltou a falhar, mais por culpa própria do que pelo valor dos adversários, pois a formação de Américo Silva era a mais forte do pelotão. Mas escassearam argumentos para se impor e os resultados estão à vista.

A Maia-Milaneza jogou sempre à defesa. Manuel Zeferino, consciente das limitações dos jovens que comandou, deu sempre a iniciativa às outras formações. Venceu a etapa rainha, na Senhora da Graça, mas no dia seguinte João Cabreira não aguentou a pressão e a equipa não conseguiu demonstrar o poderio revelado ao longo da época. Vitória em uma etapa, um dia de amarelo, João Cabreira e Bruno Pires nos dez primeiros e o segundo lugar por equipas são resultados importantes, embora se esperasse mais.

Comissário contra Carvalhos-Boavista

O Carvalhos-Boavista venceu uma etapa e conseguiu que Manuel Cardoso vestisse de amarelo logo no segundo dia. O terceiro lugar colectivo premia a equipa mais regular ao longo do ano, apesar de se esperar mais de Tiago Machado, numa boa Volta de José Rodrigues e Virgílio Santos, tendo num comissário um adversário invisível...

Missão cumprida para a Barbot-Halecom. A camisola amarela de Carlos Pinho e a qualidade revelada merecem elogios. Claus Moller, com o sexto lugar na geral, cumpriu, mas o dinamarquês já não é o que era, enquanto Sérgio Ribeiro esteve condicionado.

A Madeinox-Bric-Canelas teve o privilégio de, por um dia, liderar a Volta, com Lizuarte Martins. André Vital esteve com os melhores, seguido de Sérgio Sousa, Cláudio Faria e Helder Oliveira. Bruno Neves teve poucas oportunidades de mostrar o seu valor.

O Paredes Rota dos Móveis-Beira Tâmega fez uma primeira metade da Volta sempre na linha da frente, mas nos últimos quatro dias pagou a factura da inexperience. Unai Yus foi a sua melhor unidade, enquanto André Cardoso, Pedro Barnabé e Gilberto Sampaio também merecem nota alta.

Os Algarvios da Imoholding-Loulé estiveram por várias vezes em evidência na primeira semana, através Renato Silva, César Quitério e Joaquim Gregório. Globalmente, conseguiram algumas boas prestações, com relevância igualmente para Ramon Troncoso pelo trabalho desenvolvido.

O Vitória-ASC apresentou-se com limitações. A desistência de Pedro Costa agravou ainda mais a situação que chegou aos limites com a perda de alguns dos seus melhores valores.

A Riberalves-Alcoçaba ficou longe do esperado. Recheada de valores, nunca conseguiu impor-se. Andrei Zintchenko cedo atirou a toalha, Joaquim Andrade, Rui Levarinhas e Helder Miranda ainda tentaram salvar a honra do convento, mas nem sequer conseguiram segurar a camisola da montanha. E assim a equipa de Vitor Gamito perdeu as esperanças de alcançar algo de positivo.

Poucos estrangeiros de qualidade

Das sete equipas estrangeiras, a maior referência vai para a Comunidad Valenciana que, mesmo sem trazer a melhor equipa, venceu com mérito. Valeu pelo colectivo, pela força e pela inteligência de David Blanco na hora certa. Quanto às restantes, a Kaiku venceu uma etapa e andou um dia de amarelo, por Gustavo César. A Team-Barloworld esteve na luta pelos primeiros lugares, com destaque para Félix Cardenas. Os austríacos da Elk Haus-Simplon tiveram um corredor de respeito, mas sem equipa para o ajudar.

A Cerâmica Flaminia, a Lampre-Fondital e a Relax-Gam passaram ao lado da corrida.



Anexo 18. Foto sem limites de 1996, com interação ao texto

A partida para a sua primeira Volta a Portugal, Cândido Barbosa deixava transparecer grande tranquilidade, correndo sem a pressão das provas onde lhe é exigida a vitória. O parense tem, porém, grandes trunfos na estreia voltista, fruto de qualidades por demais conhecidas e por uma experiência internacional de monta para um corredor da sua idade.

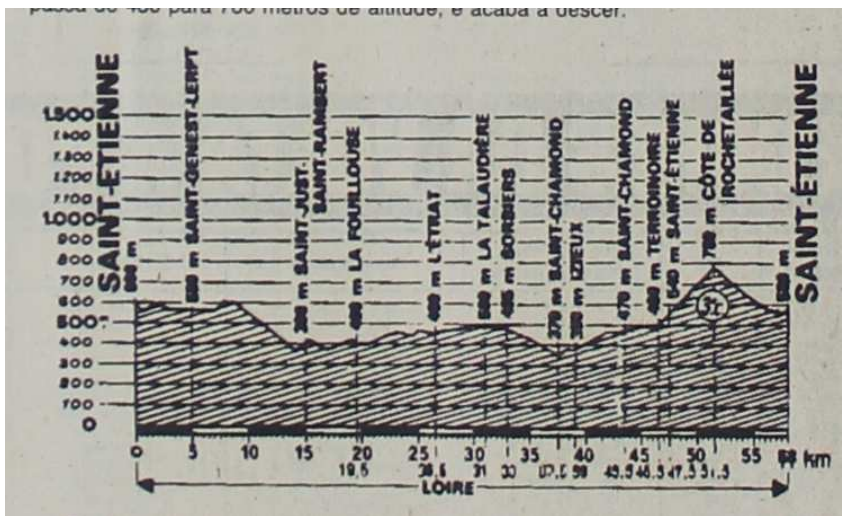
«Para já está tudo a correr como o previsto, dentro dos objectivos delineados», considera, ao fim de quatro dias de corrida, reconhecendo que,

«apesar de estar a recuperar bem, a forma física ainda não é a melhor, algo que se fez sentir na parte final da etapa de hoje [ontem], na qual as pernas começaram a pesar». Um início dificultado pelas características do percurso, «pouco favorável a quem necessita recuperar de um grande desgaste, com a agravante de ter de readaptar-me a fusos horários».

Pelo menos o corredor do W52 Paredes/Fibroma-de tem uma inegável vantagem. Sente-se «perfeitamente à vontade num pelotão de 160 corredores, depois de ter corrido em pelotões maiores», encarando a corrida com a naturalidade «de um Grande Prémio JN, por exemplo. Apenas os objectivos são diferentes em termos de resultados, por-



Anexo 19. Infografia de 1986, a antever a etapa seguinte do Tour



Anexo 20. Cartoon de 1996



Anexo 21. Cartoon de 1956



Anexo 22. "Revisitando a Festa da Estrada" – Rescaldo da Volta de 1996

32 TERÇA-FEIRA, 20 de Agosto, 1996 A BOLA

Em jogo de apresentação **ANDEBOL**
F. C. Porto derrotou (33-22)
Teucro Pontevedra IndyCars **AUTOMOBILISMO**
Andretti em dia de sorte

MODALIDADES
TÉNIS *A expulsão e o «ranking» ATP*
Andrea Agassi em queda Fig. 37

58.^a Volta a Portugal em Bicicleta – de Azevedo a... Zonzuns

REVISITANDO A FESTA DA ESTRADA

Reportagem de MARTINS MORIM e PAULO RIBEIRO
Fotos de RUI RAIMUNDO

A — AZEVEDO, José — A confirmação de uma das maiores promessas do ciclismo português. Participou pela segunda vez na Volta e, pela segunda vez se impôs entre os dez primeiros. O seu talento foi evidente em todos os terrenos. Depois de um 8.^o lugar na estreia e da vitória no Prémio da Juventude, em 1995, ao serviço da Recer/Boavista, terminou a Volta-96 na quinta posição. Campeão nacional de contra-relógio, os seus feitos são já bem conhecidos e apreciados lá fora e pode deixar Portugal no final da época.

B — BARBOSA, Cândido — Uma estreia aquém do que pode. Venceu o Prémio da Juventude, mas não foi além de um 26.^o lugar, a 26 m 33 s do vencedor. Entrou mal na Volta, em consequência dos problemas de saúde que teve em Atlanta, nos Jogos Olímpicos, e não logrou recuperar. Passou as principais montanhas com alguma dificuldade, mas recuperou muito do primeiro para o segundo contra-relógio. Outro valor do ciclismo português que pode estar de malas feitas para... Espanha.

C — CHEGADAS — No melhor pano cai a nódoa. Foram, quase sempre, uma imagem negativa, com

etapas, de forma absoluta. Chamaram a si doze das catorze vitórias possíveis, além, claro, do triunfo final, pelo italiano Massimiliano Lelli. As outras tiveram como vencedores o lituano Saulius Sarkauskas (Recer/Boavista), o belga Hendrick Rentani (TVM), os italianos Roberto Moretti (Selle Italia/Glacial), Paolo Valoti (Cantina Tollo) e Massimiliano Gentili (Cantina Tollo) e ainda o russo Asiat Satov (Artiach/Kelme).

F — FAVORITOS — As equipas portuguesas apresentavam-se pelo menos com três ou quatro: Joaquim Gomes (LA Alumínios), Cássio Freitas (Recer/Boavista) e os manos Abreu e Sampaio (Maia). Havia ainda Quintino Rodrigues, na Artiach/Kelme, e não faltava também quem incluisse no lote Vitor Gamito, da MX Onda. Afinal, falharam todos. Nenhum deles teve pernas para se opor ao inesperado favorito vindo de Itália.

Cabe aqui também falar do Fernando de *O Pescador*, um apaixonado do ciclismo como há poucos. A Volta-96 confirmou que a sua casa é ponto de passagem obrigatório sempre que os ciclistas andam no Algarve. Ali se passam agradáveis horas de convívio e ali se fica a saber muita coisa.

G — GNR — A brigada de trânsito que escolheu a Volta, sob o comando do capitão Monteiro, levou o barco a bom porto e está de parabéns por isso mesmo, mas pode e deve fazer mais e melhor. Mesmo com um número insuficiente de efectivos — a Volta tem crescido de ano para ano — pode e deve, por exemplo, ser mais determinada e intransigente, sobretudo para com os automobilistas que não respeitam as suas ordens. Podem e devem também fazer mais os agentes locais por todo o lado por onde passa a caravana. Mas, para isso, é preciso dotá-los de adequados meios de comunicação entre si e, sobretudo, de espírito de missão. Com frequência, são eles que perguntam aos jornalistas onde vem a corrida. Outras vezes, e quando a mesma pergunta lhes é dirigida, não sabem responder.

H — HOSPITAIS — Instituições de saúde muito visitadas por ciclistas durante a Volta, mas também por jornalistas, vítimas de quedas e de acidentes. As quedas foram muitas e os acidentes graves. Joaquim Sampaio (Maia)

Quando é que isso se viu? A organização tem muito a corrigir e a melhorar neste domínio, embora o público tenha, também, de aprender a respeitar o espectáculo.

D — DESISTENTES — Não foram tantos como se previa. O pelotão da Volta-96 revelou-se bem preparado. E o traçado da prova foi um dos mais duros e mais exigentes dos últimos anos. Dos 158 que alinharam à partida, em Mirandela, só 37 não con-



Cândido Barbosa



Massimiliano Lelli festeja a vitória na Volta a Portugal



As meninas do pódio



Carlos Teixeira



A febre dos telemóveis

teve de ser operado, bem como os jornalistas Carlos Flórido e João Araújo, ambos de *O Jogo*.

H também serve para helicópteros, cada vez mais o meio ideal para transmitir e receber informações. A SIC já o utiliza para as suas transmissões, qualquer dia serão também as rádios e, com a Volta a crescer assim, não tardará o dia em que se transformará em peças indispensáveis para o controlo e segurança do tráfego por onde quer que passe a Volta. Mas também podem prejudicar a prova. Viu-se na S.^a da Graça, quando o vento provocado pelas hélices de um deles derubou barreiras, precisamente na altura em que passavam corredores e isto a escassas centenas de metros da meta.

I — ITALIANOS — Inevitavelmente, teríamos de falar deles. Porque eram em maior número, entenderam-se sempre melhor que os portugueses, dominaram e ganharam. Foram eles, sem dúvida alguma, as vedetas desta Volta a Portugal. Venceram nove eta-

pas, das quais seis por Massimiliano Lelli. Conquistaram a simpatia do público português e prometem voltar para o ano, se não em maior número, pelo menos mais fortes ainda.

Anexo 23 - "Revisitando a Festa da Estrada" - Rescaldo da Volta de 1996

A BOLA
MODALIDADES
TERÇA-FEIRA, 20 de Agosto, 1996 **33**



O pelotão andou em tempo (recordo)

J — JANOTAS — Primeiro nome da equipa portuguesa que menos deu nas vistas. Janotas & Simões. Foi, realmente, modesta a actuação da formação de Pero Pinheiro. Não venceu rigorosamente nada e até nas fugas mal se viu. O seu melhor corredor foi o campeão nacional Manuel Neves, 32º, a 34m 18s do vencedor.

K — KELME/ARTIACH — Uma actuação longe de corresponder às dos dois anos anteriores, quando a componente Artiach venceu a Volta a Portugal, com Orlando Rodrigues. Quintino Rodrigues falhou redondamente em todos os terrenos, mas a equipa também não mostrou a garra das formações que Paco Ginier trouxera antes a Portugal. Acabou por não discutir a Volta nem vencer qualquer etapa. José Luis Rubiera salvou a honra do convento, com um 10º lugar. A Kelme/Artiach foi uma das desilusões da prova.

L — LELLI, Massimiliano — O vencedor incontestado e incontestável, rei e senhor de uma prova que ele ajudou a animar e a projectar além-fronteiras. A sua actuação foi um verdadeiro ritual de bem pedalar em todo o terreno e isto desde o dia em que se apoderou da camisola amarela (2ª etapa) até ao *sprint* final, no contra-relógio Loulé-Loulé. Para quem só queria ganhar algumas etapas isto foi o «máximo». Lelli fez alarde de força e classe e demonstrou, além disso — o que é extremamente importante para os corredores e o ciclismo português — que a participação numa grande prova por etapas não representa, necessariamente, um mal para a presença noutra grande corrida por etapas.

M — MANUEL ABREU — Apesar de ter sido o primeiro dos favoritos portugueses a reconhecer, publicamente, a superioridade do italiano Massimiliano Lelli, acreditou no segundo lugar até ao fim. Apesar das quedas de que

foi vítima — três, das quais duas seguidas — bateu-se por ele como um leão esfofado, no plano e na montanha, a rolar e a sprintar, mas em vão. Acabou por ser apanhado por Vítor Gamito, que acabou por lhe roubar três segundos, no contra-relógio final. Teve, mesmo assim, a honra de envregar a camisola verde dos Pontos, classificação que chegou a liderar durante cinco dias.

N — NETO GOMES — Figura carismática da Volta, de gostos e estilo de trabalho discutíveis, mas homem de grande coração e sempre amigo do seu amigo. No domingo, pôs-se do lado que também conhece — o da informação — e sentiu, como todos nós, a falta de alguém naquela cerimónia. Agarrou o público e ele participou também naquele momento de recolhimento — um minuto de silêncio em memória de José Santiago, falecido na véspera em consequência de um brutal acidente de automóvel.

P — PAULO FERREIRA — O miúdo que mais brilhou até bem perto da Volta a Portugal viu-se transformado em *gregário de luxo* de Manuel Abreu. Fez o que podia e o que não podia, com um espírito de equipa a toda prova. Mesmo assim, conseguiu ainda guindar-se à oitava posição na Geral individual, graças a um notável sétimo lugar no contra-relógio final, bem elucidativo da garra que caracteriza este corredor.

Q — QUEDAS — Foram muitas. Mais que o habitual, cerca de meia centena. Umhas por culpa das estradas, muitas delas mal tratadas e, por isso mesmo, altamente perigosas; outras, por falta de experiência dos corredores portugueses, sobretudo os mais jovens, de competir em pelotão tão grande. O da Volta-96 teve mais de centena e meia de quedas, a maioria dos quais habituals a outra *pelotada*, a ritmos e andamentos mais vivos e a impressionantes mudanças



Vítor Gamito de novo segundo



O aguadeiro

de velocidade. De todas, a mais grave foi protagonizada por Joaquim Salgado (Maia), que teve de ser operado ao fémur.

R — ROSA, José — Venceu em Sintra, depois de ter passado em fuga pela região sadoia onde está sediada a sua equipa, a LA Alumínios/Kauman. Na Malveira. A primeira vitória numa Volta a Portugal, a sua grande alegria, o contentamento de toda uma equipa e de uma região.

S — SANTIAGO, José — A sua morte foi recebida como um choque. O ex-ciclista e ex-director desportivo começava a dar os primeiros passos como jornalista ao serviço de *O Jogo*. Morreu aos 30 anos, em consequência de embate frontal entre a viatura que conduzia e um táxi, que circulava em direcção contrária. Os seus camaradas de trabalho Carlos Florido e João Araújo ficaram gravemente

feridos, mas estão livre de perigo. O ciclismo nacional perdeu uma das suas grandes figuras, o jornalista o homem que mais sabia da modalidade.

T — TVM — Mais uma equipa estrangeira que venceu qualquer coisa: a etapa mais longa, entre Albergaria-a-Velha e Figueira de Castelo Rodrigo (233,3 km), por intermédio de Hendrick Rendant. Foi, além disso, uma formação que manifestou sempre alguma irreverência, envolvendo corredores seus nas muitas fugas que houve, tal como o Tavira e a Troiamarisco. Estas duas formações portuguesas integram, no entanto, o grupo das que nada ganharam.

U — UNIÃO CICLISTA DA MAIA — Venceu por equipas, mas perdeu na luta pelo triunfo individual. Apostou tudo em Manuel Abreu, que bem se esforçou por corresponder às solicitações, mas podia, certamente, ter jogado a carta chamada Joaquim Sampaio, que chegou a dar a impressão de estar melhor que o seu irmão. Contudo, é positiva a actuação da equipa de Manuel Zeferino, se se levar em consideração a superioridade do italiano Lelli. É a única equipa que terminou com quatro homens nos 10 primeiros lugares.

V — VERDE — A camisola mais perseguida por Manuel Abreu, depois da amarela. O símbolo da classificação por pontos acabou por ser arrebatado também por Massimiliano Lelli, mas nunca ficou mal no corpo de Manuel Abreu, que a envengou várias vezes por empréstimo. É que o corredor maia justicou sempre o empréstimo, com marcações cerradas ao italiano, infelizmente para ele, sem proveito, numa luta que se resumiu a estes dois corredores.

W — W52 — A formação de José Monteiro pode queixar-se de ter perdido Américo Silva, precisa e curiosamente em Paredes, bem como Ary Coelho, o que limitou, e muito, a acção colectiva, mas acabou por re-cuperar e terminar, até, com *goals* de que se pode orgulhar. O campeão europeu liderou, desde o princípio ao fim da prova, o Prémio da Juventude, enquanto José Barros venceu as classificações das meias voltas e dos pontos quentes.

X — XADREZ — A imagem de marca de outra formação portuguesa que terminou a Volta com balanço positivo, não obstante o fracasso de Cássio Freitas em termos de luta pelo triunfo individual. O brasileiro falhou no primeiro contra-relógio, não recuperou na montanha e a supercorrida de Loulé não deu mais que um 11º lugar na Geral individual. Mesmo assim, é da Recer/Boavista o único vencedor português de uma etapa. Carlos Carneiro, *camisola amarela* por um dia, é da equipa do Bessa outro vencedor de etapas: Saulius Sarkauskas. Além disso, Carlos Teixeira rendeu bem Delmiro Pereira, uma boa taxa de vulto na sucessão do hito da montanha.

Y — YANKES — A formação norte-americana US Postal estrou-se na Volta a Portugal, mas nada fez de especial. A sua *estrela* Andy Hampsten, figura bem conhecida do pelotão internacional, foi mesmo uma desilusão. Desta formação, fica a ima-

A despedida da Volta



Anexo 24. Antevisão da etapa seguinte em 2006.

A BOLA
TERÇA-FEIRA, 15 de Agosto de 2006 **33**

9.ª ETAPA

QUEIXAS SEM RESPOSTA DO DIRECTOR DESPORTIVO DA CARVALHELOS BOAVISTA, JOSÉ SANTOS

Comissários na perseguição

Por PEDRO FIGUEIREDO e RUI AMORIM

CANSADO de ser o alvo fácil dos comissários, José Santos decidiu queixar-se das alegadas injustiças que a sua equipa tem sofrido. Nesta Volta, as panteras já viram um corredor ser expulso e outros dois serem multados por ajudas. O director desportivo do Carvalhinhos-Boavista contra-ataca e denuncia outras situações, mais graves, para provar a pretensa dualidade de critérios que se tem verificado nas decisões do colégio de comissários.

A etapa da Sr.ª da Graça foi desastrosa para a equipa do Carvalhinhos-Boavista. Nesse dia, Hélder Magalhães foi expulso por ter-se agarrado a um veículo a motor estranho à corrida, Tiago Machado multado por ter sido impulsinado por um espectador e Manuel Cardoso também multado por se ter abrigado momentaneamente num carro de apoio. Episódios a mais e que deixaram o treinador bastante desgostoso.

«Até parece que não há mais corredores a fazer as mesmas coisas. Logo na primeira etapa, entre Portimão e Beja, houve ciclistas que passaram a 120 km/h agarrados ao carro de apoio e ninguém disse nada. Aliás, até havia comissários nas motos a abrir caminho», lembrou José Santos.

O responsável do Carvalhinhos-Boavista fala mesmo de uma «certa perseguição», sem querer revelar o nome do visado, fala em situações



Há um comissário que anda constantemente a ameaçar os meus corredores

JOSÉ SANTOS

concretas: «Há um comissário que anda constantemente a ameaçar os meus corredores de que os vai expulsar sem terem feito coisa alguma».

José Santos já deu a conhecer ao presidente do colégio de comissários, o italiano Eduardo Margiotta, as suas queixas e críticas, mas a resposta foi vaga. «Disse-me que não podia ver tudo».

A única coisa que o director desportivo pretende é que não haja dualidade de critérios na aplicação das sanções aos corredores. «Parece não haver qualquer tipo de justiça quando a Tiago Machado e ao Manuel Cardoso, e quando tantos outros corredores fazem o mesmo, sem que sejam punidos», concluiu.

Quadro das etapas da Volta a Portugal

ETAPA	KM	DIA	VENCEDOR	AMARELA	MELHOR PORTUGUÊS
1. Portimão — Beja	185,5	5 Agosto	Cândido Barbosa	Cândido Barbosa	Cândido Barbosa
2. Arraiolos — Lisboa	180,6	6 Agosto	Manuel Cardoso	Manuel Cardoso	Manuel Cardoso
3. Anádia — Viseu	170,7	7 Agosto	Martin Garrido	Cândido Barbosa	Cândido Barbosa
4. Viseu — S. J. Madeira	157,3	8 Agosto	Carlos Nozal	Lizuarte Martins	Lizuarte Martins
5. Gondomar — Felgueiras	155,5	9 Agosto	Gustavo César	Gustavo César	Renato Silva
6. Santa Tria — Fafe	150,2	10 Agosto	Ricardo Mestre	Ricardo Mestre	Ricardo Mestre
7. C. Basto — Sr.ª da Graça	132,7	12 Agosto	João Cabreira	João Cabreira	João Cabreira
8. Favalos — Guarda	166,4	13 Agosto	David Blanco	Christian Pflanzberger	Carlos Pinho
9. Gouveia — Fundão	144,1	14 Agosto	Krassimir Vasilev	Carlos Pinho	Carlos Pinho
10. Idanha — C. Branco	39,6	15 Agosto			

E para trás ficou...



No mapa da Volta a Portugal é fácil constatar o que o pelotão já pedalou. A linha verde simboliza as etapas realizadas e a vermelha o que falta percorrer

Idanha-a-Nova Castelo Branco 39,6 km



Partida — Junto ao Centro Cultural Ralano, às 13.35 horas
Chegada — Avenida da Europa, cerca das 16.34 horas

Ordem de partida

1. Pablo Urtasun (KAI)	13.52 h	97. Felix Cardenas (BAR)	15.31
90. Tiago Machado (CAB)	15.21	98. Danail Petrov (MIL)	15.33
91. Juan Gomez (ECV)	15.22	99. José Rodrigues (CAB)	15.35
92. André Vital (MAD)	15.23	100. Cândido Barbosa (LAL)	15.37
93. Nuno Ribeiro (LAL)	15.24	101. David Blanco (ECV)	15.39
94. Claus Miller (BHL)	15.25	102. Hector Guerra (LAL)	15.41
95. Bruno Pires (MAI)	15.27	103. João Cabreira (MAI)	15.43
96. Rui Sousa (LAL)	15.29	104. Carlos Pinho (BHL)	15.45

De onde parte 10.ª etapa

Idanha-a-Nova Desenvolvida a partir do castelo ali mandado edificar, em 1187, foi elevada à categoria de vila por Sancho I, que a doou à Ordem dos Templários (1206). Afonso II confirmou a doação e baptizou-a de Idanha, a que mais tarde se juntou o designativo a Nova para a distinguir da mais antiga. É uma estrema absoluta como início ou termo de etapas.

Onde chega

Castelo Branco Terá nascido no local onde existiu a povoação romana Vila Aponiana, admitem os investigadores. O seu nome imediatamente anterior ao actual foi, porém, Vila Franca de Cardoso.

Classificações

9.ª ETAPA
Governo-Punidos
144,1 Km

1. Krassimir Vasilev (BUL) FIJ	3.49.09 h
(Média 37,721 km/h)	
2. José Rodrigues (POR) CAB	a 42 s
3. Pedro Cardoso (POR) MAI	m.t.
4. Juan Gomez (ESP) ECV	m.t.
5. Cândido Barbosa (POR) LAL	a 54 s
6. Danail Petrov (BUL) MIL	m.t.
7. Tiago Machado (POR) CAB	m.t.
8. João Cabreira (POR) MAI	m.t.
9. Carlos Pinho (POR) BHL	m.t.
10. André Vital (POR) MAD	m.t.
11. Bruno Pires (POR) MAI	m.t.
12. David Blanco (ESP) ECV	m.t.
13. Hector Guerra (ESP) LAL	m.t.
14. Claus Miller (GER) BHL	m.t.
15. Felix Cardenas (COL) BAR	m.t.
16. Ricardo Mestre (POR) DUJ	m.t.
17. Nuno Ribeiro (POR) LAL	m.t.
18. António Santos (POR) CAB	m.t.
19. Rui Lavaredo (POR) RBA	m.t.
20. Rui Sousa (POR) LAL	m.t.
21. Domingo Gagliardini (ESP) KAI	m.t.
22. Nelson Vitorino (POR) DUJ	a 1.14 m
23. Ugo Yub (ESP) PRM	a 7.20 m
24. Enrico Franco (ITA) LAM	m.t.
25. David Blanco (ESP) ECV	a 7.23 m
26. Ruggiero Marini (ITA) LAM	m.t.
27. Joaquim Andrade (POR) RBA	m.t.
28. Andre Zinchenko (RUS) RBA	m.t.
29. Pedro Lopes (POR) LAL	m.t.
30. Pedro Barreira (POR) PRM	m.t.
31. Marco Marzotto (ITA) LAM	a 19.10 m

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1. Carlos Pinho (POR) BHL	37.39.03 h
2. João Cabreira (POR) MAI	a 07 s
3. Hector Guerra (ESP) LAL	a 33 s
4. Cândido Barbosa (POR) LAL	a 55 s
5. David Blanco (ESP) ECV	a 57 s
6. José Rodrigues (POR) CAB	a 1.03 m
7. Danail Petrov (BUL) MIL	a 1.03 m
8. Felix Cardenas (COL) BAR	a 1.33 m
9. Rui Sousa (POR) LAL	a 1.34 m
10. Bruno Pires (POR) MAI	a 1.43 m
11. Claus Miller (GER) BHL	a 2.02 m
12. Nuno Ribeiro (POR) LAL	a 2.34 m
13. Juan Gomez (ESP) ECV	a 2.36 m
14. Tiago Machado (POR) CAB	a 2.57 m
15. Ricardo Mestre (POR) DUJ	a 2.58 m
16. Virgílio Santos (POR) CAB	a 4.40 m
17. Pedro Cardoso (POR) MAI	a 5.30 m
18. Christian Pflanzberger (AUT) EIK	a 6.07 m
19. Rui Lavaredo (POR) RBA	a 7.48 m
20. Jassi Hernandez (ESP) REG	a 9.58 m
21. Rui Pires (POR) BHL	a 10.14 m
22. Pedro Barreira (POR) PRM	a 10.18 m
23. André Cardoso (POR) CAB	a 10.41 m
24. Ugo Yub (ESP) PRM	a 11.11 m
25. Joaquim Andrade (POR) RBA	a 11.20 m
26. Pedro Lopes (POR) LAL	a 13.15 m
27. Nelson Vitorino (POR) DUJ	a 14.43 m
28. José Bonilla (COL) ECV	a 16.18 m
29. Sérgio Sousa (POR) MAD	a 16.49 m
30. Carlos Pinho (POR) BHL	a 21.39 m

POR EQUIPAS

1. L.A. Aluminios-Liberty	112.58.23 h
2. Mosa-Miranda	a 32 s
3. Carvalhinhos-Boavista	a 7.02 m
4. Barbal-Haloon	a 11.09 m
5. Comendat Valenciano	a 18.57 m
6. EIK-Hale-Orion	a 21.02 m

MONTANHA

1. Ricardo Mestre (POR) DUJ	48 Pts
2. Nelson Vitorino (POR) DUJ	45
3. Hilger Miranda (POR) RBA	45
4. Christian Pflanzberger (AUT) EIK	34
5. Hector Guerra (ESP) LAL	33

PONTOS

1. Cândido Barbosa (POR) LAL	119 Pts
2. Danail Petrov (BUL) MIL	45
3. Ruggiero Marini (ITA) LAM	44
4. Manuel Cardoso (POR) CAB	43
5. José Rodrigues (POR) CAB	39

ADVENTURE

1. Tiago Machado (POR) CAB
2. Ricardo Mestre (POR) DUJ
3. André Cardoso (POR) PRM
4. Sérgio Sousa (POR) MAD
5. Hélder Oliveira (POR) MAD

A reportagem de «A BOLA» desloca-se numa viatura cedida por SUCURSAL CITROËN SACA VEM

Anexo 25. Rescaldo da Volta de 2006

42 | QUINTA-FEIRA, 17 de Agosto de 2006 | **A BOLA**

VOLTA A PORTUGAL

de **Algarve** a **Alentejo**

David Blanco alcançou brilhante triunfo agora que a Comunidad Valenciana está perto do fim



David Blanco pedalou para a vitória

A. Algarve e Alentejo. Receberam de novo, e de braços bem abertos, a passagem do pelotão nacional. O início em Portimão espelhou as saudades que os algarvios sentiam do ciclismo e Beja (que recebeu uma chegada em 2003) também soube aproveitar o mediatismo da prova, mesmo com os 45 graus sentidos na meta.

B. Blanco, David. Provou como o sofrimento também pode servir para alcançar a glória. Mesmo com arranque discreto, o corredor da Comunidad Valenciana veio a Portugal dar argumentos para que a mais antiga equipa do ciclismo internacional não termine de forma tão cruel.

C. Cândido Barbosa. Não deixa de ser o ídolo dos portugueses, mesmo que não consiga vencer uma Volta a Portugal. O tempo já não corre a seu favor, mas, como o próprio afirmou, já deu muito ao ciclismo nacional: cativou milhares de pessoas e chamou-as às estradas nacionais.

E. Emídio Pinto. É mesmo um nome impar do pelotão. O director desportivo da Madéinox-Brie-Canelas chegou a temer que nem partia de Portimão, por problemas de patrocínio, mas teve a justa recompensa quando Lizuarte Martins vestiu de amarelo na chegada, em casa, a São João da Madeira. O carinho, a ternura e a paixão com que falou na conferência de imprensa desse dia deliciou tudo e todos.

F. Fundão. Tem sido um destino nas últimas voltas, por força das desavenças camarárias quanto à questão de se terminar a etapa da Serra da Estrela na Torre. Mas há um corredor que jamais a esquecerá: Carlos Pinho, ao fim de 17 anos de carreira, conseguiu lá vestir pela primeira vez a camisola amarela.

G. Guerra Hector. Viu-se, a partir da Senhora da Graça, melhor classificado que o chefe-fila da sua equipa e em quem todos os portugueses tinham os olhos postos à espera da vitória final. Papel traiçoeiro que acabou minimizado no contra-relógio. Mesmo assim ficou no 2.º lugar do pódio, à frente de Cândido (3.º).

H. Hélder Miranda. Foi o único corredor da Riberalves que deu alguma alegria, ainda que momentânea, à equipa de Alcobaça. Foi o homem da montanha por três dias, mas nem esse título os homens de Victor Gamito conseguiram arrecadar. Foram a decepção desta Volta.

I. Italianos. Mas que raio vieram fazer à Volta a Portugal as equipas da Lampre-Fondital e da Cerâmica Flaminia? Para passear, mais valia terem programado uma volta turística, que sempre aproveitavam melhor o que o nosso país tem para oferecer...

J. Joaquim Gomes. É, sem a mais pequena dúvida, o estandarte da prova. Homem de consensos, está sempre preocupado com o mais pequeno detalhe para que nada corra mal. O problema é que a Volta só tem mesmo um Joaquim Gomes!

K. Kaiku. Outra equipa espanhola à beira da extinção. Chegou com Adrian Palomares como cabeça-de-cartaz, que logo na primeira etapa, na chegada a Beja, devido a uma queda, conseguiu... um último lugar! Algo que não atrapalhou a equipa, que ainda venceu, com Gustavo César, a etapa entre Gondomar e Felgueiras e que por isso vestiu de amarelo.

Opinião

Por **FERNANDO EMILIO**

Parámos no tempo

A Volta a Portugal nada de novo trouxe este ano. Quando se acusavam os anteriores organizadores de terem parado no tempo, tivemos este ano uma situação idêntica, porque em vez de evoluir a prova perdeu pontos. Se é um facto indesejável que existem situações positivas, não é menos verdade que as negativas são inúmeras. Os regulamentos de uma corrida são para cumprir na totalidade e não podem ser ignorados. Algumas partidas e chegadas geraram confusões e atropelos que não se justificam. A organização pode convidar quem quiser, mas a segurança na linha de meta é fundamental e esteve longe de agradar. O elevado número de pessoas na zona mais importante da corrida só serve para levantar problemas, os quais passam pela segurança dos corredores... como se viu na chegada a Lisboa. Os auxiliares das equipas nunca dispuseram de uma tenda para colocarem o material enquanto aguardavam o final de cada etapa, para não falar nos parques de estacionamento que, além de não estarem devidamente sinalizados, a maioria das vezes não existiam. Nas cerimónias protocolares apenas deveriam estar os corredores — são os homens que lutaram na estrada que merecem ser aplaudidos — e os patrocinadores. O folclore de vedetas que mais uma vez se presenciou nas cerimónias protocolares, algo que só acontece em Portugal, não valorizou a corrida. Para que fique claro, em qualquer outro país esses espetáculos que nada têm a ver com o pódio são realizados em lugares próprios. Em cada cidade, à partida e chegada, as sinalizações referentes à Volta deveriam encontrar-se em todas as vias de acesso e não apenas em algumas. O som da zona de meta torna-se inaudível e não permite diálogos, os repórteres de rádio que o digam pelas gravações, enquanto o livro da Volta não tem a indicação de



João Cabreira venceu etapa rainha na Sr.ª da Graça

Anexo 26. Rescaldo da Volta de 2006

A BOLA QUINTA-FEIRA, 17 de Agosto de 2006 **43**

BALANÇO



Ricardo Mestre, Cândido Barbosa, David Blanco e Hector Guerra no brinde final em Castelo Branco



Como se sofre na Senhora da Graça



Cândido Barbosa acabou a Volta de branco...



... mas era de amarelo que sonhava chegar ao fim

P. **Paredes Rota dos Móveis-Beira Tâmega.** Também teve os seus 15 minutos de fama (um pouco mais), como diria Andy Warhol. Bruno Cardoso também andou dois dias com a camisola azul da montanha e André Cardoso vestiu a vermelha da juventude uma vez.

R. **Ricardo, Mestre.** Sem cerimónias. Guardou a camisola amarela no dia de descanso. Venceu uma etapa, foi líder da corrida e ainda arrecadou a camisola azul e a vermelha no final da prova. Aos 22 anos, no segundo ano de profissional e na sua segunda Volta, que mais se pode pedir? Olho nele!

S. **Sabido, Hugo.** O português da Barloworld, da equipa do gêmeo Efimkin, esteve sempre na linha da frente até ser atacado por uma bronquite, o que o obrigou a desistir. Felix Cardenas e Pedro Arreitunandia não chegaram para as encomendas.

T. **Tavira.** É a única equipa portuguesa com razões para regressar a casa com um sorriso na face. O rendimento de Mestre e Garrido, assim como a vitória de Vasilev na chegada ao Fundão, mais as camisolas azul e vermelha que arrecadaram, fazem da formação algarvia a mais vencedora da prova.

U. **Única.** Gondomar entrou pela primeira vez no mapa da Volta, uma experiência única até para Valentim Loureiro, que prometeu que na próxima edição a cidade voltaria a dizer presente.

Z. **Zeferino, Manuel.** O diretor desportivo da Maia-Milaneza conseguiu enervar os seus adversários com uma equipa de miúdos. O mais traquina foi João Cobreira com a vitória na Senhora da Graça. O rapaz da Agência única até para Valentim Loureiro em segundo lugar da geral individual a sete segundos do líder, Carlos Pinho.

L. **LA-Liberty.** Venceu por equipas, mas outro resultado não seria de esperar dado o esquadrião de ataque com que a equipa da Charreca se apresentou nesta Volta. Os últimos lugares do pódio, na geral individual, não escondem o sabor amargo de falharem a amarela final.

N. **Nozal, Carlos.** Sucedeu a Garrido como vencedor da etapa que ligou Viseu a São João da Madeira. Uma fuga do homem da LA-Liberty que resultou.

O. **Organização.** No dia em que perceberem que são os ciclistas quem devem ocupar o primeiro plano da prova, as estrelas que não pertencem à competição deixam de fazer sentido. Já agora, a empresa de segurança da Volta deve perceber a diferença entre autoridade e autoritarismo.

Q. **Quarta-feira.** Taberna do Zé Dias. Evolve não sorria a mesma sem este recanto. Na neutralização entre Beja e Arraiolos, a noite foi passada perto do Templo de Diana. Ainda dá para sentir o sabor do queijo de ovelha derretido, a cair em fio na tosta.

nossa. Também ficámos sem saber a quem serviu a hora tardia do início das etapas, pois o share de audiência não melhorou, a organização pagou as transmissões e as equipas não viram o resultado de tantas promessas, sentindo-se lesadas pelas alterações que fizeram no seu dia-a-dia e das quais não colheram benefícios. As fiscalizações feitas aos carros de apoio das equipas bateram em porta errada, não eram estes que violavam a legislação mas sim as frequências piratas que inundavam diariamente a zona de meta e que interferiam com GNR, Polícia, Bombeiros e outras instituições. Este ano paramos no tempo, alguns artigos dos regulamentos da UCI não foram cumpridos e casos como o de Lisboa e Fafe não podem continuar a acontecer. As situações aqui focadas são algumas das que se tornaram mais evidentes e que poderiam ter sido evitadas. Não é difícil melhorar a Volta a Portugal, basta ver como se faz por essa Europa fora, talvez com menos despesas e com mais eficiência, mas para que isso aconteça torna-se necessário aprender e ver como se fazem outras Voltas.

percurso alternativo e dos hotéis das equipas. Todas as competições têm objetivos bem definidos. Existem as equipas, os patrocinadores e os organizadores de corrida, mas para que tudo tenha os seus resultados lá está a comunicação social para divulgar o evento. Também nesta área nem tudo correu como devia, o esforço e o zelo do chefe de imprensa tornou-se por vezes insuficiente para apagar alguns fogos. O parque de estacionamento nas chegadas, quando não se encontrava lotado, era inexistente, na sala de imprensa nunca vi nenhum assinalado, nem sei sequer se existiam, embora fosse dos primeiros a chegar. No final de cada etapa devia realizar-se uma vídeo-conferência entre a zona de meta e a sala de imprensa com os protagonistas do dia, para não estarmos sujeitos aquilo que a televisão nos quer dar. O vencedor da Volta, depois da cerimónia e do controlo anti-doping, deveria deslocar-se à sala de imprensa para falar com os jornalistas, como acontece em qualquer Volta como a

etapa. Mesmo assim, Cândido vestiu de amarelo nesse dia e pela última vez.

M. **Martin Garrido.** Foi o corredor que esteve envolvido no incidente que ditou a desclassificação de Cândido Barbosa na chegada a Lisboa. Deve ter ficado uma ponta de raiva no espírito do argentino, pois no dia seguinte, entre Ansião e Viseu, ganhou de raça

... mas era de amarelo que sonhava chegar ao fim



Pelotão terminou a Volta com 104 ciclistas

Anexo 27. Capa de Alves Barbosa em 1956, durante a Volta a França

A BOLA

ANO XII 1506

EDICION VICENTE DE MELO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAVESSA DA QUEIMADA, 22, R.C. TELEFONES: Nº 32012153 Oficinas: RUA LUZ SOBRADO, 67 Inscricão: Nº 1000000000 PROPRIEDADE: SOCIEDADE VICINCA DESPORTIVA, LIMITADA

LISBOA 5.ª FEIRA 19 JULHO 1956

PUBLICA-SE AS 2.ªS, 5.ªS E SABADOS Preço avulso 1\$50

DIRECTOR: ANTONIO RIBEIRO DOS REIS DIRECTOR-ADJUNTO: CANDIDO DE OLIVEIRA

«A BOLA» JUNTO DE ALVES BARBOSA NA «VOLTA À FRANÇA-56»

OS PRENÉUS JÁ LÁ VAO

E O NOSSO CORREDOR MANTEM-SE FIRME ASCENDENDO ONTEM O 11.º LUGAR

REPORTAGEM DE AFONSO LACERDA

Enviado especial de «A BOLA»

Paris, 17 de Julho de 1956. — A Volta a França de 1956, a mais entusiasmada de que se tem notícia, está a decorrer em plena euforia. O primeiro dia de corrida, ontem, mostrou que ainda não há fim para a grande aventura. O vencedor, o francês Raymond Poulidor, foi seguido de perto por o nosso corredor, Alves Barbosa, que se manteve firme no 11.º lugar.

BARBOSA NAS 3 ÚLTIMAS ETAPAS

2.ª FEIRA: 14.ª na etapa 14.ª na «Gralva»
3.ª FEIRA: 15.ª na etapa 15.ª na «Gralva»
4.ª FEIRA: 16.ª na etapa 16.ª na «Gralva»

SENSAÇÃO NA «VOLTA» — Ao ver o homem em quem a imprensa e a crítica de volta a França se tinham habituado a ver sempre a ganhar, Alves Barbosa a 11.º no 1.º dia da Volta a França, o homem de quem se fala...

«A BOLA» E O «TOUR»

Portugal e a expectativa especial com o regresso de Alves Barbosa e o jornal tem acompanhado sua luta a grande competição. A imagem do campeão nacional da Venezuela, Acúrsio e Di Stéfano, também é destaque.

ÉTICA DO DESPORTO «SER OU NÃO SER — EIS A QUESTÃO!»

FOR JOSÉ OLIMPIO

«Ser ou não ser — eis a questão!» — esta é a pergunta que se faz perante o comportamento de certos atletas. O exemplo de Alves Barbosa, que se manteve firme no 11.º lugar, é uma lição para todos.

O CAMPEÃO NACIONAL NA VENEZUELA

ACÚRSIO E DI STÉFANO

OS DOIS ÚNICOS INDISCUTÍVEIS NA «SELECCÃO» DA PEQUENA TAÇA DO MUNDO

CRÓNICA DE CASTRO ROJA

Especial para «A BOLA»

Os dois únicos indiscutíveis na «selecção» da pequena Taça do Mundo são Acúrsio e Di Stéfano. Estes dois jogadores são os melhores de Portugal e a sua presença é essencial para a equipa nacional.

VIDA INTERNA DE UM GRANDE CLUBE

O ENG.º CANCELA DE ABREU DEVE SER O FUTURO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL DO BENFICA

Para preparar a vaga deixada pelo antigo presidente do B. F. P., o Eng.º Cancela de Abreu deve ser o futuro presidente da Assembleia Geral do Benfica.

KUBALA ESCRIVE EM «A BOLA»

OS HOMENS E O SISTEMA

Os homens e o sistema — este é o tema de Kubala, que escreve para «A Bola» sobre o futebol moderno e o sistema de jogo.

MEIO FUNDO

Assim foram as imagens colhidas ontem, em França, e supõem de há muito a expectativa do público português.

MEIO FUNDO

Assim foram as imagens colhidas ontem, em França, e supõem de há muito a expectativa do público português.

Continuação da reportagem sobre a Volta a França e o comportamento de Alves Barbosa.

Continuação da reportagem sobre o campeonato nacional da Venezuela e os jogadores Acúrsio e Di Stéfano.

Anexo 28. Os “favoritos” na edição especial de *A Bola*, dedicada à Volta- 2006

SÁBADO, 5 de Agosto de 2006 **A BOLA** Suplemento

14 EDIÇÃO ESPECIAL **68.ª VOLTA A PORTUGAL**



VOLTA

CÂNDIDO BARBOSA

(LA Alumínios-Liberty)

Volta mesmo à medida

SEGUNDO classificado em 2005, preparou a época de 2006 visando a Volta a Portugal. Após uma intervenção cirúrgica que lhe atrasou a preparação, regista na presente temporada apenas duas vitórias em etapas (no Grande Prémio de Paredes e na Volta a Trás-os-Montes). Muito pouco para um vencedor nato. Excelente *sprinter*, bom rolagador e contra-relógista, tem na montanha o ponto mais vulnerável, lacuna que tem melhorado e que pode, este ano, ser arma a ter em conta. A Volta que hoje começa está feita à sua medida. Aos 31 anos o homem da Rebordosa dispõe de uma equipa que o deverá conduzir até ao dia de descanso com o menor desgaste de energias possível para que, nos quatro últimos dias, possa ter tudo a favor e confirme o favoritismo que todos lhe atribuem.



VOLTA

BRUNO PIRES

(Maia-Milaneza)

Diamante de oferta

E um dos *diamantes* da equipa que brilhou à luz na presente temporada. Chegou a profissional em 2004 na Milaneza-Maia, à qual se ofereceu por nenhuma outra equipa estar interessada nos seus serviços. Depois de uma lesão no início do ano lhe ter alterado a preparação para a Volta ao Alentejo, surgiu espetacular a vencer duas etapas e a geral da Volta a Trás-os-Montes. Volvidos alguns dias sagrou-se campeão nacional e foi segundo na geral atrás do companheiro de equipa Daniil Petrov no Grande Prémio de Torres Vedras, após actuação brilhante no Alto de Montejuízo. Rolador, excelente trepador e com bom desempenho no contra-relógio, tornou-se sério candidato. Sem poder perder tempo até ao dia de descanso, depois dele poderá ser caso sério para os adversários directos.



VOLTA

NUNO RIBEIRO

(LA Alumínios-Liberty)

Vitória sem ser sonho

VENCEDOR da Volta a Portugal em 2003 foi terceiro em 2004. O ano passado rumou a Espanha, à Liberty Seguros-Wurth, mas não se adaptou e optou por voltar a Portugal, regressando à LA, tendo a segunda metade da temporada ficado marcada pelo insucesso espanhol. Face aos resultados menos positivos da equipa ao longo do ano também se preparou a pensar na Volta. O segundo lugar na geral da Volta a Trás-os-Montes e na Clássica da Maria da Fonte, o quinto no Campeonato Nacional e no Troféu Joaquim Agostinho, o sexto no Nacional de contra-relógio e na Volta ao Alentejo fazem prever um bom momento de forma deste corredor completo — bom trepador, contra-relógista e excelente rolagador — que pode, até, sonhar com a vitória a 15 de Agosto na cidade albacastrense.



VOLTA

ANDREI ZINTCHENKO

(Ribalves-Alcobaça)

Russo a ter em conta

SURGIU no profissionalismo em 1995, na equipa russa Santa Clara-Master, mudando-se em 1997 para a Estepona. Mas seria em 1998, na Vitalicio, que atingiria um dos pontos altos ao vencer três etapas na Vuelta. Em 2000 ingressou na portuguesa LA onde venceu mais uma etapa na Vuelta, na chegada aos Lagos de Covadonga. Na Volta a Portugal foi segundo classificado em 2001 e terceiro em 2000, o que não está ao alcance de qualquer um. Bom rolagador, possui melhor desempenho no contra-relógio que na montanha. Aos 34 anos tem razões para sonhar com a vitória. Mas tal como a sua equipa, não regista, esta época, resultados muito expressivos: uma só vitória na etapa de contra-relógio na Volta à Extremadura. É, porém, homem a ter em conta, até porque os últimos dias da Volta são à medida deste russo.



OITO CICLISTAS

Roda dos c



157

Anexo 29. Os “candidatos” à vitória final da Volta, na edição especial dedicada à mesma – 2006.

Suplemento **A BOLA** SÁBADO, 5 de Agosto de 2006 **15**
68.ª VOLTA A PORTUGAL



FAVORITOS
candidatos

CLAUS MÖLLER (Barbot-Halcon)
Veterano do pelotão
D EPOIS de rolar em Espanha e Holanda entre 1994 e 99, ingressou em 2000 na Maia, vencendo a Volta ao Alentejo, o Grande Prémio Sport Notícias e a Clássica Haderslev (na Dinamarca), antes de ser segundo classificado na Volta a Portugal. Campeão da edição de 2002, voltou a ser segundo em 2003. É o corredor menos jovem do pelotão português, mas os 37 anos não lhe retirarão o estatuto de fortíssimo candidato, homem metódico, regrado e profissional de alto calibre. A fractura de uma clavícula em Santa Maria da Feira impediu-o de surgir em bom plano na primeira metade da época, optando por direccionar o trabalho para a Volta, prova à sua dimensão e para a qual se preparou discretamente, mas com o profissionalismo que se lhe reconhece.

JOÃO CABREIRA (Maia-Milaneza)
Jovem competente
V ENCEDOR da Volta do Futuro em 2004, ano em que se sagrou campeão nacional de Sub 23 pela equipa de S. João de Ver, abraçou o profissionalismo no ano seguinte ao serviço do Carvalhos-Boavista, onde passou quase despercebido. Ingressou esta época na Maia-Milaneza sendo a sensação do início da temporada ao vencer de modo soberbo a Volta ao Algarve, num pelotão de figuras internacionais. Um dos jovens em quem Manuel Zeferino apostou, voltou à ribalta na Volta a Terras de Santa Maria, sendo desde então um dos mais competentes operários maiairos no apoio aos vencedores que se foram sucedendo na equipa. Corredor completo — bons desempenhos na montanha, a rolar e no contra-relógio —, é mais uma revelação do ciclismo português que pode estar no pódio em Castelo Branco.

TIAGO MACHADO (Carvalhos-Boavista)
Provas dadas e corridas
M AIS um corredor da nova geração cujo futuro se adivinha brilhante. Sagrou-se campeão nacional de contra-relógio Sub 23, venceu a Volta a Terras de Santa Maria e o Grande Prémio Abimota. Por três vezes conquistou o prémio da juventude, foi segundo classificado no Prémio de Paredes, assim como em quatro etapas. Com apenas 20 anos é dos corredores com mais dias de competição em Portugal, tendo participado recentemente nos Campeonatos da Europa, na Holanda, com bom desempenho. Poderá definir-se como um *todo o terreno*, com boas prestações na montanha e no contra-relógio, além de rolar por excelência. Integra uma das mais equilibradas e competitivas equipas do pelotão nacional, conduzida pelo experiente José Santos. Em circunstâncias normais estará na discussão pelos primeiros lugares.

DANAIL PETROV (Maia-Milaneza)
Búlgaro estratega
T EM 28 anos o búlgaro que se iniciou profissional no Tavira em 2000, se transferiu em 2003 para o Boavista e se manteve em 2004, ano no qual venceu a Volta ao Alentejo depois de espectacular subida no Cabeço do Mouro. Ingressou na Maia em 2005 tendo como resultados mais expressivos a vitória numa etapa, o 3.º lugar na geral e o 1.º na montanha e nos pontos no Troféu Joaquim Agostinho. Esta época vem subindo de forma, sendo um dos estrategas no apoio aos companheiros de equipa nas provas onde saíram vitoriosos: o Troféu Sérgio Paulinho, a etapa de Montejunto e a geral no Troféu Joaquim Agostinho. Excelente trepador e rolador, está no lote de potenciais candidatos à vitória na Volta. Aliás, o ponto menos positivo, o contra-relógio, tem sido trabalhado com vista à última etapa.

Anexo 30. Deuses na Terra em 2006, no jornal *A Bola*



Anexo 31. "Favoritos" nas páginas de *A Bola*, na edição de 1996

A BOLA MODALIDADES **SÁBADO, 3 de Agosto, 1996 37**

CICLISMO
VOLTA A PORTUGAL

Paulo Ferreira, Manuel Abreu e José Azevedo figuram no lote dos potenciais vencedores



MAIA ASSUME FAVORITISMO

Reportagem de **MARTINS MORIM** e **PAULO RIBEIRO**

O jogo do favoritismo é sempre difícil e arriscado. Mesmo assim, não falta quem o pratique. Os órgãos de informação não fogem à regra. Quem vai vencer a Volta-96? Com base na análise de prós e contras do traçado, bem como de virtudes e defeitos das principais figuras do pelotão nacional, **A BOLA** arrisca também alguns nomes.

A primeira ideia que sobressai de uma análise à lista dos vencedores da Volta a Portugal é a de domínio absoluto dos portugueses. Em 57 edições já disputadas, só quatro vezes se registaram triunfos estrangeiros: o belga Houbrechts (1967), o espanhol Manzanque (1973), o inglês Cayn Theakston (1988) e o brasileiro Cássio (1992).

Ora, é a força da tradição que nos ajuda também a apostar na *pratta da casa*, ideia que é reforçada com o facto de os três últimos êxitos estrangeiros terem sido alcançados ao serviço de equipas nacionais, e é também a tradição que nos lembra que, por norma, as formações estrangeiras não apostam no triunfo final. No entanto, se nos últimos anos elas têm sido as grandes animadoras da prova, sobretudo na luta pelas vitórias em etapas, é preciso não subestimá-las. Os triunfos da Artiach, com Orlando Rodrigues em 1994 e 1995, recomendam prudência na análise. Por isso mesmo, a candidatura este ano da Kelme/Artiach, com Quintino Rodrigues, deve ser encarada muito a sério. É, de novo, com um português que ela aposta. E a também espanhola MX Onda traz consigo Vítor Gamito, um nome sonante do pelotão nacional, mas, quanto a nós, em posição algo enfraquecida na hora da partida. Esteve lesionado muito tempo e não é de crer que se possa apresentar na forma máxima. Tem a seu favor a quilómetros dos contra-relógios, mas até eles terá de enfrentar muita montanha, domínio que não é o seu.

Outro nome sonante é o do jovem campeão europeu Cândido Barbosa, que marcou presença entre os dez primeiros nas sete provas por etapas que disputou este ano, mas ainda verde para tamanha exigência. A maior dose de favoritismo vai este ano para os homens

de maneira potenciais candidatos ao triunfo», conclui.

Quintino quer justificar o dorsal

Segundo classificado nas Voltas de 1992 e 1995, ano em que também venceu a Volta a Portugal do Futuro, Quintino Rodrigues, agora ao serviço da Kelme/Artiach, não descarta a responsabilidade de ser um dos potenciais favoritos à vitória final, embora saliente não ser o único, mesmo dentro da sua equipa, que tem outros corredores de grande nível, como Laulefino Cubino. «O que até poderá ser vantajoso, já que me permite uma maior tranquilidade, pois não tenho sobre os ombros toda a responsabilidade da equipa», alega.

«Quanto aos estrangeiros, ainda são desconhecidas as suas intenções, mas, a avaliar pela constituição das equipas que se apresentam em prova, parecem mais interessados em ganhar etapas e deixar a discussão dos primeiros lugares para os portugueses. A Mapei, porém, apresenta-se muito forte, com corredores como Stefano Della Santa ou Gianluca Bartolami, capazes de andar na frente», opina.

O percurso, muito duro e extremamente selectivo, é do seu gosto: «A selecção começará a ser feita logo nos dois primeiros dias, com o contra-relógio de Vagos e as duas etapas na Estrela a decidirem praticamente tudo.» Com o dorsal número um no corpo, Quintino Rodrigues não esconde que pretende chegar a Loulé em primeiro lugar, justificando o acesso a esse número. «Um prémio pelo esforço de 1995,

simbólico, é certo, mas que lembra que fui... o menos derrotado», conclui.

As esperanças de Joaquim Gomes

Joaquim Gomes não tem dúvidas. «Tenho de me considerar sempre um favorito», diz. Por isso, promete «fazer tudo para estar sempre na frente». Não sabe, contudo, se a equipa vai corresponder a esse desafio. «Teoricamente, só o Maia poderá dar essa garantia», lembra o bivencedor da Volta, às características de quem o traçado desta Volta mais parece adequar-se. «Se eu estiver bem na montanha, os contra-relógios não me assustam. Só espero que, desta vez, o azar não me persiga», acrescenta, confiante.

Gomes não ganhou este ano qualquer prova por etapas, mas tem vindo, notoriamente, a subir de forma nos últimos dois meses. «Não foi por falta de ambição que eu não venci nada até agora», ressalva o chefe de fila da LA Alumínios/Kauman. Para ele e para a equipa, a época pode ser salva com uma vitória na Volta

Cássio Freitas aprensivo

Com o desejo, nada secreto, de repetir o triunfo obtido em 1992, Cássio Freitas mostra-se algo aprensivo quanto ao percurso delineado pela organização da Volta, alertando para o facto de «um início tão duro pode prejudicar a prova, roubando boa parte de interesse logo nos primeiros dias». Para o brasileiro da Recer/Boavista, «esta pode tornar-se numa corrida monótona se tudo ficar esclarecido de entrada. Nesse ponto, pode revelar-se uma falha da organização». A quilómetros dos contra-relógios é outro dos reparos a uma prova em que os «roladores terão dificuldades acrescidas graças a quatro chegadas em alta montanha».

Quanto a favoritos, Cássio Freitas, inclui, além do seu nome, «mais alguns corredores portugueses, como o Quintino Rodrigues, cujo director desportivo, Paco Giner, vai querer ganhar a Volta pela terceira vez consecutiva, ou os corredores do Maia, que ganharam quase tudo o que havia para ganhar este ano».

OS PRINCIPAIS CANDIDATOS À VITÓRIA

JOAQUIM GOMES (LA ALUMÍNIOS/KAUMAN)
Data de nascimento: 21-11-1965
Local de nascimento: Lisboa
Peso: 68 kg
Altura: 1,72 m
Pulso: 40

Iniciou a carreira em 1981. É profissional desde 1986. É o melhor trepador português e não rejeia o contra-relógio. Corredor experiente, tem, talvez, este ano, a última oportunidade de entrar no clube do tri. Falta saber se tem equipa que o ajude a alcançar esse objectivo. Venceu as Voltas de 1989 e 1993. Em 1996 participou em 10 provas por etapas, mas não venceu nenhuma. Obteve um 2.º lugar no G. P. *Jornal de Notícias* a outro na Volta a Trás-os-Montes. Classificou-se entre os 10 primeiros em cinco corridas.

QUINTINO RODRIGUES (KELME/ARTIACH)
Data de nascimento: 1-1-1971
Local de nascimento: Vila Nova de Gaia
Peso: 64 kg
Altura: 1,81 m
Pulso: 44

Iniciou a carreira em 1984. É profissional desde 1992. Corredor possante, tem-se revelado especialista na montanha e melhorado muito no contra-relógio. É também um bom rolador. É do tipo anti-quebrar-que-torcer. Foi 2.º na Volta-95, ano em que venceu a Volta a Portugal do Futuro. Este ano participou em quatro provas por etapas em Portugal. Ganhou a Volta a Trás-os-Montes, foi 2.º no G. P. *Sport Notícias/SIC* e no Campeonato Nacional de Estrada e sexto no G. P. Internacional de Torres Vedras.

CÁSSIO FREITAS (RECER/BOAVISTA)
Data de nascimento: 31-8-1970
Local de nascimento: Belo Horizonte (Brasil)
Peso: 68 kg
Altura: 1,81 m
Pulso: 38

Iniciou a carreira em 1982. É profissional desde 1989. Outro especialista da montanha, a quem o contra-relógio também não assusta. É um corredor experiente e, sobretudo, inteligente. Venceu a Volta de 1992. Em 1996, participou em oito provas por etapas e em seis ficou entre os dez primeiros. Venceu a clássica Porto-Lisboa e o Grande Prémio AM3.

PAULO FERREIRA (MAIA/JUMBO/CIN)
Data de nascimento: 3-9-1970
Local de nascimento: Gondomar
Peso: 66 kg
Altura: 1,70 m
Pulso: 40

Iniciou a carreira em 1986. É profissional desde 1991. Foi a grande figura da época. Venceu o G. P. Gondomar, o G. P. *Sport Notícias/SIC* e, em sete, classificou-se entre os 10 primeiros. No entanto, na Volta, o melhor que conseguiu até hoje foi um 4.º lugar, em 1992. Desde que chegou ao Maia deu um enorme salto qualitativo e apresenta-se hoje como um dos corredores mais completos. Falta saber se não se apresentará na Volta com algum desgaste.

MANUEL ABREU (MAIA/JUMBO/CIN)
Data de nascimento: 5-1-1963
Local de nascimento: Guimarães
Peso: 70 kg
Altura: 1,70 m
Pulso: 40

Iniciou a carreira em 1983. É profissional desde 1985. É o que se chama um corredor de combate. Apresenta-se em bom momento de forma. Acusá-lo de veterano é ignorar que Gomes e Cássio são da mesma geração. Integra uma equipa que o pode ajudar a alcançar o que lhe fugiu em 1992, quando foi segundo na Volta, prova em que alcançou um 4.º lugar em 1994. Tem saber, força, talento e experiência para isso. Este ano participou em oito provas por etapas, classificando-se em cinco entre os 10 primeiros. Venceu o G. P. do Minho.

JOSÉ AZEVEDO (MAIA/JUMBO/CIN)
Data de nascimento: 19-9-1973
Local de nascimento: Vila do Conde
Peso: 63 kg
Altura: 1,73 m
Pulso: 40

Iniciou a carreira em 1987. É profissional desde 1994. É o mais jovem dos favoritos. Sobe com os melhores, defende-se bem nos contra-relógios e sabe rolar. O 8.º lugar na Volta-95 e o 4.º na Volta a Portugal do Futuro desse mesmo ano foram sinais de crescimento e maturidade confirmados ao longo de 1996, ano em que participou em nove provas por etapas, tendo terminado entre os 10 primeiros em sete. Além disso, venceu o G. P. de Almoçageme e o G. P. Costa Azul.



A REPORTAGEM DE «A BOLA»
VIAJA NUM CARRO CEDIDO POR
SUCURSAL CITROËN
SETÚBAL

Anexo 32. Capa da Edição especial dedicada à Volta de 2006



Anexo 33. Contra-capa, com infografia inovadora, da edição especial do jornal *A Bola*, dedicada à Volta- 2006.

16 SÁBADO, 5 de Agosto de 2006 **A BOLA** Suplemento

EDIÇÃO ESPECIAL **WOLTA** 68.ª VOLTA A PORTUGAL

Percurso das etapas

Prémios da 68.ª Volta a Portugal*

Total de prémios
€ 139.335

Classificação da Etapa

1	3.345
2	1.685
3	835
4	420
5	335
6	290
7	290
8	165
9	165
10 a 11	85

Classificação geral individual

1	16.725
2	8.325
3	4.175
4	2.100
5	1.675
6	1.250
7	1.250
8	825
9	825
10 a 11	425

Classificação por pontos

Meta Volante
1 60
Geral 1.000

Classificação juventude

Geral 1.000

Classificação por equipas

Etapa Troféu
Geral Troféu
Troféu Troféu

Prémio boa aposta

Etapa 500

Classificação da montanha

Prémio de Montanha

Categoria	1.ª	2.ª	3.ª	4.ª
1	110	90	70	45
2	80	60	50	30
3	45	35	30	20
4				10
Geral				1.000

Camisolas (líder*)

Camisola amarela	50
Camisola verde	35
Camisola azul	35
Camisola vermelha	35

*Se o líder de uma classificação não for o portador da respectiva camisola, por acumulação de camisolas, a diária é paga 50 por cento ao líder e 50 por cento ao portador.

Calendário

DIA	ETAPAS	DISTÂNCIA
5 Agosto - Hoje	1.ª PORTIMÃO-BEJA	186,5 km
6 Agosto - Amanhã	2.ª ARRAIOLOS-LISBOA	180,6 km
7 Agosto - 2.ª Feira	3.ª ANSIÃO-VISEU	170,7 km
8 Agosto - 3.ª Feira	4.ª VISEU-SÃO JOÃO DA MADEIRA	157,3 km
9 Agosto - 4.ª Feira	5.ª GONDOMAR-FELGUEIRAS	156,5 km
10 Agosto - 5.ª Feira	6.ª S. TIRSO-FAFE	150,2 km
11 Agosto - 6.ª Feira	DESCANSO	
12 Agosto - Sábado	7.ª CELORICO DE BASTO-SR.ª DA GRAÇA	192,7 km
13 Agosto - Domingo	8.ª FAVAIOS-GUARDA	166,4 km
14 Agosto - 2.ª Feira	9.ª GOUVEIA-FUNDÃO	144,1 km
15 Agosto - 3.ª Feira	10.ª IDANHA-CASTELO BRANCO	C/R. Ind. 39,6 km



